

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós-graduação em Psicologia

RAÍZA SOLANY EURICO

DO MANHÊS À VOZ

Belo Horizonte

2018

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós-graduação em Psicologia

RAÍZA SOLANY EURICO

DO MANHÊS À VOZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Linha de pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Resende Vorcaro.

Belo Horizonte

2018

Ficha catalográfica

150
E89d
2018

Eurico, Raíza Solany

Do manhês à voz [manuscrito] / Raíza Solany Eurico. -
2018.

101 f. : il.

Orientadora: Ângela Maria Resende Vorcaro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Psicologia – Teses. 2.Voz - Teses.3. Mães e filho -
Teses 4.Psicanálise - Teses. I. Vorcaro, Ângela M. R. (Ângela
Maria Resende). II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Do manhês à voz.

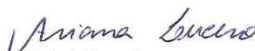
RAÍZA SOLANY EURICO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2018, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Angela Maria Resende Vorcaro - Orientador
UFMG


Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Ianinni
UFMG


Prof(a). Ariana Lucero
UFES

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2018.

À minha mãe, que sempre me amou e me aceitou como sou.
Você não pôde me ver realizar este sonho, mas sei que está
comigo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da Vida.

À minha mãe, por ter me dado a vida, por ter me ensinado valores, por ter me ensinado a perdoar, e por ter me amado.

À minha avó, por ser quem foi e é em minha vida, por não ter medo de ser quem é ou de falar o que pensa, e por ter me amado sempre.

Ao meu amor, por estar ao meu lado mesmo quando eu não sabia que precisava de alguém comigo (ou mesmo quando eu achava que não queria), por ter compreendido quando me ausentei de tantos momentos em virtude dos estudos, por me tirar dos estudos quando eu não conseguia perceber que havia ultrapassado meus limites, e pelo amor, sempre.

Aos amigos e familiares que estiveram comigo no momento difícil por que passei no último ano, sem seu apoio, não teria conseguido. Em especial, agradeço à Patrícia, Júlia, Thaís, Júnia e Lucas, que carinhosamente me acolheram e dividiram comigo as alegrias e angústias desse percurso acadêmico; Ana Maria Mattos, pelo suporte; Anna Ribeiro, pelo incentivo e coragem; Paola Vieira, pelo carinho e cuidado; Thaís Mattos, pela amizade; Sílvia Ferreira, pela atenciosa ajuda com a bibliografia; e a tantos outros amigos cujos nomes encheriam esta folha e aos quais não tenho palavras para dizer da importância que têm em minha vida.

À Ângela Vorcaro, não só pela brilhante e dedicada orientação, mas também pela acolhida (que, confesso, foi uma inesperada e grata surpresa), pelo apoio e pelo incentivo desde o início dessa jornada.

Aos membros da banca, prof. Gilson Iannini e profa. Ariana Lucero, pela gentileza em aceitar o convite e fazer parte desta importante etapa acadêmico-profissional.

À CAPES pelo incentivo financeiro à presente pesquisa e a tantas outras.

Enfim, a todos que fizeram parte dessa caminhada direta ou indiretamente. Todos me ensinaram algo e eu os levarei comigo sempre.

Obrigada!

RESUMO

Eurico, Raíza Solany. (2018). **Do manhês à voz**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre o objeto voz na Psicanálise e sua relação com o manhês, no intuito de entender as causações do sujeito e sua relação com a linguagem e a língua materna. Para tanto, primeiramente definimos o manhês – a fala materna dirigida ao infans – ao sistematizá-lo e apresentar suas características, localizando historicamente o surgimento do termo e sua compreensão como uma hipótese, passando pelas elaborações psicanalíticas a seu respeito e estabelecemos sua distinção da voz como objeto a. No que concerne ao objeto voz, estruturou-se um percurso teórico que abrangeu, num primeiro momento, diferentes áreas do conhecimento para entender o que se concebe por voz nestas áreas para, num segundo momento, acompanhar o que Lacan teorizou a este respeito. Em seguida, articulamos o que se desenvolveu a partir dos ensinamentos lacanianos. Ao longo desta articulação, constatou-se que a voz somente pôde assumir o estatuto de objeto a quando houve uma mudança na perspectiva em relação ao objeto – de imaginário para real – ocorrida durante as conferências lacanianas dos anos de 1958-9. Figurando na exclusiva lista de objetos a desde 1964, à voz foi atribuída a pulsão invocante bem como seu circuito, desenvolvido, entre outros, por Erik Porge em 2014. O estatuto de objeto concedido à voz retira-a, na ótica psicanalítica, do senso comum de que ela estaria relacionada à sonoridade. Entretanto, apesar da evidente distinção entre voz e manhês, eles estão articulados, uma vez que, se a voz só pode aparecer entre um som e outro, entre o significante e outro, e tem seu suporte nas ressonâncias corporais, o manhês propicia, com suas peculiaridades, o que, de materialidade, a voz necessita.

Palavras-chave: Manhês; Voz; Psicanálise.

ABSTRACT

Eurico, Raíza Solany. (2018). **From motherese to the voice**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

This paper has its goal to present a study about the voice as an object of psychoanalysis and its relationship with the motherese, aiming to understand the causations of the subject and the relation with the language and the maternal tongue. For this purpose, first, we defined the motherese hypothesis – the mother directed speech to the *infans* – by systematizing and presenting its characteristics, historically locating the emergence of the term and its understanding as a hypothesis, going through the psychoanalytic elaborations about it and establishing its distinction from the voice as object *a*. As regards to the object voice, a theoretical path was organized and this path embraced, at a first moment, different areas of knowledge to understand what is conceived as voice in these areas, and secondly, keep up what Lacan has theorized about it. Thereafter, we organized what was developed since Lacan. Over this linkage, it was possible to see that the voice only could be considered as an object when there was a change in the perspective regarding the object – from imaginary to real – occurred during the conferences pronounced by Lacan between the of 1958 and 1959. Being in the exclusive list of the objects *a* since 1964, to the voice was given the invocatory drive and its circuit, that has been developed, among others, by Erik Porge in 2014. The status of object given to the voice remove it, on the psychoanalytical optic, of the common sense that it would be related to the sound. However, despite the obvious distinction between voice and motherese, they are related: if the voice can only appear between a sound and another, between a significant and another, and has its support in the body resonances, motherese, with its characteristics, provides the materiality that the voice needs.

Key words: Motherese; Voice; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O MANHÊS E SUAS CARACTERÍSTICAS	13
2.1 Análise acústica da fala materna	19
2.2 O diálogo	23
2.3 O manhês na Psicanálise	26
3 A PULSÃO INVOCANTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A VOZ COMO OBJETO PULSIONAL	34
3.1 Considerações sobre a voz	37
3.2 A voz como objeto na Psicanálise	41
3.3 O caminho da pulsão no contorno do objeto <i>a</i>: o circuito pulsional	43
3.3.1 A questão do objeto <i>a</i> na Psicanálise	45
3.4 Da voz sonora à voz como objeto <i>a</i>: os caminhos de Lacan	56
3.4.1 A voz da pulsão	58
3.4.2 A voz e o circuito pulsional: a pulsão invocante	64
3.4.3 O circuito invocante	71
4. O MANHÊS SE DISTINGUE DA VOZ	77
4.1 Distintos, o manhês co-incide com a voz	84
4.2 Visões divergentes sobre um mesmo relato de caso	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

O que nos conduziu ao estudo que apresentamos aqui foi a necessidade de apreender as possíveis correlações intrínsecas entre as causações do sujeito e a voz, como testemunham estudos sobre o autismo que salientam a especificidade da relação que as crianças autistas estabelecem com a voz – principalmente aquela proveniente do Outro – , os sons e a linguagem.

Partimos da assertiva lacaniana, feita em 1972-3, de que não existe realidade pré-discursiva, para interrogar sobre a inseminação da linguagem no organismo neonato. Sendo este o alvo da investigação, interrogamos: Como se transmite a linguagem entre gerações?

Em 1895, Sigmund Freud ressaltou a condição de desamparo inerente ao ser humano, o desamparo primordial, do qual só é possível para o ser vivente sair com uma ajuda alheia, por meio de uma ação específica – a função materna – que, ao interpretar os sinais do organismo do bebê, situa-o como sujeito, possibilitando, assim, o apaziguamento das tensões orgânicas, o surgimento da função da comunicação e o posterior advento como sujeito – onde o *infans* poderá vir a falar.

Sándor Ferenczi, em 1933, bem mostrou que há uma certa *Confusão de línguas entre adultos e crianças*, e, com Lacan, em 1961-2, percebemos que o cuidador, Outro portador dos códigos da língua, perpetuador da Linguagem e da Lei, está numa posição que ele mesmo (o cuidador) julga superior à posição do *infans*, se incumbindo a tarefa de fazer incidir nesta ordem inferior elementos de sua própria comunidade linguística, utilizando, para tanto, outros elementos destacados daquela ordem inferior, de modo que chega a criar uma nova “articulação languageira”.

Como todo acesso ao laço social e aos discursos instituídos na civilização implica a passagem da natureza à cultura, reconhece-se que tal passagem depende de um agente responsável. Nomeado agente da função materna, esse agente tem função preponderante na transmissão simbólica que culmina na passagem de organismo a ser e de ser a sujeito. Trata-se, portanto, neste trabalho, de examinar os modos pelos quais este agente apresenta a realidade ao infante e intima seu engajamento nela; trata-se ainda, de investigar as modalidades pelas quais o infante responde, até que possa falar em nome próprio e, assim, atestar sua inclusão na Linguagem.

Nessa direção, partimos da mais exteriorizada manifestação da relação entre o *infans* e o agente de cuidados maternantes, dada a ver e a ouvir explicitamente no que se

convencionou nomear como *manhês*. Em seguida, lidamos com as operações que essa modalidade privada de linguagem carrega em seus interstícios, quais sejam, o advento do funcionamento pulsional do bebê. Neste, destacamos o estatuto da voz como objeto, diferenciando-a da sonoridade e articulando-a à cadeia significativa. Assim, enquanto os estudos sobre o *manhês* ressaltaram a prosódia e a sonoridade da voz materna que inunda a criança no lençol da linguagem - ou seja, os atributos simbólicos e imaginários do *manhês* - podemos localizar aí a inseminação operada pelo Outro de uma isca de linguagem, semelhante com o qual a criança se deixa físgar ou que apenas mordisca sem incorporá-la (como os autistas revelam). Nesse encaminhamento, cernimos o que a voz tem de real, enquanto objeto pulsional.

No capítulo que dedicamos ao *manhês* (originalmente *motherese*), destacamos inicialmente estudos e pesquisas que levaram à criação do termo, ocorrida em meados da década de 1970, e sua consequente elaboração como uma hipótese - que posteriormente passou a ser considerada e estudada por diferentes áreas do conhecimento, inclusive a psicanálise; destacamos também suas características específicas (variações de entonação, timbre e intensidade, por exemplo), características estas que o fizeram ser especificado como pertencente à relação que ocorre entre o cuidador e o *infans*, diferenciando-o do discurso que ocorre entre adultos e crianças mais velhas e outros adultos.

No pseudodiálogo que se estabelece entre o par, o cuidador fala por si e pelo bebê, atribuindo-lhe turnos de fala e elevando-o à categoria de interlocutor. A mãe toma os sinais corporais do bebê como correspondentes a atos de fala, e parte de suas próprias experiências para nomear as experiências que seu filho começa a ter.

Na medida em que o *manhês* convoca e institui um território de trocas - o que podemos perceber se procuramos entendê-lo com o auxílio do movimento e do discurso transitivista que ocorre entre uma mãe e seu bebê, no qual a "forçagem" do discurso mantido pela mãe, originado na hipótese que ela faz de que seu filho lhe pede algo, força o *infans* a entrar no simbólico, inseminando neste a linguagem -, o *infans*, deixando-se enredar no gozo com a língua produzido e oferecido pela mãe, é físgado pela linguagem.

No discurso transitivista, a mãe tenta se aproximar daquilo que o filho estaria sentindo, colocando-se assim, na pele dele. A mãe estabelece uma cena na qual o bebê tem voz, a voz que a mãe lhe dá, e ali se estabelece uma conversa em que a mãe opera as duas vozes: a sua e aquela que ela supõe ser a do filho. Quando esta contém uma hipótese materna que lê o que o gesto incógnito do filho escreve, o *manhês* vem, então, cumprir esta função transitivista.

O discurso transativista, a fala ao bebê, é a maneira mais comum de comunicação entre ele (o bebê) e seu cuidador. Imitando os sons que a criança produz e dizendo, numa voz infantil, o que a criança quer, a mãe estabelece uma cena que torna o bebê que não fala, falante *pela* boca dela. Nesse movimento, o manê do agente materno suscita a resposta do ser-sujeito-por-*vir* no *infans*, o que dá origem ao circuito pulsional invocante.

A voz, assim, possui um papel de extrema significância nesse processo. Objeto da pulsão invocante, ela é a responsável pelo fígamento do organismo na linguagem e pela estruturação do circuito pulsional invocante.

Ao nos determos no estudo sobre a voz, incluída por Lacan, em 1959, na restrita lista de objetos *a* primeiramente organizada por Freud e que, até então, contava apenas com os objetos oral (seio) e anal (fezes), nos vimos impelidos a refazer, com o auxílio de diversos autores, o percurso que Lacan trilhou desde *O Seminário, livro 3: as psicoses* – no qual toma a voz como “algo instaurado pelos lugares do discurso” (Caldas, 2007, p. 89), chamando atenção à complexidade da articulação do sujeito que fala nas vozes que ouve e para o caráter interrompido das vozes do delírio –, passando pel’*O Seminário, livro 5* – onde a voz é considerada em relação ao significante e como aquilo que sustenta a presença do significante na fala –, bem como abordando *O Seminário, livro 6* – que neste trabalho assume um importante valor, pois é justamente nele que Lacan institui a forma de corte do *a*, característica das vozes escandidas dos delírios psicóticos que, posteriormente, no *Seminário, livro 11*, entrará em circuito como objeto da pulsão invocante.

A elaboração do circuito pulsional n’*O Seminário, livro 11* foi possibilitada pela retomada, n’*O Seminário, livro 10*, da questão do *status* do objeto *a* que está atrelada à ideia de uma “estrutura definida pelas intervenções da demanda e do desejo nas relações do sujeito ao Outro.” (Porge, 2014, p. 64).

O circuito pulsional estabelecido por Lacan em 1964 se tipifica por seu caráter circular, no qual a pulsão “sai” de sua fonte, a zona erógena (ou *board*), contorna o objeto, tangenciando-o, para então chegar, em retorno, no seu alvo. No que concerne, então, à pulsão invocante, algo se particularizaria, pois, enquanto as outras pulsões (oral, anal e escópica) possuem apenas uma fonte, ela possui duas: o ouvido e a boca.

Lacan não se demorou na elaboração de um circuito específico para cada pulsão ou, mais precisamente, na elaboração do circuito da pulsão invocante, legando aos psicanalistas que o sucederam o fardo da teorização a este respeito.

Dentre aqueles que ousam esta empreitada está Erik Porge, que propôs uma torção no circuito pulsional, torção esta que daria conta de abarcar os dois orifícios-borda que especifica a pulsão invocante. Assim, ao invés de um “simples” direcionamento ao Outro, a pulsão invocante se torce, como acontece na banda de moebius, e é possível retornar, saindo do Outro, para o sujeito.

Neste caminho, deparamo-nos com a complexa, porém necessária diferenciação entre voz e sonoridade.

Iniciada com Lacan, em 1964, quando ele estabeleceu definitivamente a voz como objeto *a* – contida, portanto, nos intervalos daquilo que é dito, no corte –, a distinção entre voz e sonoridade é trabalhada também por Miller (1994/2013), no texto *Jacques Lacan e a voz*, que considera que é possível teorizar a respeito da voz tomando por base o que Lacan desenvolveu sobre o olhar: diferenciando visão como função do órgão e olhar como aquilo que inscreve o desejo do sujeito, de modo a estabelecer uma antinomia entre o olho e o olhar, pode-se também pensar numa antinomia entre orelha (ou o som que se ouve) e voz. Neste sentido, “a voz como objeto *a* não pertence de maneira alguma ao registro do sonoro” (op. cit., p. 4). Acompanham-no neste entendimento autores como Heloísa Caldas, Inês Catão, Michel Vivés e Erik Porge. Este, por sua vez, no precioso texto *O estádio de Eco*, propõe atribuir ao objeto vocal um estatuto dignificado por um estádio: tal qual o estádio do espelho, o autor propõe o estádio de eco como um campo onde a voz materna ressoa no corpo.

Se em seu bojo teórico a voz enquanto objeto *a* recebe um lugar distinto do som, é possível, no entanto, como propõe Ferreira (2015), estabelecer uma espécie de aliança, pois, como nos lembra Caldas (2007), só há voz porque há uma sonoridade, porque há a articulação sonora.

Tomar os cortes que necessariamente se inscrevem nessa articulação perfazendo ritmos e andamentos específicos nos permitiram situar o lugar de incidência do objeto voz.

2 O MANHÊS E SUAS CARACTERÍSTICAS

As primeiras descrições do “discurso materno” direcionado a crianças jovens foram feitas no final dos anos de 1960, e tinham como finalidade refutar a visão predominante de então que encarava a aquisição da linguagem como algo inato e independente do ambiente. Tais estudos foram importantes devido a compreensão de questões concernentes à aquisição da linguagem, bem como contribuíram para a aceitação geral de novas ideias a esse respeito. (Snow, 1977).

Catherine Snow esclarece que “a primeira tarefa empreendida pelos pesquisadores¹ do discurso materno foi simplesmente descrever as características²” (*op. cit.*, p. 32, tradução nossa) deste discurso enquanto o mesmo era dirigido a crianças que estavam aprendendo a linguagem. Os elementos estudados então eram: as características prosódicas (que compreendiam a velocidade, a facilidade de segmentação, a elevação e a entonação da fala, bem como sua disfluência); características de complexidade da fala (sujeito do enunciado, formas verbais, tempo verbal, sentenças complexas e outras); redundância (concretude, substantivo, repetição frasal ou de sentença entre outras).

No que chamou “segunda onda de estudos sobre o discurso materno”, Snow (*op. cit.*) revela que a intenção dos pesquisadores era identificar que situações poderiam fazer esse discurso “forte” ou fazê-lo desaparecer, além de saber “se todo mundo faz isso, se você fica melhor com a prática, se você faz isso porque aprende, se homens e mulheres fazem, se crianças fazem, se todas as classes sociais fazem³”. Ou seja, a intenção, neste segundo momento, mudou de foco, visando uma maior compreensão do fenômeno, indo além das descrições de suas características. Tais estudos deixaram claro que o discurso materno deveria ser visto como “um produto de interações específicas entre mães e filhos” (*Ibid.*, p. 36; 37, tradução nossa).

Charles A. Ferguson, em artigo datado de 1964, trata o *baby talk* como “qualquer forma especial de linguagem que é considerada por uma comunidade discursiva como

¹ Ferguson (1964); Drach (1969); Broen (1972); Snow (1972); Philips (1970; 1973); Remick (1976); Sachs et al (1976).

² “The first task undertaken by mothers’ speech researchers was simply to describe the characteristics of mothers’ speech [...]”.

³ “[...] if everyone does it, if you become better at it with practice, whether you do it because you learn to, if men as well women do it, if children do it, if all social classes do it.” (p. 36).

sendo essencialmente apropriada para falar com crianças jovens e que é considerada como não comum na linguagem entre adultos. ” (p. 103, tradução nossa⁴).

Até meados da década de 1970 não se utilizava o termo “manhês” para caracterizar a fala dirigida a crianças (ou, o discurso materno). Foi somente em 1975 que Elissa L. Newport introduziu o termo *motherese*, com sua dissertação de PhD pela Universidade da Pensilvânia – que teve uma versão publicada em 1977 sob o título “*Motherese: The Speech of Mothers to Young Children*” –, para tratar do que se chamava até então de *Child-Directed Speech*, *Infant-Directed Speech*, *Baby Talk*, ou ainda *Mother’s Speech* (Newport, 2016⁵; Fernald, 2016⁶). No Brasil, o *Infant-Directed Speech* “chegou tal como ele nasceu, ou seja, como uma ‘hipótese’, chamada ‘hipótese do manhês’ ”, e a tradução do termo “*motherese*” para “manhês” (no português) foi feito por Cláudia de Lemos, em 1986. (Ferreira, 2016⁷).

Os brasileiros se referem ao manhês de acordo com a região em que vivem, referindo-se a ele também como “maternalês” (Ferreira, 2001). Atualmente “[...] convém [...] chamá-la de ‘parentês’ [...]”, uma vez que o pai ou outro adulto que cuide da criança, exercendo, assim, a função materna, também pode empregar esta forma de se comunicar com o bebê. (Laznik, 2011, p. 94).

As primeiras pesquisas em relação ao manhês, centradas na natureza da fala materna, chegaram à conclusão de que “[...] tal fala funcionaria como ‘input’ para a criança pequena, e extraíndo dela categorias linguísticas, o infante ‘aprenderia’ a língua”. À medida que o termo sofreu modificações, o fenômeno se adaptou às teorias linguísticas oficiais e “[...] do ‘input’, que era nos anos 70 e parte dos anos 80, considerado comunicativo, adquirido e peculiar de cada língua, passa a ser interpretado como, [...], inato”. (Barros e Cavalcante, 2011, p. 428 – 429). De fato, esta perspectiva encontra-se patente no artigo de Fernald (1992) no qual esta defende a hipótese de que as características presentes no discurso materno teriam sido “[...] formadas pela seleção natural”. (p. 391, tradução nossa⁸). Nesta perspectiva, o manhês é considerado como natural e espontâneo.

⁴ “[...] any special form of a language which is regarded by a speech community as being primarily appropriate for talking to young children and which is generally regarded as not the normal adult use of language.”

⁵ Conversa via e-mail datada entre os dias 30 de setembro e 02 de novembro de 2016.

⁶ Conversa via e-mail datada dos dias 22 e 23 de setembro de 2016.

⁷ Conversa via e-mail datada dos dias 30 de setembro e 12 de outubro de 2016.

⁸ “[...] shaped by natural selection”.

Se nos primeiros estudos em relação ao manhês a criança era considerada um mero receptor de características da língua, na perspectiva conhecida como “input”, atualmente, ao contrário, “[...] tenta-se resgatar a criança, atribuindo-lhe um papel mais ativo [...]”⁹. (Barros e Cavalcante, 2011, p. 429).

Na sua mais recente perspectiva, o ‘manhês’ assume uma roupagem universalista ‘neodarwinista’ (Fernald, 1993) sendo atribuído a esta fala um caráter pré-adaptativo, no qual as saliências prosódicas da fala materna modulariam atenção e afeto para o bebê facilitando sua aquisição linguística, a partir de um aparato perceptual inato pronto a reconhecer determinados padrões acústicos da fala materna. (Cavalcante, 2001, p. 80).

Ressaltamos que, apesar de parecer recente a perspectiva que considera o papel mais ativo do bebê na produção do manhês, Fernald e Simon, já em 1984, afirmaram que a prosódia produzida na voz da mãe está relacionada ao “feedback” do bebê, o que sugere uma participação ativa das crianças na produção do manhês. Este “feedback” do bebê é parte importante na comunicação para provocar e moldar o manhês. Neste sentido, trazemos a afirmações de Marie-Christine Laznik (2011, p. 95), mais recentes, que considera que o manhês é uma cocriação “[...] onde a parte do bebê não é negligenciável”, e de Severina Ferreira (2011), que afirma que a invenção do manhês pela mãe não seria possível sem a participação do bebê, pois sem ele, “[...] não existe manhês [...]”. (p. 247).

Este modo de falar com o bebê, concordam os autores que tratam sobre o tema, está presente em todas as culturas, ou seja, é universal, ainda que apresente variações subjetivas e culturais (Stahlschmidt, 2008; Catão, 2010; Laznik, *op. cit.*)¹⁰. O manhês seria, então, uma “[...] língua que todas as mães do mundo empregam para falar com seu bebê” (Laznik, *op. cit.*, p. 94), ele seria um “‘idioma’ especial” utilizado por aquele adulto que verdadeiramente esteja investindo libidinalmente no bebê. (Pierotti, Levy & Zornig, 2010).

⁹ O resgate do papel ativo da criança na sua relação com a mãe nos remete aos estudos psicanalíticos feitos com crianças em risco de autismo, nos quais trabalha-se a importância do estabelecimento dos três tempos do circuito pulsional – onde, no terceiro tempo, cabe à criança fazer-se objeto, oferecer-se à mãe. Trataremos do papel da criança, bem como do circuito pulsional mais detalhadamente, no texto da dissertação.

¹⁰ Em 1977 Snow destacou dois estudos (Holzman, 1974; Snow et al., 1976) feitos com o propósito de verificar se havia diferenças no discurso materno produzidos por mães de classes sociais diferentes, mas os resultados destes estudos, segundo a autora, não foram conclusivos.

Em 1989, Fernald e colaboradores pesquisaram as características do então chamado *Infant-Directed Speech* em seis línguas diferentes, a saber, Francês, Japonês, Alemão, Italiano e Inglês Britânico e Norte-Americano, tendo encontrado variações de prosódia entre os falantes destas línguas no que concerne ao discurso dirigido a crianças pequenas.

O manhês é a produção vocal melodiosa empregada pela mãe na comunicação com seu bebê e se caracteriza pelas modificações (estruturais, prosódicas¹¹, gramaticais, rítmicas etc.) ocorridas na voz da mãe quando ela se dirige ao *infans*, tal como nos aponta Laznik (2000, p. 89) ao escrever que o manhês “[...] apresenta uma série de características específicas de gramática, de pontuação, de escansão, e uma prosódia especial” que se caracteriza por estupefação e alegria. Caracterizando o manhês Stahlschmidt (2008) escreve:

O manhês é o modo de falar caracteristicamente empregado por mães, ou outros adultos em posição materna, ao dirigirem-se a bebês. Caracteriza-se por empregar, em relação ao modo de expressão observado nas interações com adultos ou crianças mais velhas, tons mais agudos, tempos mais lentos e pronúncia mais curta. (p. 81).

Segundo Maya Gratier (2011), as modificações prosódicas ocorridas no manhês são moduladas de acordo com as variações nas seguintes dimensões vocais:

- a) Altura: a qualidade vocal que diferencia, na produção da fala, o agudo do grave (Tabith Júnior, 1981);
- b) Timbre: “o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como uma caixa acústica”, fazendo o traço que distingue as vogais entre abertas e fechadas (Bechara, 2009, p. 58);
- c) Intensidade: a qualidade que diferencia uma voz dita forte ou fraca e depende da maneira como vibram as pregas vocais (Tabith Júnior, *op. cit.*);
- d) Dinâmica: está relacionada a aspectos como “projeção, volume, ritmo, velocidade, cadência, entonação, fluência, duração, pausa e ênfase” (Gayotto, 2005, p. 402).

Das dimensões sonoras presentes na fala que expusemos acima, o timbre vocal é aquela à qual devemos dedicar maior atenção visto ser aquilo que há de mais singular, “único, próprio a cada indivíduo”, aquilo o que faz de cada pessoa única, funcionando mesmo como que uma “impressão vocal” (analogamente à impressão digital), e que nos permite reconhecer uma pessoa. O timbre é o que, num som, faz com que ele tenha a

¹¹ Bechara (2009, p. 83) define prosódia como “[...] a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas”, sendo sua principal “preocupação” referente à sílaba tônica das palavras.

mesma altura, a mesma duração, e a mesma intensidade de um outro som qualquer, mas que, ao mesmo tempo, o difere e faz com que o som não se pareça de maneira alguma a qualquer outro. Nesta perspectiva, ele se torna aquilo que escapa a toda e qualquer tentativa de concerni-lo ou mensurá-lo. Ele é o “grão da voz”, ele é “a cor do som”. (Vivès, 2016¹²).

O timbre é a negatização do simbólico pelo real ou, dito de outro modo, ele é o que escapa ao poder de simbolização e resta intraduzível. [...] O timbre é sem dúvida um índice de ‘presença’ poderoso, [...]. Nós podemos dizer, a partir disso, que o timbre é a dimensão real da voz. Ponto de real que excede a palavra, mas que, paradoxalmente, torna possível o investimento pelo *infans*. Com efeito, a palavra é transmitida a ele enquanto assombrada pelo timbre da voz maternal. (Vivès, 2016).

Fazemos aqui um ponto de convergência entre a ideia de que o timbre oferece uma qualidade única à voz, tal como fornecesse a ela a qualidade de “impressão vocal” proposta por Vivès (2016), e a ideia de Gratier (2011, p. 80) quando esta considera que a prosódia do manhês confere à voz materna “[...] uma qualidade tão única como a impressão digital.”

As características sintáticas, lexicais e prosódicas do manhês presentes na fala são percebidas, respectivamente, na produção de frases curtas e independentes, paradas durante o enunciado e pela repetição; na simplificação morfológica, reduplicação enunciativa e multifuncionalidade das palavras; bem como no emprego de um tom de voz alto e bastante agudo, de entonação exagerada, com velocidade de emissão mais lenta, silabação e alongamento de vogais. (Catão, 2010). Outras alterações percebidas dizem respeito à frequência fundamental – que se mostra mais alta, na preferência por contornos de tons ascendentes, uso de *falseto* (Barros & Cavalcante, 2011), bem como um timbre mais agudo do que o normalmente utilizado nas conversas entre adultos ou com crianças mais velhas, subidas da voz no final da emissão, e curvas melódicas com maior variação. (Stahlschmidt, 2008).

Num apanhado histórico – que compreendeu o período entre os anos de 1964 e 2011 –, Saint-Georges, Chetouani, Cassel, Apicella, Mahdhaoui, Muratori, Laznik et al (2013) relatam que os estudos feitos dão conta de que os contornos prosódicos do manhês variam de acordo com a intenção da mãe, como chamar a atenção do bebê ou confortá-lo, por exemplo, isso por quê, ainda segundo os autores, os padrões prosódicos presentes

¹² Em palestra proferida em Campinas, São Paulo, em 19 de agosto de 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=J63dOIK4SEU>.

no manhês são mais “informativos” do que aqueles percebidos na fala com adultos e, além, fornecem ao infante a intenção comunicativa do adulto. Os autores escrevem: “Mães de crianças entre 2 e 6 meses de idade usam contornos crescentes quando querem iniciar [...] contato visual, mas usam contornos sinusoidais ou em forma de sino para manter o contato visual e o afeto positivo com uma criança que já está olhando e sorrindo.” (p. 3, tradução nossa¹³).

As características do manhês podem variar de acordo com: a língua (ou melhor, o idioma); a idade ou o gênero da criança; as vocalizações, habilidades e responsividade da criança ou do bebê; ou ainda se a mãe sofre de depressão (Saint-Georges et al, 2013).

O tipo de comunicação propiciada pelo manhês se configura como “não referencial”, uma vez que não tem como principal objetivo especificar a qualidade dos objetos, mas sim “[...] responder e afirmar o interesse do bebê na protoconversa [...]”, possuindo como objetivos: “[...] engajar a atenção, comunicar afeto e facilitar a aquisição da linguagem”. (Stahlschmidt, 2008, p. 82). Neste sentido, os contornos prosódicos teriam o uso específico de “manutenção do afeto positivo e da atenção conjunta”. (Barros & Cavalcante, 2011, p. 429).

Como forma de linguagem musical, o manhês ressalta a dinâmica multimodal da voz que é capaz de organizar as experiências do bebê, fornecendo a ele um sentimento de existência, uma vez que o contorno prosódico na voz que “descreve um gesto vocal pode ser próximo a um gesto corporal” (Gratier, 2011, p.79).

A análise do diálogo entre uma mãe e o seu bebê nos permitem verificar de fato as realizações linguísticas maternas, apontadas anteriormente, de acordo com um conjunto de elementos, a saber: (a) quanto à forma das palavras, (b) quanto à estrutura sintática das frases e, (c) quanto aos traços paralinguísticos. (Ferreira, 2001)

Em relação à forma das palavras (a), podemos verificar, nas sentenças da mãe dirigidas a seu bebê, a presença de diminutivos e repetições: “[...] (menininho, mamãezinha) [...]”, “[...] (mamãe, sim, conte) [...]”. (*ibid.*, p. 98).

As repetições, não só silábicas, mas também de palavras inteiras, frequentes nestes diálogos, podem surgir em contextos pontuais e diferentes, possuindo, assim, funções distintas, ainda que apresentem materialidade fônica semelhante. Esta ocorrência é chamada pela linguística de “multifuncionalidade de palavras” e se constitui como uma

¹³ “Mothers of 2- to 6-month-old infants use rising contours when seeking to initiate [...] eye contact, but they use sinusoidal and bell-shaped contours when seeking to maintain eye contact and positive affect with an infant who is already gazing and smiling”.

das particularidades do manhês. Comparada à fala entre adultos, a fala da mãe com seu bebê não apresenta moderação dos elementos prosódicos, nem mesmo uma moderação no uso da repetição. (Ferreira, 2011).

Quanto à estrutura sintática das frases (b), considera-se que as sentenças são pequenas e simplificadas: “[...] (‘tão lindo de mamãe\’ ‘sim mamãe sim\’ ‘diga pra mamãe\’)”. (Ferreira, 2001, p. 98).

No que diz respeito aos traços paralinguísticos (c), observa-se um timbre de voz mais agudo, no qual é possível notar “[...] uma linha melódica traçada com curvas entonacionais ascendentes e descendentes bem marcadas [...]”, e também “[...] pontos silábicos que se destacam pelo tom mais forte com que são regularmente produzidos (‘lin’ em ‘lindo’, ‘mãe’ em ‘mamãe’ e ‘zin’ em ‘mamãezinha’)”. (*ibid.*, p. 99).

Os aspectos dinâmicos (os traços prosódicos) da voz materna fazem com que o bebê prefira a fala materna à de outra mulher, suscitando reações da parte do bebê, operando, assim, como uma “linguagem significativa” para o mesmo. (*ibid.*).

Laznik (2011, p. 96) parece partilhar do pensamento exposto acima ao escrever: “Os recém-nascidos preferem escutar a voz de sua mãe do que a de outra [...] mulher [...]”, fazendo a seguinte ressalva: “[...] exceto se a outra mulher se dirige em manhês e não sua mãe”. Esse interesse, essa apetência do bebê pelo manhês está muito mais aparente quando há um direcionamento de um “verdadeiro manhês”, do que quando se direciona um “falso manhês” – que é produzido, por exemplo, quando a mãe fala com o bebê que não está no mesmo recinto que ela. Atribui-se a esta apetência do bebê para o verdadeiro manhês a audição privilegiada da voz materna que eles teriam desde o útero. (Stahlschmidt, 2008; Casterède, 2000¹⁴; Klaus, 1989¹⁵).

2.1 Análise acústica da fala materna

Como temos destacado até aqui, há diferenças na melodia entre a fala de um adulto dirigida a um bebê ou criança jovem e a fala de um adulto dirigida a crianças mais velhas ou outros adultos. Mesmo a fala de adultos dirigida a um bebê comporta diferença: o adulto pode ou não direcionar ao bebê uma fala que carregue as características prosódicas do manhês.

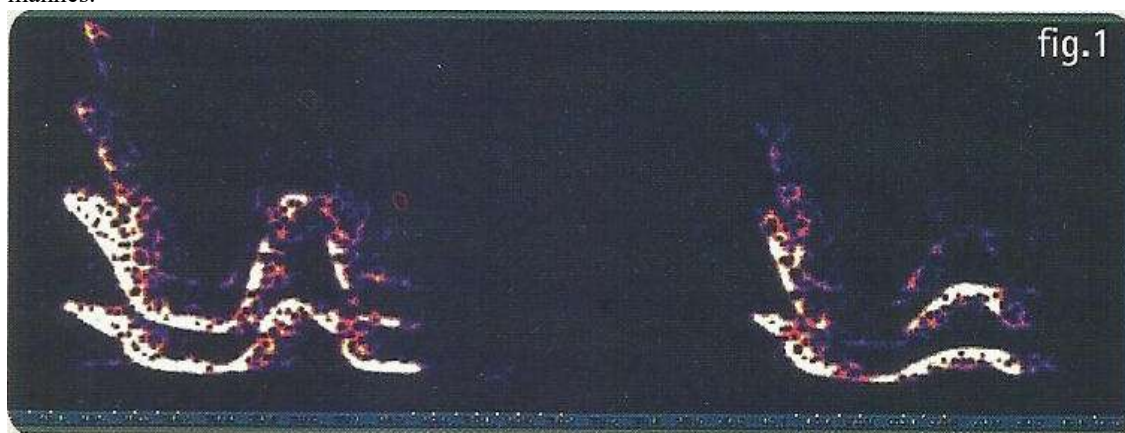
¹⁴ Casterède, Marie-France. *La voix et ses sortilèges*. Paris : Les Belles Lettres, 2000.

¹⁵ Klaus, Marshall, Klaus, Phyllis. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

No intuito de verificar objetivamente e entender melhor essas modificações, pesquisadores têm utilizado um software desenvolvido pela Universidade de Amsterdã, na Holanda, chamado PRAAT¹⁶. (Cf. Laznik & Parlato-Oliveira, 2010).

Temos abaixo imagens retiradas de análises acústicas feitas com o PRAAT de falas direcionadas a bebês e que nos permitem perceber nitidamente algumas diferenças. As figuras 1 e 2 apresentam uma análise acústica de um fragmento de fala, e as figuras 3 e 4 mostram uma análise espectral de fragmentos de fala.

Figura 1 – Análise acústica de fragmento de fala de um adulto dirigida a um bebê com utilização do manhês.



Fonte: Laznik e Parlato-Oliveira (2010, p. 57 – 61).

Esta primeira figura traz a análise acústica de uma fala produzida por um adulto que se dirige a um bebê utilizando o manhês. As curvas presentes são produzidas a partir da união de picos prosódicos. Os espaços vazios, característicos do manhês, são muito importantes, uma vez que é nesse espaço que o bebê poderá interagir com a mãe, participando da conversa. Esta interação é chamada de protoconversa¹⁷, e se caracteriza como “[...] um discurso não-verbal regulado pela dinâmica relacional afetiva [...],” (Trevarthen & Aitken, 2001, p. 08, tradução nossa).

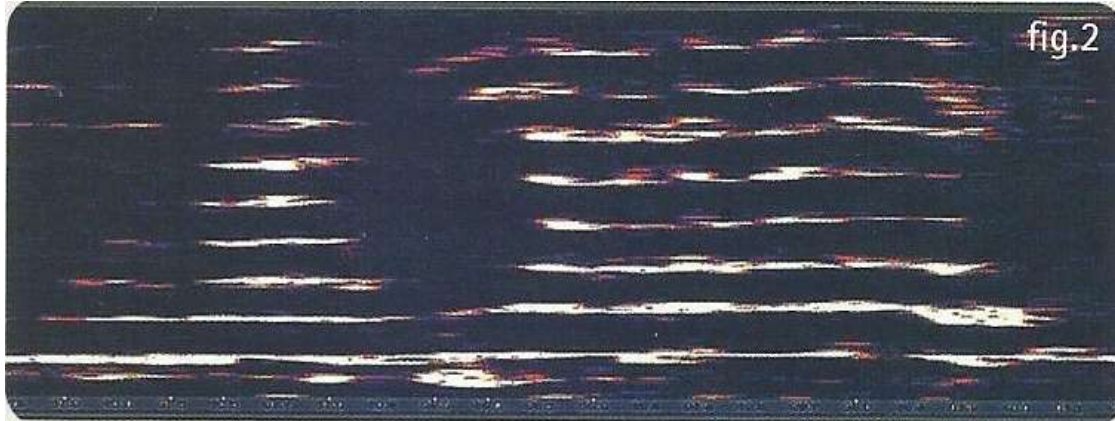
A segunda figura (abaixo), em contraponto com a anterior, apresenta um fragmento de fala cujo adulto não se dirige ao bebê utilizando o manhês. Comparada à primeira figura, podemos perceber que esta não apresenta as características específicas

¹⁶ <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

¹⁷ Trevarthen e Aitken (2001) afirmam que o termo protoconversa foi cunhado por M. C. Bateson na década de 1970. Nas décadas seguintes, ainda segundo os autores, estudos revelaram que essa “sociabilidade natural” do infante percebida na protoconversa servia também de motivação para a parceria, levando-o a desenvolver confiança e, eventualmente, à linguagem.

do manhês: curvas entonacionais com os picos prosódicos, assim como não apresenta os espaços que permitem a interação sonora do bebê.

Figura 2 – Análise acústica de fragmento de fala de um adulto dirigida a um bebê sem utilização do manhês.



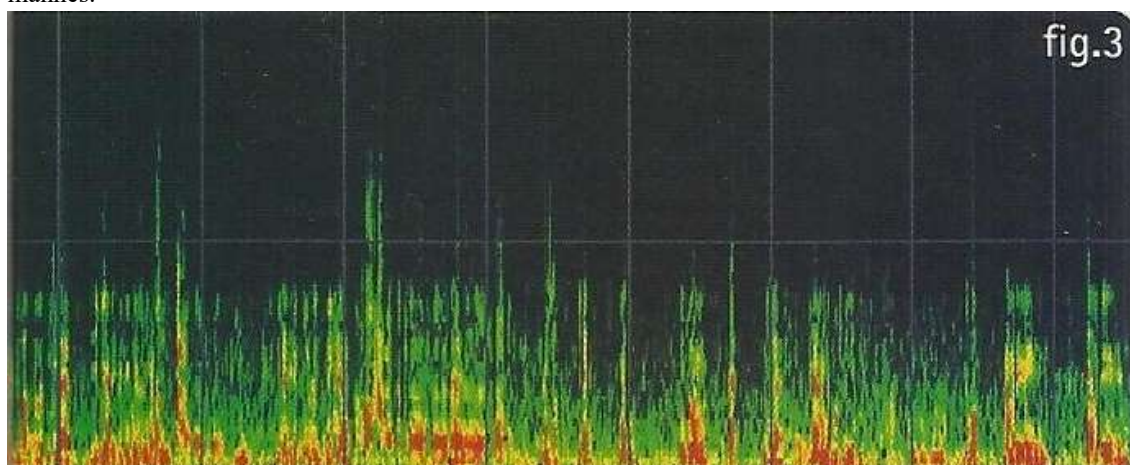
Fonte: Laznik e Parlato-Oliveira (2010, p. 57 – 61).

Os alargamentos dos tempos de cesuras entre as palavras – que podemos ver na primeira figura –, também conhecidos como escansão, representam um “saber” da mãe sobre a importância destes intervalos, “[...] como se, desde o início, a mãe procurasse dispor os cortes que fariam a significação surgir”. Esta forma de dirigir-se ao bebê, alargando o tempo entre as palavras, produzindo assim uma significação, é importantíssima para que seja possível a escuta. (Laznik, 2011, p. 47).

As terceira e quarta figuras (abaixo) apresentam uma análise espectral de fragmentos de falas, mostrando a concentração de energia acústica em cada um dos fragmentos. Quanto mais vermelho, mais energia despendida; quanto mais alto os pontos vermelhos, maiores os picos prosódicos.

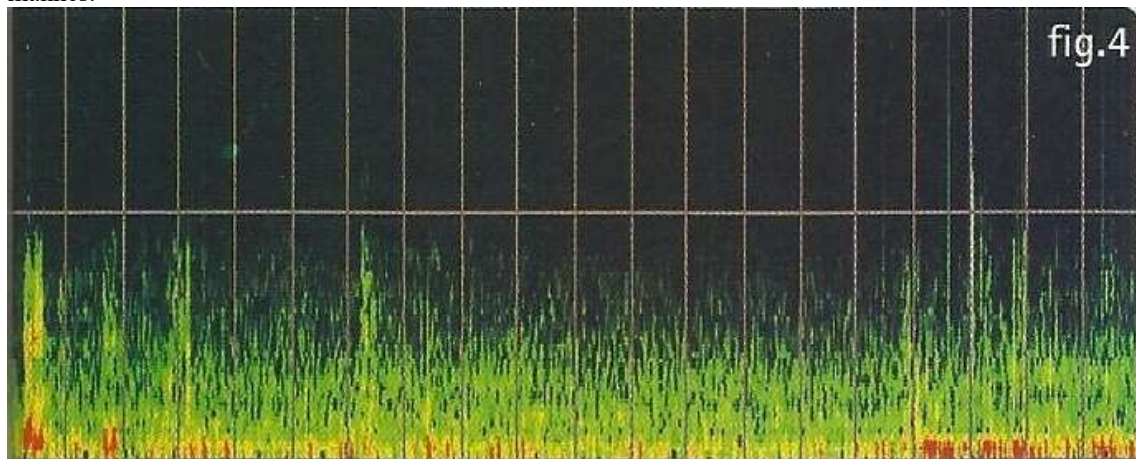
Na figura três – que traz um fragmento de fala com elementos característicos do manhês –, é possível perceber que os picos prosódicos estão por toda a imagem, o que nos indica um dispêndio significativo de energia durante a fala. Já a quarta figura é um fragmento de fala sem características de manhês. Nela percebemos que os picos prosódicos quase não estão presentes, o que indica pouco ou nenhum dispêndio de energia ao dirigir a fala ao bebê.

Figura 3 – Análise espectral de fragmento de fala de um adulto dirigida a um bebê com utilização em manhês.



Fonte: Laznik e Parlato-Oliveira (2010, p. 57 – 61).

Figura 4 – Análise espectral de fragmento de fala de um adulto dirigida a um bebê sem utilização do manhês.



Fonte: Laznik e Parlato-Oliveira (2010, p. 57 – 61).

Apesar de notória diferença entre os espectros não é possível deduzir daí qualquer hipótese etiológica (Laznik, Maestro, Muratori, & Parlato, 2005). Lembramos que a competência da mãe em produzir o manhês já havia sido abordada e que, os estudos feitos (Fernald & Simon, 1982¹⁸; Burnham, Kittamura & Wollmerconna, 2002¹⁹) já haviam mostrado que tal competência seria questionável caso o bebê não estivesse no mesmo ambiente que a mãe e que a prosódia de sua fala sofreria influências das reações do bebê nos momentos de interação.

¹⁸ Fernald, a. & Simon, t. (1982). Expanded intonation contours in mothers speech to newborns. In: *Developmental Psychology*, 20 (1), p. 104-13.

¹⁹ Burnham, D., Kitamura, C., & Vollmerconna, U. 2002. What's new Pussycat? On talking to babies and animals, *Science*, n. 296, 2002, p. 1435.

Pensamos tratar-se, neste dispêndio de energia, do investimento libidinal que o Outro que se ocupa em cuidar do bebê faz ao dirigir-se a ele em manhês. Como nos lembram as palavras de Pierotti et al: “De nada adiantaria falar apenas mecanicamente, é necessário que haja força libidinal nas palavras ditas pela mãe”. (2010, p. 424).

2.2 O diálogo

O manhês é construído a partir das interações entre mãe e bebê. É nos espaços vazios, perceptíveis na primeira figura, característicos do manhês, que o bebê interage com a mãe, construindo, assim, um diálogo: “[...] a mãe se dirige ao bebê dialogicamente, atribuindo-lhe turnos de fala, ou seja, um espaço temporal durante o qual o bebê pode se manifestar”. (Laznik, 2011, p. 97). Esse espaço temporal, que podemos também chamar de espaço transicional, deixa um “[...] tempo estratégico para que o bebê entre no canal e dê sinal de que está na linguagem.” (Pierotti et al, *op. cit.*, p. 427).

Esse diálogo, ao qual podemos nos referir também como “pseudodiálogo” (Cavalcante, 2001) ou protoconversaço, pode ser percebido já na sala de parto, logo após o nascimento do bebê, como vemos no trecho abaixo:

Uma mãe chama seu recém-nascido que acabou de ser colocado no seu peito: “Meu bebê! Meu bebê!”. A bebê eleva seus olhos em direção ao rosto de sua mãe e seus olhares se encontram. A mãe fala no lugar da bebê: “De quem é essa voz? Eu conheço esta voz! É a voz da mamãe!”, e porque seu bebê falou, a mãe lhe responde: “Mas sim minha pequena, é a voz da mamãe! É a voz da mamãe!”. (Laznik, 2011, p. 97).

Nesta perspectiva, a mãe se encontra tão fusionada ao bebê que “[...] fala dele na primeira pessoa como se fosse ela”. (Pierotti et al, *op. cit.*, p. 426).

Na protoconversaço o bebê e o adulto seguem um modelo rítmico e de regularidade previsível, trocando sons, expressões faciais ou gestos – às vezes de modo sincrônico e, mais frequentemente, alternando em intervalos regulares. Os bebês “[...] percebem e repetem em espelho as narraçoões de emoçoões entendidas na voz”. (Trevarthen, 2011).

Os interstícios do ritmo musical presentes na protoconversaço permitem ao bebê se construir na relação com seu Outro primordial. É a musicalidade desse diálogo que permitirá o compartilhamento das experiências intersubjetivas, sendo esta atividade o momento em que mãe e bebê “[...] compartilham suas experiências de maneira direta e

imediate em um espaço intersubjetivo”. (Trevarthen & Gratier, 2005 citado por Laznik, 2011, p. 98).

Durante a protoconversao, ao mesmo tempo em que escutam e prestam ateno à voz, os bebês olham para a boca e para os olhos da pessoa que se dirige a eles, e se movem seguindo a fala do adulto, de forma sincronizada: durante a comunicao, tanto a mãe quanto o bebê são capazes de combinar ritmos e acentos vocálicos, de modo a poderem utilizar melodias, alturas, timbres, bem como formas prosódicas similares, o que motivaria o adulto na interao e maternagem instintiva, bem como o levaria a tentar imitar o bebê liberando a musicalidade da voz, expressões faciais, gestos, posturas. “Na protoconversao, um infante de dois meses e sua mãe se comunicam através de várias modalidades de percepo e expressão, transmitindo informaes sobre [...] ritmos e emoes, principalmente por contato visual, pela voz, expressão facial e gesto. ” (Trevarthen & Aitken, 2001, p. 11, traduo nossa²⁰).

A protoconversao pode ser liderada pela mãe bem como pelo bebê: “O infante pode ser aquele que sintoniza e que acompanha o pai ou a mãe com gestos e vocalizaes bem sincronizadas, mostrando até antecipao de eventos salientes, como vogais prolongadas no final de uma frase ou estrofe²¹”. (Trevarthen e Aitken, *op. cit.*, p. 12, traduo nossa). Nesse pseudodiálogo acontece, então, uma interao positiva entre mãe e bebê, favorecendo o estabelecimento de uma reciprocidade afetiva, o que é fundamental para uma “[...] aquisio subsequente de comportamentos vocais mais apropriados”. (Barros & Cavalcante, 2011, p. 430).

Estabelecendo turnos de fala, a mãe eleva o bebê à categoria de interlocutor e “[...] considera os sinais produzidos por ele como atos de fala [...]”, atos estes que ela dará uma traduo, um significado, falando no lugar do bebê. A mãe assim procede porque o bebê ainda não é capaz de fazê-lo. (Sílvia Ferreira, 1995 citado por Laznik, 2011, p. 97). À medida que assume os turnos do bebê, elevando-o à categoria de interlocutor, a mãe está utilizando um dos processos constitutivos do diálogo, a saber, a reversibilidade de papeis: “ora ela faz do bebê o ouvinte, ou seja, o destinatário de sua mensagem, ora faz do bebê

²⁰ “In protoconversation, a two-month-old infant and a mother communicate by many modalities of perception and expression, transmitting information about [...] rhythms and emotions, principally by eye-to-eye contact, voice, facial expression and gesture.”

²¹ “The infant can be the one who attunes to and accompanies the parent with nicely synchronous gestures or vocalisation, even showing anticipation of salient events, such as the prolonged vowel at the end of a phrase or stanza.”

o falante e ela se torna então a destinatária da mensagem do bebê, à qual ela atribui um sentido”. (Ferreira, 1997, p. 80).

Nos turnos de fala do pseudodiálogo, quando a mãe fala pelo bebê – interpretando comportamentos e sinais –, tem-se o que se chama “fala atribuída” ou “como se²²”: “[...] a mãe põe em evidência a própria criança, no papel de locutor, ao atribuir-lhe ‘voz’ nesta fala atribuída”. Esta atividade de atribuição de fala é uma atividade especular própria da relação mãe-bebê e se caracteriza como um momento único em que o lugar dialógico do bebê é manifesto. A mãe, “[...] sujeito interpretante, instância da língua em uso [...]” dá sentido à “fala da criança”, e é “justamente através deste movimento de estar na fala do outro, que a criança caminha na subjetivação”. (Cavalcante, 2001, p. 82).

A fala atribuída, ou “como se”, é dividida em dois níveis: “interpretativa-comportamental” – que se dá “[...] quando a mãe atribui a algum comportamento do bebê (vocal ou corporal) uma interpretação” –, e “passível de deriva” – assim designada porque “[...] nada dentro do contexto imediato (comportamento do bebê) leva à sugestão do conteúdo a ser produzido no enunciado materno”, e sofre modificações ao longo do tempo, assumindo uma estrutura diferenciada, acompanhando o desenvolvimento vocal do bebê: “[...] da total indeterminação comunicativa, para, aos poucos tornar-se mais presente na interação, assumindo seus próprios turnos”. Sua frequência durante os primeiros meses é maior “[...] e vai diminuindo a partir do sexto mês até assumir uma estrutura prosódica nova ao final do oitavo/nono mês, para então extinguir-se”. (Cavalcante, 2001, p. 89; 83; 83 – 84). Essa modificação deve-se ao próprio desenvolvimento da criança, de maneira que, de acordo com seu crescimento, o adulto molda sua fala ao dirigir-se a ele. (Pierotti et al, 2010).

A maneira como a mãe fala bem como a maneira como ela olha para o seu filho são, em determinado momento da vida do bebê, mais relevantes do que “o que” ela fala com seu bebê. (Stahlschmidt, 2008). O manhês, com suas características próprias, comunica algo para além do significado das palavras, ele comunica afeto, alegria, estupefação, prazer, de modo que o bebê deixa-se encantar e alienar na relação com o Outro, representante do campo do simbólico e, ao mesmo tempo, alteridade. Suas características especiais fazem do manhês um excelente instrumento por meio do qual a mãe insere o bebê no campo da linguagem e:

²² “Termo [...] utilizado por Lyra e Rossetti-Ferreira (1989). A fala atribuída é tomada como sinônimo” (Cavalcante, 2001, p. 82).

[...] se tudo correr bem [...], a musicalidade deste momento inicial, estabelecerá alicerces para que advenha a palavra, fazendo com que o bebê, partindo deste tempo em que é falado pelos pais, possa um dia falar de si, constituindo-se como um sujeito desejante. (Stahlschmidt, 2001, p. 114 – 115).

Inserindo-se de maneira definitiva nos estudos do manhês através da protoconversa (Ferreira, 2011), a psicanálise tratará do momento inicial da relação entre mãe e bebê a partir da formulação lacaniana que situou a voz, bem como o olhar, na lista dos objetos pulsionais apresentados por Sigmund Freud, a saber, o seio e as fezes²³.

Tomando a voz como objeto *a*, os autores trabalharão o manhês como algo que veicula um gozo que favorece tanto ao bebê como à mãe (Ferreira, *op. cit.*). Neste sentido, o diálogo da mãe com seu bebê, o qual se deixa enredar pelo gozo do Outro, ou seja, no seu campo pulsional, tem um poder de invocação quase absoluto, de modo a ser um dos determinantes da alienação do *infans* ao desejo do Outro (Laznik, 2004/2013), e permite fazer referência à pulsão invocante (Ferreira, *op. cit.*), com a qual o Outro, com o investimento libidinal que imprime em sua voz ao dirigir-se ao *infans*, “chama” o sujeito por vir no bebê, até que o bebê, no movimento de fechamento do circuito pulsional, se faça chamar pelo Outro, dando sinal, assim, de que foi fígado pelo anzol da Linguagem.

2.3 O manhês na Psicanálise

O manhês é tomado como objeto de estudo por diferentes áreas do conhecimento, como vimos até aqui, cada qual se dedicando à(s) característica(s) do manhês que lhes dizem respeito. Com o ‘auxílio’ da Linguística, Ferreira (1990; 2001) nos mostrou as realizações linguísticas maternas quanto à forma das palavras, quanto à estrutura sintática das frases, e quanto aos traços paralinguísticos. Ao trabalhar em um projeto do Departamento de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, denominado *Música para bebês*, do qual fazia parte, Stahlschmidt (2002, p. 8) analisou a “função da música, enquanto atividade lúdica e elemento constitutivo da voz, na construção e consolidação dos laços mãe-bebê, ou cuidador-bebê, discutindo suas implicações na estruturação psíquica deste e sua constituição como sujeito” lançando mão das características melódicas presentes no manhês, como entonação, por exemplo. Com a acústica, é possível ainda ter acesso ao que, do manhês, é mensurável, como nos mostraram Laznik e Parlato-Oliveira (2010).

²³ Fato que trabalhamos pormenorizadamente no capítulo posterior.

Em sua dissertação de mestrado, Ferreira (2016, comunicação pessoal) faz uso do *manhês* numa outra perspectiva, pela primeira vez, tornando o *manhês* uma noção comum à Psicolinguística e à Psicanálise, de modo que “deixa então de ser abordada como uma hipótese”, ganhando um revestimento teórico próprio à Psicanálise. Desde então, sua abordagem vem ganhando mais consistência teórica ao ser articulado com conceitos como o de Outro, gozo, pulsão, voz como objeto *a* – o qual, especificamente, nos ocupamos nesse trabalho.

Na transmissão de seu nono seminário²⁴, entre os anos de 1961 e 1962, no qual tratou do tema da identificação, Lacan falou brevemente do que chamou o “falar *babyish*”²⁵. Ele se referia aí à maneira como os adultos modificam sua forma de falar ao se dirigirem aos bebês e reconheceu nesta fala uma função que, segundo ele, “vai além dessas manifestações implícitas da dimensão boba”, dimensão esta que seria aquela na qual o adulto assim se porta por se sentir superior à criança. Para o psicanalista, é possível encontrar nessa maneira de falar “a origem de certos traços (*trails*) bastante paradoxais das baterias significantes.” (p. 44; 45).

Em seus *Escritos* (1966/1998a, p. 253-4), Lacan voltou a mencionar o termo *babyish* ao falar da posição regredida em que o adulto pode se encontrar na situação da análise:

É assim que se pode operar a regressão, que é apenas a atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um *ego* a cada etapa da decomposição de sua estrutura. Pois, afinal, essa regressão não é real; mesmo na linguagem, ela só se manifesta por inflexões, fraseados, “tropeços muito ligeiros” que, quando muito, não poderiam ultrapassar o artifício da fala *babyish* no adulto.

Em outro artigo, ainda nos *Escritos* (1966/1998b), Lacan se referiu ao *babyish* novamente ao falar sobre a situação analítica – defendida por alguns “autores sérios” – mediante a qual o paciente deve se identificar com o eu do analista. Essa perspectiva, de acordo com o psicanalista, “projeta” uma noção de “fragilidade do *eu* dos neuróticos”. Aparentando não concordar com essa posição analítica, Lacan diz da “hipocrisia” presente nela, e parece comparar aí a posição do analista – que deve “falar com o sujeito ‘na linguagem dele’” (p. 426) – frente ao paciente à dos pais frente às suas crianças. Assim, para ele:

²⁴ Ainda inédito.

²⁵ Importante lembrar que Lacan não desenvolveu teoricamente o *babyish* em nenhuma das três ocasiões elencadas aqui, o que impossibilitou pormenorizar o pensamento lacaniano a seu respeito.

[...] falta ainda superar o engulho que sobe frente à evocação que ela [essa posição analítica] sugere da fala babyish [tatibitate], sem a qual os pais prevenidos não acreditam poder induzir a suas razões elevadas as pobres criancinhas que é preciso manter sossegadas! (p. 426).

Ele não esconde aí, mais uma vez, sua aversão ao falar *babyish*. Nesse sentido, é interessante notar também como está em jogo, nessas três menções ao termo, a posição de superioridade que Lacan atribui àquele que se ocupa da criança, colocando-a, sempre, em um nível “inferior”, ou melhor, dissimétrica em relação ao seu cuidador.

Para Lacan, assim como o *pidgin*²⁶, o *babyish* seria uma espécie de língua que se constitui quando duas “articulações languageiras” se relacionam:

[...] os partidários de uma se consideram, ao mesmo tempo, na necessidade e no direito de usar certos elementos significantes que são da outra área, com o propósito de servir-se deles para *fazer penetrar na outra área um certo número de comunicações próprias de sua área*, [...], de fazê-los aceitar, de *lhes transmitir categorias de uma ordem superior*. ” (Lacan, inédito, lição de 29 de novembro de 1961, p 45, grifos nossos)²⁷.

Ao analisarmos a afirmação de Lacan, articulando-a com o pensamento sobre o que acontece e do que está em jogo na relação mãe-bebê quando da produção do manhês, podemos constatar que sua perspectiva converge na mesma direção do pensamento dos autores que tratam do tema: a mãe restringe seu vocabulário, modula a entonação de sua fala – prolonga as vogais, comprime certas consoantes, encurta as sentenças, de modo que o bebê é físgado por essas qualidades impressas na sua fala e se deixa enredar pelo gozo que circula na relação. Essa maneira de proceder da mãe, utilizando elementos não-próprios de sua comunidade linguística, favoreceriam não só a aquisição da linguagem

²⁶ Espécie de língua criada do encontro de duas línguas (portanto, uma terceira língua, derivada daquele encontro), em geral, a língua de um povo colonizado e a do povo colonizador, normalmente utilizada para fins comerciais. Steven Pinker (1994/1995, p. 33, tradução nossa) utiliza o período histórico do comércio escravagista – que se estendeu do século XVI ao XIX – nas Américas para explicar a “produção” do que se conhece como *pidgin*, esclarecendo que: “Quando falantes de línguas diferentes têm de se comunicar para cumprir tarefas, mas não têm oportunidade de aprender um a língua do outro, eles desenvolvem um jargão improvisado chamado *pidgin*. *Pidgins*”, continua ele, “são como pedaços de palavras emprestadas do idioma dos colonizadores ou proprietários de plantações, altamente variáveis e com pouca gramática. Por vezes, um *pidgin* pode se tornar uma língua franca e, gradualmente, crescer em complexidade com o passar das décadas, [...]”. (No original: When speakers of different languages have to communicate to carry out practical tasks but do not have the opportunity to learn one another’s languages, they develop a makeshift jargon called a *pidgin*. *Pidgins* are choppy strings of words borrowed from the language of the colonizers or plantations owners, highly variable in order and with little in the way of grammar. Sometimes a *pidgin* can become a lingua franca and gradually increase in complexity over decades, [...]).

²⁷ Lacan, J. (1961-2/inédito). *O Seminário, livro 9: a identificação*. Lição de 29 de novembro de 1961. Seminário traduzido do francês para o português pelo Centro de Estudos Freudianos de Recife, destinada à circulação interna. Tradução feita por L. P. Fonseca e outros. (2003).

pelo bebê, como vimos anteriormente, mas também faria “[...] incidir a linguagem” (Vorcaro, inédito/no prelo, § 39, f. 11), ou seja, o Simbólico.

Vorcaro (*op. cit.*, § 13, f. 4) nos auxilia no entendimento da elaboração lacaniana exposta acima quando evidencia que:

Em posição dissimétrica ao bebê, a fala da mãe, reduzindo sua prosódia a um circuito privado (tal como o manhês), recorre ao Outro da linguagem para intermediar os corpos de ambos na concatenação que reconhece e articula um traço de sujeito [...].

O pensamento de Lacan nos remete ao texto angular da teoria de Sándor Ferenczi, *Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão*, de 1933, no qual o psicanalista atesta sua experiência clínica com o trauma sexual sofrido por crianças e as significativas consequências daí decorridas. Neste texto, Ferenczi (1933/1992) também relata o que o título do artigo em si aponta: que a relação entre o adulto e uma criança é marcada pela disparidade, pela diferença entre as “línguas” de ambos, o que geraria uma confusão entre os membros da relação. O psicanalista húngaro nos relata brevemente o caso de uma jovem histérica que só saiu do estado narcoléptico no qual se encontrava quando sua amiga lhe falou “de modo jovial, como a uma criança: ‘Vamos, meu bebê, rola por terra...’ (*Roll dich, roll dich Baby*)”. (*ibid.*, p. 100).

O psicanalista chegou à conclusão, a partir desta experiência, que somente seria possível agir, nos momentos dos “acessos histéricos”, se se falasse de maneira tal que lembrasse o que ele chamou de “benevolência (*Freundlichkeit*) materna”: podendo o trauma ter ocorrido muito precocemente, provocando uma profunda clivagem psíquica, a benevolência materna, expressa nesse modo de fala, seria capaz de agir “justamente na mesma situação insuportável” (*ibid.*, p. 101), sentida como um profundo abandono pela criança. Ferenczi (*op. cit.*, p. 101) afirma:

O paciente sem consciência é afetivamente, em seu transe, como uma criança que não é mais sensível ao raciocínio mas, no máximo, à benevolência (*Freundlichkeit*) materna. Se essa benevolência vier a faltar, a criança vê-se sozinha e abandonada na mais profunda aflição, [...].

Fazemos uma digressão para chamar atenção ao fato de que Lacan, ao falar sobre o *babyish*, parecia estar em consonância com o que estava sendo desenvolvido a respeito do então chamado *baby talk*, de modo que sua referência ao termo coincide com o início das pesquisas sobre o que consistia este modo peculiar de fala – o pronunciamento de seu seminário ocorreu em 1961 e as pesquisas, de acordo com os registros aos quais tivemos

acesso, se iniciaram também nesta década. A similitude da nomenclatura utilizada por Lacan também é algo que nos chama atenção, visto que se aproxima bastante da utilizada pelos pesquisadores linguistas da época – Lacan nomeia *babyish* e os pesquisadores falam, dentre outros termos, do *baby talk*.

A ideia formulada por Lacan, ainda na década de 1960, de que os adultos se utilizam de características próprias da outra área para fazer penetrar, nela mesma, elementos que são da sua área (a do adulto), fortalece as bases teóricas psicanalíticas do que foi produzido a respeito do manhês até então. Sua abordagem não lhe permitiu elevar o *babyish* à categoria de um discurso, mas isso nos é possível se fizermos coincidir *babyish* com manhês, e considerarmos também o que Bergès e Balbo (2002) desenvolveram a respeito do transativismo e do discurso transativista ocorrido entre mãe e bebê.

O conceito de transativismo diz respeito a um “golpe de força” no corpo, estando, assim, ligado ao conceito de masoquismo. Sua conceitualização traz em seu bojo, além do masoquismo, o que Bergès e Balbo (*op. cit.*) chamam de “efeito espelho”. O efeito espelho, em geral, quando acontece entre duas crianças, seria o fato de uma se machucar (e não dar a mínima importância a isso) e a outra, que apenas assistiu à cena e nada sofreu, “sente” o que supõe que a primeira criança sentiu, ou, melhor dizendo, se queixa do “golpe sofrido”.

Esse golpe de força caracteriza o transativismo como um processo de forçagem que leva a criança a um enodamento borromeano. Na clínica, “[...] diz respeito ao real; esse real necessário ao acesso ao simbólico e ao enodamento dos três registros que são o do imaginário, o do simbólico e o do real.” (*ibid.*, p. 11).

No que concerne ao transativismo ocorrido entre a mãe e seu bebê, os mencionados autores salientam: “[...], o transativismo [...] se origina na hipótese que a mãe se faz: o filho pede à mãe que lhe leia o saber que está nele, saber ao qual, por essa leitura, ele vai poder identificar-se, tomando posse assim, simbolicamente, de um bem que ele já possui realmente.” (*ibid.*, p. 12). Entra em cena aqui o discurso transativista.

O discurso transativista mantido pela mãe “[...] força o filho a entrar no simbólico; ela o obriga a levar em conta os afetos que ela nomeia para designar as experiências dele em referência às suas próprias.”. A forçagem desse discurso “[...] impele a criança a entrar, por bem ou por mal, no campo da fala e da linguagem, [...].” (*ibid.*, p. 10; 11).

No discurso transativista, a mãe tenta se aproximar daquilo que o filho estaria sentindo, colocando-se assim, na pele dele. A mãe estabelece uma cena na qual o bebê

tem voz, a voz que a mãe lhe dá, e ali se estabelece uma conversa em que a mãe faz as duas vozes: a sua e aquela que ela supõe ser a do filho. Quando bem feito, ou seja, quando contém uma hipótese materna que lê o que o gesto incógnito do filho escreve, o manhês vem, então, cumprir esta função transitivista. (Vorcaro, 2017)²⁸

A mãe pode fazer isso de várias maneiras, imitando os sons que a criança produz e dizendo, numa voz infantil, o que a criança quer. A cena que a mãe estabelece torna o bebê que não fala, falante *pela* boca dela.

Ferreira (2011, p. 249) destaca suas observações a respeito de uma conversa entre uma mãe e seu bebê:

O bebê suga com avidez. Observam-se os rápidos movimentos de sucção e deglutição.
A mãe sorri para o bebê e acaricia a cabeça dele.
Ela contempla o rosto do bebê com um sorriso e diz, interpretando os sinais da criança: **Tô cum fome \ (.) Tô (.) Tô cum fome \.**
O bebê interrompe a sucção e, olhando para a mãe, **produz duas leves e rápidas vocalizações** no início da segunda parte da fala materna. (Grifos da autora).

Estabelecendo este cenário em que transitiva, a mãe antecipa e vai permitindo à criança inventar (ou experimentar) aquilo que supostamente seu filho vai viver. A criança aliena-se a essa aposta e ressoa com seu corpo o dizer da mãe, manifestando a presença em que a mãe reconhece sua hipótese. É o que, posteriormente, franqueará identificações da criança quando vir que o irmão mais novo está lá no peito que antes era dela. (Vorcaro, 2017).

Quando a criança, diante da cena de sua mãe amamentando seu irmão mais novo – acometida pelo que Lacan, no seminário sobre a identificação, se referiu como paixão ciumenta –, percebe que sua imagem é aquele outro que está ali se amamentando, ela se dá conta de que é aquilo o que ela queria. Enquanto a criança faz isso retroativamente – uma vez que ela se dá conta, somente com mais idade, de que já esteve na posição na qual se encontra seu irmão mais novo e de que aquilo é o que ela deseja –, a mãe, no discurso transitivista, com o manhês, faz isso de maneira que se pode dizer projetiva. (Vorcaro, 2017).

Há uma defasagem temporal entre o que a mãe antecipa com o manhês e o momento no qual a criança se vê diante de seu semelhante, seu irmão que mama no peito. Defasagem temporal na qual a criança deve se localizar. Com o manhês, a mãe inventa uma cena em que ela supõe um bebê que está adiante, isso destaca a importância, por

²⁸ Anotações de aula, dia 05 de janeiro de 2017.

exemplo, do jogo lúdico no qual a criança pode supor posições e papéis com os brinquedos. (Vorcaro, 2017).

O encontro com o semelhante, na cena da paixão ciumenta, revela à criança seu desejo: a visão de seu irmão sorvendo no peito que outrora fora seu “[...] faz surgir (para a criança) a posse desse objeto subjacente, elidido, mascarado [...]”. (Lacan, 1961-2, inédito²⁹, p. 198). No começo, a criança mamava no peito e não se interrogava sobre a posse desse objeto, ela o tinha, e não havia motivos para questionar, ele aparecia. No entanto, quando ela vê o outro, que faz a mediação com o objeto, ela percebe que este outro tem algo que ela tinha como seu. Um outro tem a posse de seu objeto de desejo.

Neste ponto de nascimento do desejo, não é de seu irmão que a criança tem ciúme, nos alerta Lacan (*op. cit.*, inédito). O semelhante é a imagem fundadora do desejo da criança, esta é a revelação imaginária, sentido e função da frustração. A frustração revela, assim, aquilo que estava em jogo desde a privação: o sujeito não tem acesso àquilo que satisfaz seu desejo, à *Das Ding*. (Vorcaro, 2017)

A linguagem, o mundo da linguagem, do Outro, do discurso, onde o sujeito é convocado a se situar, sempre existiram e estão lá antes de ele nascer. O bebê, na condição de organismo neonato, é exposto a essa privação que o localiza e o enquadra como ser falante. Quando a mãe fala com seu bebê, ela funda o simbólico como “privação ao real”, ou seja, ela organiza o funcionamento do que há de desmantelado no início da vida. Neste sentido, toda satisfação possível do bebê estará, a partir de então, sempre contornada pela fala e pelos gestos – também ritualizados, ou seja, simbólicos – da mãe, que modulam suas necessidades (a partir do movimento transativista) e imprimem uma marca no funcionamento do organismo vivo do bebê (Vorcaro, 2017). Assim modalizadas, as expressões da criança tornam-se colonizadas pelo simbólico, sendo interpretadas como demanda específica dirigida à mãe. Obviamente, algo inapreensível da pura turgescência vital se perde nessa transposição e enquadramento que a ordem simbólica, com suas colorações de consistência imaginária objetivadas no conteúdo da resposta materna, impõe à vida pulsante do *infans*. Para que um sujeito do inconsciente se constitua aí será necessário ainda que o discernimento, pela criança, das respostas maternas franqueie a afirmação (isso é eu) e a negação (isso é não-eu), com que Freud (1925/2011) situou a binariedade da linguagem mais antiga das pulsões (engolir/cuspir).

²⁹ Lacan, J. (1961-2/inédito). *O Seminário, livro 9: a identificação*. Lição de 14 de março de 1962. Seminário traduzido do francês para o português pelo Centro de Estudos Freudianos de Recife, destinada à circulação interna. Tradução feita por L. P. Fonseca e outros. (2003).

Entretanto, para especificar a incidência da pulsão no campo da linguagem foi necessária a releitura da obra de Freud por Lacan, tema que será abordado no próximo capítulo.

3 A PULSÃO INVOCANTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A VOZ COMO OBJETO PULSIONAL

O conceito de pulsão (termo em português para a tradução da palavra alemã *Trieb*), juntamente com os conceitos de libido e narcisismo, é central na teoria freudiana da sexualidade. Já em suas cartas a Fliess e também no *Projeto Para Uma Psicologia Científica*, de 1895, Sigmund Freud havia esboçado a questão de um “impulso” que, por ser de origem interna, seria irrefreável pelo indivíduo. (Roudinesco & Plon, 1998).

Foi no texto *Três Ensaios Sobre a Teoria da sexualidade*, de 1905, que o médico e psicanalista austríaco lançou mão do termo “pulsão” pela primeira vez, de acordo com Roudinesco e Plon (*op. cit.*). A este respeito, Garcia-Roza (2009) nos esclarece que o conceito de pulsão veio em substituição à noção de instinto³⁰, pervertendo, assim, o modo como a sexualidade humana era pensada até então – assim sendo, a pulsão é, ela mesma, um desvio do instinto, ideia que vai ao encontro daquela defendida por Roudinesco e Plon (*op. cit.*, p. 629) quando estes afirmam que a noção trazida por Freud neste texto se apresenta como revolucionária, tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista do senso comum, por considerar que a pulsão sexual, diferentemente do instinto sexual, não se reduz a atividades sexuais “repertoriadas” por objetos e objetivos, “mas é um impulso do qual a libido constitui a energia.”

No referido texto, Freud introduz a pulsão sexual como modelo da pulsão em geral, “talvez como modelo e exemplar único, já que podemos nos perguntar se Freud em algum momento conseguiu caracterizar a pulsão como sendo não sexual.” (Garcia-Roza, *op. cit.*, p. 96).

Coutinho Jorge (2005, p. 47, grifos do autor) nos lembra que o caráter central da noção freudiana da pulsão é ser “eminentemente *parcial*, especificado por uma *fonte* pulsional (oral, anal etc.) e por um *alvo* (a resolução de uma tensão interna).”

Foi em 1910, como destaca Roudinesco e Plon (1998) que Freud acrescentou ao texto d’*Os três ensaios...* a definição geral de pulsão, que segue:

Por pulsão, antes de mais nada, não podemos designar outra coisa senão a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a

³⁰ Noção proveniente da Biologia e que está ligada, principalmente, à função de reprodução e, consequentemente, à preservação das espécies. Garcia-Roza (2009, p. 116) ressalta que instinto designa “um comportamento hereditariamente fixado, possui um objeto específico, enquanto a pulsão não implica nem comportamento pré-formado, nem objeto específico.”

estimulação produzida por excitações esporádicas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos de demarcação entre o psíquico e o somático. (Freud, 1905/2016, p. 66-67).

Ressaltamos que, logo no início do mencionado texto, Freud (*op. cit.*) define dois elementos importantes relacionados à pulsão³¹: o objeto e o objetivo.

Por objeto da pulsão Freud (*op. cit.*, p. 21) define, primeiramente, “a pessoa de quem procede a atração sexual”, o que, segundo Garcia-Roza (2009, p. 122), evidenciaria um “laço estreito entre pulsão e objeto”, porém, ainda segundo Garcia-Roza (*op. cit.*), em seguida o psicanalista austríaco “afrouxaria” esse laço ao afirmar parecer provável “que a pulsão sexual seja, [...], independente de seu objeto” (Freud, *op. cit.*, p. 38). No que concerne ao objetivo, Freud (*op. cit.*, p. 21) o define como “a ação para qual a pulsão impele.”

A teoria das pulsões de Freud sofreria diversas alterações ao longo dos anos, à medida que seu pensamento se desenvolvesse, como ilustram Roudinesco e Plon (*op. cit.*, p. 629): ainda nos *Três ensaios...*, há uma distinção entre as pulsões sexuais e aquelas ligadas à “satisfação de necessidades primárias”; em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, de 1910³², o primeiro dualismo pulsional³³ – uma oposição entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais – toma forma (as pulsões de autoconservação estariam sob o domínio do princípio de realidade, e as sexuais, sob o domínio do princípio de prazer); em 1914 o conceito de narcisismo sobrepujou o dualismo pulsional, e Freud, influenciado pelos trabalhos de Eugen Bleuler, Karl Abraham³⁴ e Emil Kraepelin, “redistribuiu” as pulsões sexuais, agora divididas entre o eu e os objetos externos ao eu.

Foi então que, em *As pulsões e seus destinos*, de 1915, Freud, ainda balizado pelo dualismo pulsional, “procedeu, [...], a uma recapitulação dos conhecimentos adquiridos a propósito do conceito de pulsão, [...].” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 630).

Nas primeiras páginas de seu artigo, Freud (1915/2015, p. 17) se refere à pulsão como um conceito ainda obscuro e o concede o *status* de conceito fundamental – “Um conceito fundamental, convencional a essa maneira e até agora bastante obscuro, mas do

³¹ Os quais ele retomaria anos mais tarde, mais precisamente em 1915, no texto *As Pulsões e Seus Destinos*, acrescentando como características da pulsão também a “fonte” e a “força”.

³² In Freud, S. (1910/1996). *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. (Jayme Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud; edição standard brasileira).

³³ Roudinesco e Plon (1998) nos lembram que em 1920, em *Mais-além do Princípio de Prazer*, Freud estabeleceu um segundo dualismo pulsional, opondo, desta feita, as pulsões de vida às de morte.

³⁴ Que influenciaria também Lacan em suas formulações sobre a psicose.

qual não podemos abrir mão na Psicologia, é o da pulsão” – fato que será ratificado por Lacan anos depois, em 1964, quando do pronunciamento de seu décimo primeiro seminário.

Tomando a pulsão como um “estímulo para o psíquico”, inicialmente, Freud (1915/2015, p. 17) se ocupa em distinguir os estímulos pulsionais dos estímulos fisiológicos: aqueles adviriam do interior do organismo, ao passo que estes, viriam do exterior, neste sentido, atuariam de maneiras diversas sobre o anímico e requereriam, portanto, modos distintos de eliminação.

Freud (*op. cit.*, p. 19) destaca o que considera a essência da pulsão, a saber, sua força: “A pulsão, [...], jamais atua como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma força *constante*. ” E alerta: “Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. ” (*Ibid.*, p. 21).

Aqui, mais uma vez Freud (*op. cit.*, p. 25) nos dá uma definição de pulsão afirmando que ela aparece como um “[...] conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal. ”

Isto posto, Freud enumera as quatro características principais da pulsão:

a) Pressão (ou força; *Drang*) – entendida como o motor, como aquilo que impele a pulsão;

b) Meta (objetivo ou alvo; *Ziel*) – a meta de toda pulsão é a satisfação (aqui entendida como uma redução da tensão criada pela pressão);

c) Fonte (*Quelle*) – “processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão. ” (Freud, *op. cit.*, p. 27). A fonte da pulsão é, então, corporal, e não psíquica. (Garcia-Roza, *op. cit.*, p. 119);

d) Objeto (*Objekt*) – “O *objeto* da pulsão é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar a sua meta”, ou seja, aquele com o qual a pulsão se satisfaz. O objeto é o que há de mais variável na pulsão e não está “originalmente a ela vinculado” nem é “necessariamente um objeto material estranho ao sujeito, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo” (Freud, *op. cit.*, p. 25; 27).

É também neste artigo, como o próprio título sugere, que Freud aborda os destinos das pulsões. São eles: reversão em seu contrário, retorno em direção à própria pessoa; recalque; e sublimação. Por termos, nesse momento, o objetivo de retomar o conceito de pulsão e sua articulação com o que seja seu(s) objeto(s) para com isso delimitar a voz

entre esses objetos, deixaremos para um segundo momento, mais oportuno, a abordagem dos destinos da pulsão.

Se com Freud a pulsão se caracteriza como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, com Lacan ela é especificada como um conceito-limite entre o simbólico e o real, “pois se encontra na interseção dos dois registros”³⁵ (Quinet, 2000, p. 47). Afinal, em sua impossibilidade de ser representada (real), a pulsão incide, localizando o furo em torno do qual a dimensão simbólica se ordena a partir da demanda, no mesmo movimento em que reduz, aos furos do corpo (bordas erógenas), sua satisfação.

3.1. Considerações sobre a voz

O vocábulo “voz” vem do latim *vox, vocis*, tendo como sentido “som da voz, voz”³⁶. Substantivo feminino, voz significa, de acordo com o Dicionário *Online Houaiss*: “1) som musical produzido por vibrações das pregas vocais, no ser humano e em muitos mamíferos que também as possuem, e que é usado como meio de comunicação e expressão de emoções, no riso, no choro, na fala, no canto etc. 2) possibilidade de falar; fala.”

A voz possui vários aspectos – sonoro, fonético, discursivo, representacional, simbólico, real, imaginário, pulsional – que, por sua vez, são considerados de acordo com a área que se presta a tomá-la como seu objeto de estudo. (Maliska & Souza, 2017). Neste sentido, muito se produz sobre a voz:

fala-se dela nas epopeias homéricas, nos diálogos de Platão e na obra de Aristóteles, mas também em livros da Bíblia; falam dela Santo Agostinho, Dante Alighieri e Antônio Vieira, mas também os anatomistas do século XVII [...]; fala-se dela nas retóricas, nas medicinas e nas filosofias de outrora e de nossos tempos [...], mas também e não raras vezes na biologia evolutiva e na criação tecnológica desde o século XIX até os dias atuais. (Piovezani & Salazar, 2016, p. 169).

Na acústica, a voz corresponde ao som, ela é o som vocal, que é composto por harmônicos que, “transformados de diversas maneiras, convertem-se em vogais, consoantes e elementos prosódicos”. (Mendes, 2014, p. 129). No campo da Fonética, voz é o “conjunto dos sons musicais produzidos pela vibração das pregas vocais sob pressão do ar que percorre a laringe”, bem como o “componente de qualquer fonema sonoro

³⁵ Enquanto Quinet (2000) considera que a pulsão, na perspectiva lacaniana, poderia ser considerada no limite entre o real e o simbólico, Roudinesco e Plon (1998) atestam a pulsão como sendo da categoria do real.

³⁶ <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1>. Site visitado em 17 de junho de 2017.

(todas as vogais, as semivogais e algumas consoantes) ”; na gramática, a voz coincide com a palavra e se refere a uma “categoria do verbo definida pela relação que estabelece entre o sujeito gramatical (aquele com o qual o verbo concorda) e o papel de agente ou de paciente da ação verbal”³⁷.

A Análise do Discurso assume a voz por duas vertentes: uma, na qual ela é tomada como uma “marca discursiva de um elemento de significação ou de produção de sentido”; outra na qual ela é tida como uma “parte da fala que escapa ao sentido e não se deixa enredar em qualquer ordem simbólica. ” (Maliska & Souza, *op. cit.*, p. 10).

Com Aristóteles, a Filosofia também contribuiu para o estudo da voz, como bem destaca Mendes (*op. cit.*) ao expor como o referido filósofo abordou esse tão singular elemento.

Em *Sobre a Alma*, o filósofo grego trata do som da voz que, segundo ele, se distingue dos outros sons por ser ela emitida por um ser animado. Assim sendo, sua especificidade estaria na dimensão representativa que possui por carregar em si sentido e também por sua inerente dimensão semântico-cognitiva. (Mendes, *op. cit.*).

A voz é certo som de um ser animado, porque nenhum dos inanimados dispõe de voz. Apenas por analogia se diz que estes usam a voz, como por exemplo a flauta, a lira e todos os outros seres inanimados que dispõem de altura, duração e articulação, pois a voz parece possuí-las. (Aristóteles, 2010, p. 85-86).

Nessa obra, ao tratar sobre a voz, Aristóteles a equivale ao som ao afirmar que ela “é, [...], o som de um animal”, porém, assevera que “nem todo som de um animal é voz [...]”, por exemplo, ao tossir emitimos um som e nem por isso este som é voz. A voz seria, por fim, o “golpe de ar inalado” do qual sucede alguma representação: “É que a voz é certo som com significado, não apenas <o som> do ar inalado, como a tosse” (*op. cit.*, p. 86; 87).

Indo um pouco além do que menciona Mendes (2014, p. 92), ainda em *Sobre a Alma*, Aristóteles relaciona o que chamou de “pares de contrários” próprios à voz: grave e agudo, alto e baixo, e suavidade e aspereza.

Já em *A Poética*, o filósofo aborda a voz como mediadora e modeladora das manifestações dos estados de alma: através do controle do volume (ou altura), da entonação e do ritmo seria possível perceber as emoções daquele que fala. Por fim, em *Parva Naturalia*, a voz é pensada em sua relação com o ouvido. Uma harmonia ou

³⁷ Idem (dicionário Houaiss).

proporção deveria existir para que o sentido da audição não fosse abolido (ou prejudicado) pelos excessos impressos na voz. (Mendes, *op. cit.*).

Curiosamente, na Linguística o estudo da voz foi posto entre parênteses, como ressalta Mendes (*op. cit.*), ou totalmente abolido, como assevera Maliska (2008a). O primeiro destaca como justificativa para tal o fato de que a voz, sendo “essencialmente qualitativa e temporalizada” não poderia ser reduzida aos elementos universais e invariantes que a nova episteme proposta por Ferdinand Saussure almejava. Já Maliska (2008a, p. 12) argumenta que a voz, apesar de ocupar um lugar, de certa forma, central para a história da Linguística, foi abolida deste campo para dar lugar à noção de fonema. Vale ressaltar, porém, que no campo da Linguística, ainda que relegada a segundo plano, a voz foi estudada pela Fonética (parte específica do campo da Linguística), a qual deu especial atenção às “articulações vocais em nível do segmento (fonema) e do suprasegmento (a entonação, o ritmo, a prosódia).” (Maliska & Souza, 2017, p. 8).

A constatação de que a voz teria sido deixada de lado nos estudos da Linguística em detrimento de outros objetos de estudo é compartilhada por Piovezani e Salazar (2016, p. 169) que afirmam que este campo não ‘fala’ da voz “com as mesmas frequência e intensidade” com que se fala de outros elementos componentes da fala, salientando ainda uma certa “ausência” de produção neste sentido.

Apesar de não tratar sobre a voz e, de certa maneira, aboli-la de seu campo conceitual para abrir espaço para o fonema, Maliska (2008a; 2008b) considera que a voz é uma questão central na Linguística, ainda que esta adote uma noção de voz que, segundo o autor, é “cientificizada”, de modo a se confundir com uma fisiologia da voz, e também “mecanizada”, não levando em conta o sujeito (como se entende esta noção no campo psicanalítico).

Mendes (2014) apresenta a Fonoestética proposta por Herman Parret no livro *La voix et son temps*, de 2002, campo no qual este propõe uma teoria pluridisciplinar para estudar a “qualidade da voz, de sua estesia³⁸ como brilho da subjetividade [...]”. Este campo tem por intuito investigar a voz e sua estética e, para tanto, seria necessário reconhecê-la como sendo de natureza corporal. Para a Fonoestética, “a significância da voz precede e transcende o sentido das palavras proferidas, ela reside sobretudo no que há de musical na voz, em sua tonalidade, sua cor e seu timbre, em seu espasmo rítmico” (Parret, 2002, p. 28 citado por Mendes, 2014, p. 135).

³⁸ Estesia: capacidade de perceber o sentimento da beleza (Definição do Dicionário Online Houaiss, recuperado em 17 de junho de 2017 de <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1>).

Assumindo uma não dissociação entre voz e corpo, Parret afirma que a voz “é um pedaço de corpo em evanescência [...] em um *perpetuum mobile*” (*op. cit.*). Tal assertiva nos faz pensar na proposta colocada por Lacan n’*O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*, de tomarmos a voz como objeto pequeno a, objeto da pulsão, uma vez que o objeto da pulsão se caracteriza, entre outras coisas, por ser uma parte destacada do corpo (do Outro Real e da criança) que se coloca como objeto de desejo ou de demanda, seja *do* ou *para* o Outro. Ao mesmo tempo, neste mesmo seminário, Lacan apresenta a função da voz como fazendo “intervir no discurso o peso do sujeito, seu peso real.” (1958-9/2016, p. 415).

Ante esse breve estudo da arte sobre a voz em outros campos do saber que marcam seu estatuto sonoro, estamos prontos para entender o que marca a especificidade da voz tomada como objeto pela Psicanálise, a saber, “que a voz como objeto *a* não pertence de maneira alguma ao registro do sonoro” (Miller, 1994/2013, p. 4)³⁹, e percorrer o caminho trilhado em seu estudo até aqui.

Jacques Lacan não nos falou ou escreveu muito sobre a voz, embora tenha dito o principal sobre o assunto. Apesar de sua referência à voz estar sistematicamente presente em sua obra, seu percurso sobre esse objeto foi econômico em relação ao que ele desenvolveu concernente às pulsões ou a outros conceitos. Neste sentido, coube àqueles que vieram depois dele desenvolver um percurso teórico inserido na Psicanálise que possibilite o estudo da voz – que neste campo ganha uma conotação diferente da que comumente nos deparamos.

De início, para que se entenda do que se trata a voz na Psicanálise, é necessário refazer o percurso que Lacan percorreu quando tratou desse objeto. Erik Porge (2014) e Miller (1994/2013) nos auxiliam nessa empreitada, não só traçando o caminho percorrido como também propondo um vislumbre do que seja o rumo da trajetória. Miller (*Opus Citatum*), em *Jacques Lacan e a voz*, considera que é possível teorizar a respeito da voz tomando por base o que Lacan desenvolveu sobre o olhar: diferenciando visão como função do órgão e olhar como aquilo que inscreve o desejo do sujeito, de modo a estabelecer uma antinomia entre o olho e o olhar, pode-se pensar também numa antinomia entre orelha e voz⁴⁰. Por sua vez, Porge (*Op. Cit.*), em *O estádio de Eco*, intenta dar ao

³⁹ Texto originalmente publicado com o título “*De la voix*”. In: Quarto – Révue de l’ECF-ACF na Bélgica, nº 54, junho de 1994, pp. 47-52, e retoma uma comunicação realizada em um colóquio sobre a voz ocorrido em Ivry, em 23 de janeiro de 1988, cuja transcrição havia sido previamente publicada em 1989.

⁴⁰ O que implicaria uma disjunção entre o som e a voz (Caldas, 2007).

objeto vocal um estatuto dignificado por um estádio – tal qual o estádio do espelho, ele propõe o estádio de eco.

Atualmente a questão da voz como objeto da pulsão, como propôs Lacan (1958-9/2016), se faz presente em discussões acerca de inúmeros temas, dentre eles o autismo especialmente. No autismo, torna-se mesmo imprescindível abordá-la. Assim, encontramos textos de autores que se dedicam, cada um à sua maneira, a abordar a relação entre voz como objeto pulsional, objeto do desejo, e autismo⁴¹.

3.2 A voz como objeto na Psicanálise

Figurando na lista de objetos *a* graças a Lacan (1958-9/2016), a voz se fez objeto na psicanálise através da pulsão. Neste sentido, fez-se necessário retornar aos primórdios do entendimento da pulsão em Psicanálise para entendermos a voz como um de seus objetos.

Partindo da formulação lacaniana do conceito de pulsão como um conceito que “articula significante e corpo” (2004/2013, p. 59), Laznik, em *A voz da sereia*, ressalta que o corpo aí referido não é o biológico, mas o corpo constituído como imagem totalizante *i(a)*, a partir do olhar do Outro. Para a psicanalista, a pulsão estaria localizada, então, entre o Simbólico e o Imaginário. Talvez para considerar o laço entre a mãe (Outro primordial) e o corpo da criança, a autora tenha tomado apenas a visada especular da identificação imaginária, abandonando a identificação simbólica do *infans* que a preside. Não há dúvidas sobre a asserção de Lacan (1970/2003, p. 406) relativa à incorporação do corpo pelo simbólico: “nada senão ele isola o corpo a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar”.

Ratificando a observação que Freud fez em 1915 a respeito da pulsão como conceito fundamental da Psicanálise, Lacan se dedica a este e outros três conceitos fundamentais (a saber, repetição, inconsciente e transferência), promovendo uma certa subversão naquele de pulsão ao isolá-lo de suas bases biológicas. Assim, a pulsão, sempre parcial para Lacan, seria “[...] uma montagem, caracterizada por uma descontinuidade e

⁴¹ Laznik, Marie-Christine; Parlato-Oliveira, Érika. Em busca da melodia. *Mente e Cérebro*, Brasília, n. 2, 2010, p. 57-61.; Jornada com Jean-Michel Vivès, 19 de agosto de 2016, recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J63dOIK4SEU&t=4529s>.

uma ausência de lógica racional, mediante a qual a sexualidade participa da vida psíquica, [...]” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 632).

A respeito da parcialidade pulsional enfatizada por Lacan, Coutinho Jorge (2005) sublinha: “[...], Lacan sublinha que a parcialidade da pulsão posta por Freud depende precisamente da parcialidade que seu funcionamento apresenta em relação à finalidade biológica da reprodução: nenhuma pulsão parcial representa a totalidade da tendência sexual, isto é, a função de reprodução.” (p. 47-8).

Retomando o texto freudiano de 1915, Lacan (1964/2008, p. 172) aborda a questão da pulsão se ocupando, primeiramente, do que seu editor chamou “a desmontagem da pulsão” na lição XIII, e em seguida, do “exame de *das Lieben*, o ato de amor”, na lição subsequente, XIV.

De saída, na lição intitulada *Desmontagem da Pulsão*, Lacan (1964/2008, p. 160) nos alerta que, para ele, o que concerne à pulsão não diz respeito ao registro do orgânico, não representa uma “manifestação da vida orgânica”, nem tampouco esta seria uma noção simples associada à fixação. “A pulsão”, afirma o francês, “não é o impulso.” Ou seja, de saída, Lacan nos revela o que, para ele, *não é* a pulsão, para em seguida, abordar os postulados freudianos a este respeito.

Ressaltando a afirmação freudiana de que a pulsão (*Trieb*) nada tem a ver com a pressão (momentânea, passageira, ritmada) da necessidade, tal como ocorreria com a fome (*Hunger*) ou com a sede (*Durst*), Lacan nos adverte que a constância do impulso, da força, é o que “proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo.” (*op. cit.*, p. 163).

Sobre o alvo da pulsão, a satisfação, Lacan (*op. cit.*, p. 164) pondera que a função da pulsão põe “em questão o que é da satisfação”, revelando então que a satisfação da pulsão é paradoxal, de modo que ela pode ser satisfeita na sublimação ou mesmo numa experiência de desprazer – observando que o que se satisfaz “pelas vias do desprazer é, assim mesmo [...] a lei do prazer.”

No que diz respeito ao objeto, de especial valor em nosso trabalho, encontramos a seguinte afirmação: “A pulsão, apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz.” (Lacan, *op. cit.*, p. 165).

Não é um objeto de necessidade que satisfaz a pulsão – como, por exemplo, a pulsão oral não se satisfaz com um alimento qualquer ou a lembrança dele – aliás, ela não se satisfaz com um objeto, uma vez que, na sua função de causa de desejo, de objeto *a*, o objeto é contornado pela pulsão.

Na esteira deste pensamento, Coutinho Jorge (2005, p. 51) lembra a citação freudiana que marca o fato de que nenhum objeto pode satisfazer inteiramente a pulsão, pois algo em sua natureza é “desfavorável à realização da plena satisfação”⁴², o que determinaria uma defasagem intrínseca entre “a satisfação almejada e aquela obtida”.

Para falar então, sobre a função do objeto da pulsão, por ele denominado objeto *a*, Lacan utiliza o seio como exemplo:

A esse seio [o da pulsão oral], na sua função de objeto, de objeto *a* causa do desejo, tal como eu trago sua noção – devemos dar uma função tal que pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula nos parece ser esta – que a *pulsão o contorna*. (1964/2008, p. 166, grifos do autor).

Exemplo “prototípico” do objeto *a* (Coutinho Jorge, 2010), o seio assim se caracteriza (objeto *a*) porque, no desmame, representa por antecipação a castração.

Por último, Lacan (*op. cit.*) nos fala que as zonas erógenas, diferenciadas na psicanálise em virtude de sua estrutura de borda, constituem a fonte da pulsão. Figuram aí, por exemplo, a boca (lábios e dentes), com a pulsão oral, e o ânus, com a pulsão anal.

As zonas erógenas, com sua estrutura de borda, são regiões corporais privilegiadas com função de troca com o Outro e “cuja estrutura de hiância, de furo, é compatível com a própria estrutura do inconsciente.” Cabe ressaltar, porém, que a erogeneização não se restringe somente a específicas regiões corporais, mas acontece por todo o corpo do bebê, de modo que podemos dizer que seu corpo é um corpo erógeno, ou um “**corpo pulsional**”. (Coutinho Jorge, 2005, p. 50; 51, grifo do autor).

3.3 O caminho da pulsão no contorno do objeto *a*: o circuito pulsional

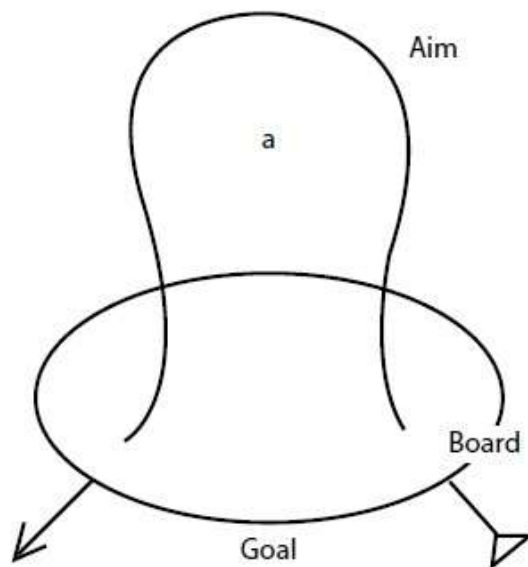
Na segunda metade de seu retorno ao artigo freudiano de 1915, na lição XIV – *A pulsão parcial e seu circuito*, descobrimos que o vaivém em que a pulsão se articula, que seu caráter circular é o que nela há de fundamental. Lacan nos adverte que “É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão [...]”, porque, seu terceiro tempo revela

[...] o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. (*op. cit.*, p. 175).

⁴² Freud, S. (1909/1969). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In *Cinco lições de psicanálise*. (Jayme Salomão, trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI, p. 163 – 173).

Abaixo o desenho do circuito pulsional proposto por Lacan (*op. cit.*):

Figura 1 – O circuito pulsional



Fonte: Lacan, Jacques. (1964/2008). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, p. 175.

No esquema acima, *aim* deve ser entendido como o *trajeto* feito pela pulsão, e por *goal* deve-se entender o *alvo* da pulsão.

Notamos aí que a pulsão não “atinge” o objeto, nem chega a “tocá-lo”, mas, nem por isso deixou de ser satisfeita. A pulsão “sai” de sua fonte, a zona erógena, *board*, contorna o objeto, tangenciando-o, para então chegar, em retorno, no seu alvo. A este respeito, Lacan (1964/2008, p. 176) pondera:

Vocês vêm aqui, [...], desenhado um circuito pela curva dessa flecha que sobe e torna a descer, que atravessa, [...], a superfície constituída pelo que lhes defini [...] como borda, que é considerada na teoria como fonte, [...], a zona erógena na pulsão.

A pulsão, afirma francês, pode ser (parcialmente) satisfeita sem atingir seu alvo (aqui entendido como aquele definido pela biologia, ou seja, a reprodução). Se ela pode ser satisfeita sem atingir seu alvo é porque é parcial, e o alvo da pulsão parcial não é outro senão seu retorno em circuito:

Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito. (*Ibidem*, p. 176).

Coutinho Jorge (2005) nos lembra, então, que, se desde Freud o objeto da pulsão é indiferente e de natureza variável, o que Lacan faz é introduzir uma “categoria fundamental” de objeto capaz de representar qualquer objeto: o objeto *a*.

A pulsão, em seu circuito, contorna, tangencia, circunda o objeto *a* minúsculo, que é “presença de um cavo, de um vazio, [...] e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido” (Lacan, *op. cit.*, p. 176), “**elemento faltoso**”, causa de desejo. (Coutinho Jorge, *op. cit.*, p. 51, grifo do autor).

3.3.1 A questão do objeto *a* na Psicanálise:

Ao elaborar pela primeira vez sobre o objeto da pulsão, Freud o havia restringido a uma pessoa, como assinalamos anteriormente. Posteriormente, porém, a noção de objeto passa a implicar não só uma outra pessoa, mas a própria pessoa, “e não só pessoas inteiras, mas também partes do corpo de uma pessoa. ”, como nos alerta Garcia-Roza (2009, p. 122). Assim, o objeto da pulsão para Freud pode ser: uma pessoa, pode ser real ou fantasmático, perdendo “toda e qualquer especificidade”. O objeto pode ser “tanto uma pessoa determinada [...] como pode ser o equivalente simbólico de uma parte real. ”. Tais formulações sobre o objeto expressam a complexidade deste conceito em Psicanálise. (*Ibid.*, 122).

Essa complexidade, ou melhor dizendo, especificidade, ganha corpo, se assim o podemos dizer, quando Lacan introduz a noção de objeto *a* que, ao longo de sua teorização, assumirá várias formas.

E, se, por um lado, a voz foi algo que Lacan não desenvolveu à exaustão ao longo de seu ensino, por outro, o mesmo não aconteceu com o objeto *a*. Ainda que seja um “termo obscuro, um termo opaco” (Lacan, 1958-9/2016, p. 400), este talvez seja aquele ao qual Lacan mais se dedicou, ou ao menos aquele sobre o qual mais articulou, tendo-o abordado ao longo de décadas, da década de 1950 à de 1970, nas quais foi examinado “em minúcias a partir de perspectivas muito diferentes, [...]”. (Fink, 1998, 107).

O próprio Lacan (*op. cit.*), n’*O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*, afirma que ele se apresenta de várias formas, de acordo com sua função de corte, assim objetivadas:

A primeira espécie é aquela que chamamos habitualmente, com ou sem razão, de objeto pré-genital.

A segunda espécie é esse tipo de objeto envolvido no que se chama complexo de castração, e vocês sabem que, sob sua forma mais geral, é o falo.

[...]. A terceira espécie de objeto, que cumpre exatamente a mesma função em relação ao sujeito no seu ponto de desfalecimento, de *fading*, nada mais é, [...], do que o que comumente se chama delírio. (p. 410).

Desde então, depois de muito lapidar essa noção, alguns anos mais tarde, n’*O Seminário, livro 10: A Angústia*⁴³, Lacan definirá os objetos oral, anal, voz e olhar, referindo-os ao falo.

Criação lacaniana, a formulação do conceito de objeto *a* teria sido proporcionada, primeiramente, pela ideia de objeto (bom e mau) desenvolvida em 1934 por Melaine Klein – ideia esta que influenciou também o conceito de objeto transicional de Winnicott. A seu turno, Klein teria sido influenciada pela revisão dos textos freudianos feita por Karl Abraham, revisão esta que o permitiu desmembrar “a noção clássica de objeto e de estágio”, substituindo então o objeto total pelo parcial⁴⁴. Neste sentido, a noção lacaniana de objeto *a* seria indissociável da ideia de objetos bom e mau, bem como da ideia de objeto transicional. (Roudinesco e Plon, *op. cit.*, p. 551).⁴⁵

Cabe ressaltar que, como lembra Lucero (2015), a influência de Karl Abraham se dá já na tese de doutorado de Lacan, *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, onde este retoma a ideia de desenvolvimento e fixação da libido, bem como a relação de um indivíduo com um objeto, formuladas por Abraham, para marcar o ponto de fixação libidinal de sua paciente Aimée, no intuito de situar, neste ponto, a origem de sua paranoia.

Lucero (*op. cit.*) nos esclarece que, ao longo de seu ensino, a prevalência de um registro – real, simbólico ou imaginário – sobre o outro influenciou as formulações

⁴³ Lacan, Jacques. (1962-63/2005) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

⁴⁴ De fato, Lacan cita Karl Abraham e sua teoria do desenvolvimento da libido na introdução ao *Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-7/1995), bem como disserta sobre a teoria do objeto transicional de Donald Winnicott na lição sobre *As três formas da falta do objeto* – do mesmo seminário.

⁴⁵ No entanto, J-D. Nasio (1993) defende que a ideia de objeto *a* formulada por Lacan viria, na verdade, de sua leitura do texto “Luto e melancolia”, no qual Freud trata sobre a perda do objeto – que Lacan, posteriormente, denomina objeto *a*: “ ‘Li ‘Luto e Melancolia’”, confia Lacan, ‘e bastou eu me deixar guiar por esse texto para encontrar o objeto *a*’.” (p. 92). A seu turno, Quinet (2012) aponta o conceito de Coisa como aquele que proporciona a teorização lacaniana do objeto *a*. Sendo a Coisa aquilo que, como relata Quinet (2012), o sujeito isola na origem e que ressurgue num depois sempre que algo ou alguém, um outro, desperta interesse, desejo no sujeito. A faceta de objeto de desejo assumida pelo objeto *a* pode então ser entrevista aí.

lacanianas a respeito do objeto e a maneira de concebê-lo, de modo que, de acordo com o pensamento desenvolvido pela autora, podemos localizar:

- a) Um objeto imaginário – desenvolvido por Lacan nos primeiros anos de seu ensino e figurando, segundo Miller (1995)⁴⁶, até o pronunciamento do *Seminário, livro 4*, no qual Lacan trata o objeto na relação a-a' (eu-outro), concepção esta que encara o objeto como, “essencialmente, um outro ser, ou, mais precisamente, a imagem desse outro ser.” (Lucero, 2015, p. 69)⁴⁷;
- b) Um objeto simbólico – elaborado, essencialmente, no *Seminário, livro 4*, onde é a ideia da falta do objeto que figura no centro da teorização: “O objeto é pensado de acordo com determinado tipo de falta (privação, frustração, castração) e o que realmente está em jogo são as relações do sujeito com o significante fálico.” (*ibid.*, p. 12);
- c) Um objeto real – articulado juntamente com a noção de *das Ding*, o objeto real é aquele que se destaca do corpo do sujeito, fazendo “um furo a ser circunscrito por significantes, que marcarão os lugares de gozo, as zonas erógenas.” (*ibid.*, p. 12).

O fato de ser escrito, representado, revestido por uma letra, “a”, evidencia a peculiaridade do objeto lacaniano. Esse “a” não evidencia simplesmente a primeira letra do alfabeto, mas a primeira letra da palavra *autre* (outro, em francês). Nasio (1993, p. 92) escreve: “[...] o outro minúsculo, com que a letra *a* qualifica nosso objeto, designa nosso semelhante, nosso alter ego.”

Isso nos remete ao texto *Luto e Melancolia*, no qual Freud discorre sobre a elaboração do luto diante da perda de uma pessoa amada, qualificando-a, porém, não como pessoa, mas como um objeto. O psicanalista austríaco fornece, aí, a base para a conceitualização do objeto *a*, de acordo com Nasio (*op. cit.*, p. 92), que pondera: “Quem é esse outro amado e agora desaparecido, de quem faço o luto? Freud o chama de ‘objeto’, e Lacan, de ‘objeto a’.” Vemos aí sua faceta de objeto perdido, objeto real, e a do objeto como o outro da relação especular, o objeto imaginário.

⁴⁶ Miller, J.-A. (1995). *A Lógica na direção da cura*. Belo Horizonte: Seção Minas Gerais da EBP do Campo Freudiano.

⁴⁷ O objeto imaginário desenvolvido por Lacan se situa na relação do eu com o outro, questão trabalhada por Miller em texto de 1995 e que Lucero (*op. cit.*) retoma em sua tese.

Ante às suas diversificadas formulações, não se deve perder de vista que o objeto *a* obedece a um postulado básico, qual seja, o de que, tal como o significante, “é uma categoria formal e não descritiva”, afirma Nasio (2011, p. 60). Ele ultrapassa a dimensão de conceito, adquirindo um “*valor formal* sem outra consistência que não seja uma letra; letra articulável com outras letras”, sendo, por isso, determinado pelos termos aos quais se articula:

O seu lugar em determinado contexto teórico particular e a relação com outros nomes é que darão ao objeto *a* uma significação precisa. E, inversamente, é o objeto *a*, como nome, que tornará possível a criação de novas combinações formais que permitirão refinar a compreensão de nossa experiência clínica. (Nasio, 2011, p. 60).

Se inicialmente, como nos alerta Lacan (1956-7/1995, p. 25), o objeto se apresenta como uma busca, sendo ele mesmo tomado numa busca, sempre redescoberto, se ele, assim, sob uma faceta imaginária, se apresenta para nós como perdido, é sob a forma de corte, sob a faceta do real, elaborada essencialmente no *Seminário, livro 6*, que o objeto *a* nos interessa aqui, pois foi aí que a voz pôde ser inserida como objeto no circuito das pulsões.

Vale, portanto, assinalar, na teorização lacaniana, o esforço da localização do objeto causa do desejo como um objeto que ultrapassa qualquer materialidade para funcionar como elemento lógico, só reconhecível pelos seus efeitos, e por isso especificado por uma letra – como se vê no *Seminário, livro 10* –, até ganhar sua formulação plena no *Seminário, livro 20*.

Segundo Miller (2014), até o *Seminário, livro 6* Lacan somente admitia o objeto imaginário, aquele provindo do estágio do espelho, derivado da imagem especular do outro. Porém, foi justamente neste seminário, ainda segundo Miller (*op. cit.*, p. 6), que Lacan, num “movimento brusco”, promoveu uma guinada na perspectiva do objeto, passando então a abordá-lo não mais como imaginário, mas como real⁴⁸. Essa é a perspectiva em torno da qual a voz se molda como objeto *a* minúsculo. Neste sentido, é correto afirmar que só foi possível que ela galgasse este patamar quando da mudança de perspectiva no estatuto do objeto – de imaginário para real.

A forma do objeto real aparece na última parte do seminário, constituída das últimas lições, a contar a partir da lição XX, onde Lacan apresentará a fórmula da fantasia fundamental e articulará a lógica da fantasia, sobre a qual Miller (*op. cit.*) explana:

⁴⁸ Fato que será consolidado anos mais tarde, de acordo com Miller (*op. cit.*).

Em primeiro lugar, o sujeito encontra no Outro um vazio articulado. Esse vazio é aquele definido pela negação, não há Outro do Outro, [...]. Em segundo lugar, o sujeito faz vir do registro imaginário [...] uma parte dele mesmo engajada na relação imaginária, na relação especular com o pequeno outro. Em terceiro, esse objeto tem uma função de suplência em relação à carência essencial de significante. É então que Lacan se interessa pelo que é propriamente da estrutura do sujeito e a encontra no intervalo da cadeia significante, no corte, [...]” (p. 15).

E é justamente como forma de corte que o objeto *a* se apresentará para nós neste seminário. Não só o *a*, mas também a voz como *a*, a voz dos delírios da psicose, interrompida, escandida, que posteriormente, no *Seminário, livro 11*, entrará em circuito como pulsão invocante.

Seguindo, Miller (2014) nos esclarece que na lição XXII precisamente, ao se questionar a respeito do “sujeito-corte”, Lacan recorre ao objeto pré-genital, que fora, ainda de acordo com o autor (*Ibid.*), “abandonado” ao longo de todo o *Seminário, livro 6*. Na referida lição, porém, quando Lacan o retoma, o faz implicando-o como objeto de corte na fantasia⁴⁹.

Descobre-se que esse objeto *a* não é apenas enraizado no imaginário, mas é também o seio, a partir do desmame, como objeto de corte, é também o excremento ejetado e cortado do corpo. Lacan, aqui, acrescenta a voz, especialmente a voz interrompida, e todos os objetos de estrutura fálica que estão implicados na estrutura de corte pela mutilação e pela estigmatização. (Miller, *op. cit.*, p. 16).

Os objetos da fantasia, pré-genitais, tornam-se, então, objetos reais e assumem uma relação estreita com “a pulsão vital do sujeito” (Miller, *op. cit.*, p. 16).

Na lição XX de seu sexto seminário, Lacan prepara terreno – explanando sobre a constituição do sujeito a partir do esquema sincrônico da dialética do desejo e designando a fórmula da fantasia fundamental – para nos conduzir até sua formulação, na lição XXI, do objeto *a* em sua vertente imaginária, a qual será posta em cheque, de acordo com Miller (*op. cit.*) no final da lição XXII, que trará por definitivo a formulação do objeto *a* como real.

⁴⁹ O psicanalista relata que é imprescindível, neste momento, entender que a função de corte estabelecida por Lacan neste ponto do seminário diz respeito à “junção” entre o simbólico e o real, tal como, outrora, no mesmo seminário, “cabia à fantasia fazer a junção entre o simbólico e o imaginário.” (Miller, 2014, p. 16).

Vale ressaltar que é necessário para nós que, assim como Lacan (1958-9/2016, p. 409) o fez, façamos considerações sobre a constituição do sujeito, uma vez que é o sujeito barrado que suscita o termo objeto.

Ao falar sobre a função do analista e o sentido da análise Lacan esclarece o que, para ele, é a *coisa freudiana*, a saber, o desejo, ressaltando sua (a do desejo) não conformação “às exigências de uma espécie de pré-formação orgânica que o arrastaria por vias previamente traçadas” (*op. cit.*, p. 384). Ou seja, o desejo não se confunde com o que nos dita o real do organismo ou mesmo as normas sociais previamente estabelecidas: “Não há acordo pré-formado entre o desejo e o campo do mundo.” (*op. cit.*, p. 385). O francês segue esclarecendo que a “experiência original do desejo aparece como contrária à construção da realidade”, apresentando-se, o desejo, como o “tormento do homem.” (*Loc. Cit.*). Neste sentido, na experiência psicanalítica, que se desenvolve na exploração do discurso inconsciente, é necessária uma torção na dimensão em que o desejo é entendido. Saindo a dimensão diacrônica de seu entendimento, o que passa a vigorar é a dimensão sincrônica na investigação do desejo. Assim, continua Lacan, “entra em jogo nossa referência propriamente linguística à estrutura” (*op. cit.*, p. 386).

Vemos aí engendrar-se a perspectiva sobre a qual Miller (1994/2013) argumenta ter sido possível a inserção da voz como objeto *a* na psicanálise. Segundo o autor, enquanto objeto *a*, a voz só poderá aparecer na teorização lacaniana quando a dimensão diacrônica ceder espaço à estrutural: “[...] enquanto o ponto de vista diacrônico, cronológico da relação de objeto comandou a perspectiva o objeto vocal ficou despercebido. O objeto vocal só apareceu na psicanálise quando a perspectiva foi ordenada com relação a um ponto de vista estrutural.”

A questão que se coloca, então, para Lacan (*op. cit.*, p. 391, grifo do autor) – e que diz respeito ao objeto do desejo –, é a de que há uma “confusão a propósito do termo *objeto*.” Ao que ele aponta: “Há, por um lado, o objeto que se situaria na realidade, [...]. Há, por outro, o objeto que se inscreve na relação do sujeito com o objeto, relação que implica, [...], conhecimento.” (*ibid.*, 391).

Porém, fato mais premente é “[...] distinguir entre o objeto que satisfaz o desejo de conhecimento, [...], e o objeto de todo desejo.” (*ibid.*, p. 393). Para tanto, Lacan propõe, no que concerne à relação entre o desejo e seu objeto, uma articulação em conformidade à experiência psicanalítica, o que chamou “verdadeira articulação”, a articulação sincrônica.

Introduzindo aí a fórmula da fantasia fundamental ($\$ \langle a \rangle$)⁵⁰, o psicanalista francês nos dá um vislumbre sobre a perspectiva de objeto *a* tomada neste seminário, ao dizer que “[...] o objeto *a* se define, em primeiro lugar, como o suporte que o sujeito se dá quando fraqueja [...] *quando ele fraqueja na sua certeza de sujeito. [...] ... quando ele fraqueja na sua designação de sujeito*” (Lacan, 1958-9/2016, p. 393-4, grifos do autor). Adiante, continua: “Esse *a*, que não é um símbolo, mas um elemento real do sujeito, é o que intervém para suportar o momento, no sentido sincrônico, em que o sujeito fraqueja para se designar no nível da instância do desejo.” (*Ibid.*, p. 395).

O que está em jogo aí se passa, inteiramente, na dimensão do Outro, “na medida em que ele é para o sujeito o lugar de seu desejo”, nos afirma o psicanalista. Para o sujeito, algo falta no Outro, justamente porquê, na sua relação com o Outro enquanto lugar de fala, o que falta é o que o permitiria “se identificar como o sujeito do discurso que ele profere”, uma vez que este discurso é o do inconsciente. (*ibid.*, p. 394).

Resulta daí que o sujeito tem de empregar, para se designar, algo tomado às suas expensas. Não às suas expensas como sujeito constituído na fala, mas às suas expensas como sujeito real, bem vivo, às expensas de algo que, por si só, não é em absoluto um sujeito. O sujeito, ao pagar o preço necessário para essa localização de si mesmo enquanto fraquejante, é introduzido, assim, na dimensão sempre presente cada vez que se trata do desejo: ter de pagar a castração. Em outras palavras, algo real, que ele domina numa relação imaginária, é elevado à pura função do significante. Esse é o sentido último, o sentido mais profundo da castração enquanto tal. (*ibid.*, p. 394)

O *a* é, assim, efeito da castração, não objeto da castração. O objeto da castração é o falo! No entanto, toda essa articulação não é o que fornecerá, de acordo com Lacan (*op. cit.*, p. 397) “o sentido e a função do *a* minúsculo como objeto em toda a sua generalidade.” A articulação que nos permitirá encontrar o sentido e a função do *a* está estabelecida na relação sincrônica operada por uma divisão entre o Outro (A) e a demanda (D), como podemos ver no esquema a seguir:

⁵⁰ Apontada por Porge (2015) como um dos acontecimentos que propiciaram a tomada da voz como objeto *a*, como veremos adiante.

Figura 2 – Esquema sincrônico da dialética do desejo (reprodução)

A	D
Sr	∅
A	S
a	\$
A'	
A''	
A'''	

Fonte: Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (1958-9/2016, p. 397).

Onde: A é o Outro, D se refere à demanda, Sr designa o Outro como sujeito real, D(barrado) assinala a passagem da demanda a um segundo nível – o da demanda de amor, A (barrado) diz respeito ao fato de que, sendo o lugar da fala, ao Outro também algo falta (aqui, o que falta é uma garantia), S indica a primeira posição do sujeito – ainda não barrado, *a* concerne ao objeto em questão, \$ se refere ao sujeito constituído – o sujeito do desejo, e A', A'', A''' (e assim sucessivamente) alude à compensação que o sujeito faz no que concerne à falta de garantia no/do Outro.

Retomando esse esquema na lição subsequente, o psicanalista francês tomará o Sr como Ar, o Outro real, personificado.

Lacan nos explica o que para nós é essencial no esquema: “A dividido por D – é a partir dessa relação que se institui a dialética cujo resíduo vai nos dar a posição de *a*, o objeto.” (1958-9/2016, p. 398).

No início, tudo se passa no nível do Outro, sujeito real que, na alternância significante presença-ausência, articulará a necessidade do sujeito elevando-a à categoria de demanda e, por ser ele mesmo, o sujeito real, interpelado pela demanda, o nível de que se trata na demanda do sujeito que se constitui é o de demanda de amor. O psicanalista francês ressalta:

Temos aqui, portanto, o sujeito constituído na medida em que o Outro é um personagem real, aquele mediante o qual a própria demanda fica carregada de significação, aquele mediante o qual a demanda do sujeito se torna diferente do que o que ela demanda em particular, a saber, a satisfação de uma necessidade. (*ibid.*, p. 398).

A articulação da demanda da criança origina o processo de *Spaltung* (clivagem) do discurso, que é percebido nas manifestações do inconsciente. (*ibid.*).

Tendo sua necessidade satisfeita com (ou a partir de) uma demanda do Outro, o que o sujeito pede é uma garantia, garantia esta que o Outro não pode dar ao sujeito. Neste sentido, introduz-se a falta no Outro (A), e é justamente em relação a esta falta que se produz no Outro que o sujeito terá de se haver. Lacan observa: “Essa falta, [...], se produz no nível do Outro enquanto lugar da fala e não do nível do Outro como real.” (1958-9/2016, p. 399).

Nesse estágio em que o sujeito interroga o Outro real que responde à sua demanda de satisfação de necessidade como demanda de amor, o próprio sujeito “[...] aparece para si como sujeito na medida em que é sujeito para esse Outro.” Essa é, de acordo com Lacan, “a primeira etapa da constituição do sujeito enquanto tal.” (*op. cit.*, p. 402).

Para o sujeito, só é possível constituir-se como tal, se um Outro sujeito assim o pense, quando, a partir da sua relação com este Outro sujeito, lugar da articulação da fala, estruturado pela linguagem, ele se situa “na estratégia fundamental que se instaura assim que aparece a linguagem, e que só começa com essa dimensão.” (*ibid.*, p. 402).

A essa relação primordial estabelecida entre o sujeito em constituição e o Outro, Lacan (*op. cit.*, p. 403) se refere como algo primitivo no qual deve haver confiança. Em que medida, então, pode-se confiar no Outro? “O que há de confiável nos comportamentos do Outro? Que consequências posso esperar do que ele já prometeu?”

Essa “não garantia no nível da verdade do Outro”, essa falta, esse vazio marca o sujeito e é a partir daí que ele tem de instituir o a minúsculo: “O a é esse algo que está submetido à condição última do sujeito, aquela que é o resto, aquela que é o resíduo, [...]. Esse algo está destinado, [...], a representar uma falta e representá-la com uma tensão real do sujeito.” (*ibid.*, p. 399-400). Aí se encontra a função do objeto a no desejo para Lacan, qual seja: representar a falta do sujeito.

Lacan argumenta que é na medida em que o sujeito tem de lidar com esse buraco que localiza no Outro, o qual lhe diz que “não há nada que, no nível do significante, garanta, autentique, [...], a cadeia significante e a fala”, é na confrontação com a pergunta que se coloca aí que ele, o sujeito, “[...] convoca de outro lugar, a saber, do registro imaginário, algo de uma parte dele mesmo na medida em que ele está engajado na relação imaginária com o outro.” Esse algo que o sujeito convoca, nos afirma o francês, é o a , que “surge no lugar em que se coloca a interrogação do S sobre o que ele realmente é, sobre o que ele realmente quer.” (*ibid.*, p.404).

Neste ponto, então, Lacan (*op. cit.*) é enfático ao afirmar que o a minúsculo é o objeto de desejo, colocando a ressalva de que, nem por isso, ele se ajustaria ao desejo. O

a minúsculo é o que supriria, para o sujeito, “[...] a carência do significante que responda por seu lugar de sujeito no nível do Outro.” O *a* ‘aparece’ no nível do Outro como suporte do sujeito e este ‘vai’ ao seu encontro, ‘resgatá-lo’, para nele tentar encontrar um significante que lhe diga respeito, que lhe corresponda.

É na função de suporte de $\$$ que o *a* recebe seu caráter imaginário na teorização lacaniana quando da definição da fórmula da fantasia. “A fantasia”, afirma Lacan, “nada mais é que esse enfrentamento perpétuo entre o S barrado e o *a* minúsculo.” (1958-9/2016, p. 404).

Se é na função de suporte que o *a* minúsculo aparece na fantasia, é como corte que ele faz conhecer suas formas, das quais Lacan (*op. cit.*) nos apresenta as três identificadas na experiência da análise, a saber: o objeto pré-genital (*a*), o falo (ϕ), e o delírio (*d*).

O objeto pré-genital (*a*) diz respeito ao nível fundamental de todo o funcionamento orgânico do ser humano, o das “trocas materiais”. Entram em jogo aqui os objetos das fases oral e anal: o seio/mamilo, objeto de desmame e propriamente de corte, e também as fezes, objeto rejeitado e que também se separa do sujeito. Lacan (*op. cit.*) nos adverte para a “estrutura de corte” desses objetos.

O falo como objeto aparece no nível do Complexo de Castração sob a forma de “mutilação”. Neste sentido, Lacan (*op. cit.*, p. 412) nos alerta para a necessidade de que o sujeito “se separe de alguma parte dele mesmo, que seja capaz de se mutilar”, uma vez que essa mutilação estaria relacionada ao corte feito pelo *a* que, então, instaura “a passagem para a função significante”, de modo a gerar no sujeito uma marca significante que o referencia como um “indivíduo particular no rebanho”, retirando-o de uma condição primeva e o conduzindo “a uma potência de ser diferente e superior.” No Complexo de Castração, o falo é elevado à função de significante.

A terceira forma de objeto *a* apresentada por Lacan (*op. cit.*, p. 415), o delírio, aparece no isolamento da função da voz justamente aí, no fenômeno do delírio. Ele fala: “Só compreenderemos as características fenomenológicas dessa voz se tivermos, preliminarmente, compreendido como ela responde muito especialmente às exigências formais do *a* minúsculo, na medida em que ele pode ser elevado à função significante do corte, do intervalo enquanto tal.”

O que se engendra a partir daí nos dá os primeiros “movimentos” em relação ao estabelecimento definitivo da voz como objeto *a*, que se iniciara com a publicação do

artigo – *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*⁵¹ – sobre as vozes dos delírios n’*Os Escritos*.

No delírio, a(s) voz(es) se apresenta(m) como pura articulação, estabelecendo um paradoxo concernente à sua natureza: o que o delirante tem a comunicar lhe escapa de alguma maneira e, ainda assim, nada há, segundo o psicanalista francês, de “mais firme do que a consistência e a existência da voz como tal.” A voz do delírio se apresenta “reduzida à sua forma mais incisiva e mais pura” de tal modo que não há alternativa ao sujeito senão em “tomá-la como se impondo a ele.” (Lacan, 1958-9/2016, p. 416).

O caráter de corte da voz que surge no delírio é o que a evidencia como objeto *a*, fato este “perfeitamente evidenciado”, recorda Lacan (*op. cit.*, p. 416), em suas análises dos delírios do presidente Schreber, que só ouvia o início das frases, interrompidas “antes das palavras significativas” serem ditas/ouvidas. Assim, o corte, a interrupção deixa um “apelo à significação.”

O que Lacan desenvolveu até aqui categorizou o *a* minúsculo como objeto imaginário, como aquele advindo do registro imaginário para dar suporte ao sujeito, como vemos nas passagens que já destacamos aqui⁵². Porém, na lição sobre *Corte e Fantasia*, como bem marcou Miller (2014), Lacan aponta uma outra direção para o entendimento desse objeto: “O que são, [...], os objetos da fantasia, senão objetos reais? Por mais separados que estejam do sujeito, estão numa relação estreita com sua pulsão vital.” (*op. cit.*, p. 425). Nesta breve passagem, além de estabelecer o estatuto de real do objeto *a*, Lacan articula a pulsão à fantasia – que posteriormente “serão confundidas no *sinthoma* como modo de gozar.” (Miller, *op. cit.*, p. 7, grifos do autor).

Tendo em conta as considerações de Miller (*op. cit.*), lembramos que na lição anterior, *A forma do corte*, talvez possamos já apontar que as considerações de Lacan estariam se encaminhando para este desfecho quando ele afirma que o objeto se revelava como “[...], algo do real, que ele (o sujeito) domina numa relação imaginária, [...]” e que seria elevado à função de significante (*op. cit.*, p. 394); ou quando afirma, ainda na mencionada lição, que o *a* “não é um símbolo, mas um elemento real do sujeito.” (*op. cit.*, p. 395).

⁵¹ In Lacan, Jacques. (1966/1998). *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 537 – 590.

⁵² Ver, por exemplo, página p. 404 d’*O Seminário, livro 6*, onde o objeto é tido como algo que o sujeito convoca do registro imaginário: o sujeito “[...] convoca algo de outro lugar, a saber, do registro imaginário, algo de uma parte dele mesmo na medida em que ele está engajado na relação imaginária com o outro.” (Lacan, 1958-9/2016).

A questão central que se coloca frente a toda essa articulação está relacionada ao corte: ao corte que permite a manifestação do sujeito do inconsciente, ao corte que propicia o aparecimento da voz como objeto, ao corte que caracteriza tanto o real – como vemos nesta passagem: “Em suma, é muito evidente que o real não é um contínuo opaco e que é feito de cortes, tanto de cortes da linguagem como muito além.” (Lacan, 1958-9/2016, p. 425); bem como evidencia a estrutura do simbólico – caracterizada na seguinte afirmação: “O corte é, no fim das contas, a última característica estrutural do simbólico como tal.” (*ibid.*, p. 427).

Ponderamos que a voz como objeto *a* minúsculo, na perspectiva em que intentamos desenvolvê-la neste trabalho, deva ser considerada pelo viés do real.

3.4 Da voz sonora à voz como objeto *a*: os caminhos de Lacan

A voz é a topologia das vozes.
(Porge, 2014, p. 42).

Embora tenha falado sobre a voz nos seus seminários anteriores⁵³, foi somente n’*O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, que Lacan deu à voz “uma primeira definição que a situa em certa excentricidade em relação ao significante, [...].” (Porge, 2014, p. 47), excentricidade esta que é possível perceber na seguinte pontuação de Lacan ao salientar que o vazio do significante atesta ter havido uma presença anterior:

Se o significante, [...], é um vazio, é por atestar uma presença passada. Inversamente, [...], no significante plenamente desenvolvido que é a fala, há sempre uma passagem, isto é, algo que fica além de cada um dos elementos que são articulados, e que por sua natureza são fugazes, evanescentes. É essa passagem de um para o outro que constitui o essencial do que chamamos cadeia significante.

Essa passagem, como evanescente, é justamente o que se faz voz – nem sequer digo articulação significante, pois é possível que a articulação permaneça enigmática, mas o que sustenta a passagem é voz.” (Lacan, 1957-58 / 1999, p. 355, grifos nossos).

Salientamos que já aí pode haver o esboço da importante diferenciação entre voz e fala perpetrada na psicanálise, visto que Lacan emprega os dois termos, como destacamos na citação. Voz não é a fala, significante plenamente desenvolvido, mas sim uma passagem, “algo que fica além” da fala e do próprio significante. Miller (1994/2013, p. 7) escreve: “A voz lacaniana, a voz no sentido dado por Lacan, não somente não é fala,

⁵³ Encontramos o termo “voz” nos seminários 1 (Os Escritos Técnicos de Freud), 2 (O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise) e 3 (As psicoses).

como em nada é o falar. ” Como passagem evanescente, a voz se mostra fugidia, não apreensível, não material.⁵⁴

Ainda aí, no *Seminário, livro 5*, a voz não é tomada como objeto *a*. Isso só acontecerá no ano seguinte, quando da comunicação d’*O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*, como nos afirma Porge (2014), e como apontamos anteriormente. A isso chegaremos mais adiante. Agora nos atenhamos apenas à formulação do que seja a voz em sua relação com o significante.

Pois bem, Miller (*op. cit.*, p. 6) chama atenção para essa relação ao formular que o enlaçamento entre significado e significante, feito pela fala, comporta a voz – inscrevendo em seu registro o que constitui o “resto de subtração da significação ao significante” –, para, então, defini-la como “tudo que, do significante, não concorre para o efeito de significação. ” O autor aí nos mostra que aquilo que não pôde ser significado, restaria como voz, como ilustra Porge (*op. cit.*, p. 48) ao escrever que a voz “é um resto não redutível ao significante, mas essencial à sua articulação como o que lhe sustenta a passagem. ”

Não tendo, portanto, nenhuma relação com efeitos de sentido, a voz seria uma “função do significante – ou melhor, da cadeia significante como tal”, não estando esta cadeia ligada a nenhum órgão do sentido ou mesmo a qualquer registro sensorial. Assim sendo, a voz seria uma “dimensão de qualquer cadeia significante, [...] – sonora, escrita, visual, etc. [...]”. (Miller, *op. cit.*, p. 8; 9)

Ressaltando a tensão entre voz e efeitos de significação, Vivès (2012, p. 13) defende que a voz pode ser apreendida como “suporte corporal e, [...], pulsional de um enunciado, independentemente da modalidade sensorial [...]”, enfatizando o que Lacan dissera sobre isso em meados da década de 1950: “[...] – o que vocês compreendem num discurso é diferente do que é registrado acusticamente. Isso é ainda mais simples, se pensamos no surdo-mudo, que é capaz de compreender um discurso por meio de gestos feitos pelas mãos, segundo a linguagem dos sinais. ” (1955-56/1988, p. 158). Essa colocação, afirma Vivès (*op. cit.*), nos permite falar da voz do surdo-mudo.

Vale também, aqui, lembrar a ressalva feita por Lacan quando ele afirma que o acesso à linguagem não se dá exclusivamente pela via da vocalização. Ele nos diz: “[...]”

⁵⁴ Essa peculiaridade da voz permitiu a Vivès (2016) localizar a função do timbre vocal, algo que ele, analogamente, compara à impressão digital – que, por ser diferente em cada indivíduo, nos identifica como únicos. Para o francês, o timbre é o que torna a voz de cada sujeito único, revelando seu peso real no discurso.

existem outras vias que não as vocais para receber a linguagem. A linguagem não é vocalização. Vejam os surdos.” (1962-3/2005, p. 299).

Tudo isso precisa como, na Psicanálise, a voz “excede os móveis de significação”, bem como torna possível precisar a “dimensão áfona da voz” que, por sua vez, permite localizar a voz “não do lado de suas variações imaginário-simbólicas (altura, ritmo), e sim do lado do real da estrutura.” (Vivès, 2012, p. 15). A voz aparece, aí, como algo intrinsecamente relacionado ao silêncio.

A dimensão áfona da voz evocada por Vivès (*op. cit.*) nos remete à colocação feita por Miller (1994/2013, p. 4) a respeito da função da voz como “a-fônica”, colocação esta que sugere a voz a-fônica como um paradoxo, na medida em que ela só pode se inscrever na perspectiva lacaniana quando pensamos a voz tomada como objeto *a* e não pertencente ao registro do sonoro, e que, justamente por isso, permite considerações sobre o “som como distinto do sentido ou sobre todas as modalidades de entonação”. Esse paradoxo, porém, diz respeito “ao fato dos objetos ditos *a* só poderem se afinar com o sujeito do significante se perderem toda substancialidade, se estiverem centrados por um vazio que é a castração.”

Neste sentido, é importante destacar também a observação de Lacan (*op. cit.*, p. 273) que já havia ressaltado a desvinculação da voz enquanto objeto *a* minúsculo e a fonetização, enfatizando, assim, uma dimensão própria a este objeto:

O que sustenta o *a* deve ser bem desvinculado da fonetização. A linguística acostumou-nos a perceber que esta não é outra coisa senão um sistema de oposições, com que ele introduz de possibilidades de substituição e deslocamento, metáforas e metonímias. [...]. Quando alguma coisa desse sistema passa para uma emissão, trata-se de uma dimensão nova, isolada, de uma dimensão em si, a dimensão propriamente vocal.

3.4.1 A voz da pulsão

Lacan insere a voz na lista de objetos *a* pela primeira vez em 20 de maio de 1959, quando proferia a lição XXI de seu seminário sobre o desejo e sua interpretação. A inserção da voz nesta lista restrita só foi possível após um longo caminho percorrido por Lacan no estudo da psicose e as alucinações verbais, o que pode ser visto em seu seminário sobre as psicoses e também no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose*. (Miller, 1994/2013; Porge, 2014; 2015). A escrita da fórmula do fantasma ($\$ \diamond a$) e sua localização no grafo são aspectos apontados por Porge (2015) como acontecimentos que permitiram a inserção da voz na lista de objetos *a*: “A elevação

das vozes à dignidade de voz é feita a partir da fórmula do fantasma, e para, precisamente, dar conta dela.” (*Idem*, 2014, p. 52).

Com o objetivo de “conceituar a subjetividade de modo distinto do que estava em voga, em que a psicose era situada como um déficit perceptivo”, Lacan toma como objeto de estudo a audição de vozes em seu terceiro seminário, e propõe “situar a voz como algo instaurado pelos lugares do discurso, isto é, dirigida a um suposto interlocutor, [...]”. (Caldas, 2007, p. 89; 89-90).

Ali, fazendo uma análise detalhada do livro de Schreber, bem como das considerações feitas por Freud sobre o mesmo texto, Lacan chama atenção à complexidade da articulação do sujeito que fala nas vozes que ouve, e aponta o “caráter significativo da suspensão de sentido, que aparece pelo fato de que as vozes não completam as suas frases. Há aí um procedimento particular de evocação de significação, [...]”. (1955-56/1988, p. 143). O caráter de corte que convoca à significação e suspende o sentido, efetivado anos mais tarde n’*O Seminário, livro 6* e que caracteriza a voz como objeto *a* minúsculo, esboça-se aí.

As vozes das frases interrompidas que o presidente Schreber ouvia, afirma Porge (2014, p. 52), manifestavam “plenamente o caráter de corte da voz”.

Um exemplo sobre a voz interrompida mencionado duas vezes por Lacan – primeiro no referido seminário e, posteriormente, retomado em seus escritos, como aconteceu com o caso do presidente Schreber – é da paciente que diz ter ouvido de seu vizinho a injúria “porca”. No texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan (1966/1998) lembra que a paciente revelara que, momentos antes da alegada injúria, ela havia murmurado a frase incompleta “Eu venho do salsicheiro...”, a qual teria suscitado a alucinação da palavra “porca”. Eis o início, talvez, da topologia das vozes.

Caldas (*op. cit.*, p. 90) esclarece que os fragmentos “eu venho do salsicheiro” – parte atribuída ao sujeito – e “porca” – “complemento metonímico” ouvido e percebido como injúria advinda do outro – expressariam o que pode ou não ser subjetivado. Neste sentido, continua a autora, não se trata da percepção auditiva, uma vez que “[...] a sonoridade desse fragmento metonímico que complementa a cadeia só existe como evocação.” Ainda assim, a “evocação da audição, é suficiente para que o psicótico atribua existência a uma voz que não deixa de ser real porque é imaterial.”

Nos anos de 1957-8, período em que proferiu seu quinto seminário, *As formações do inconsciente*, Lacan, como sublinhamos outrora, situa a voz em relação ao significante

e nos fala dela como aquilo que sustenta a presença do significante na fala do adulto. A voz surge como mediadora das relações da criança com o mundo, de sua experiência com a realidade:

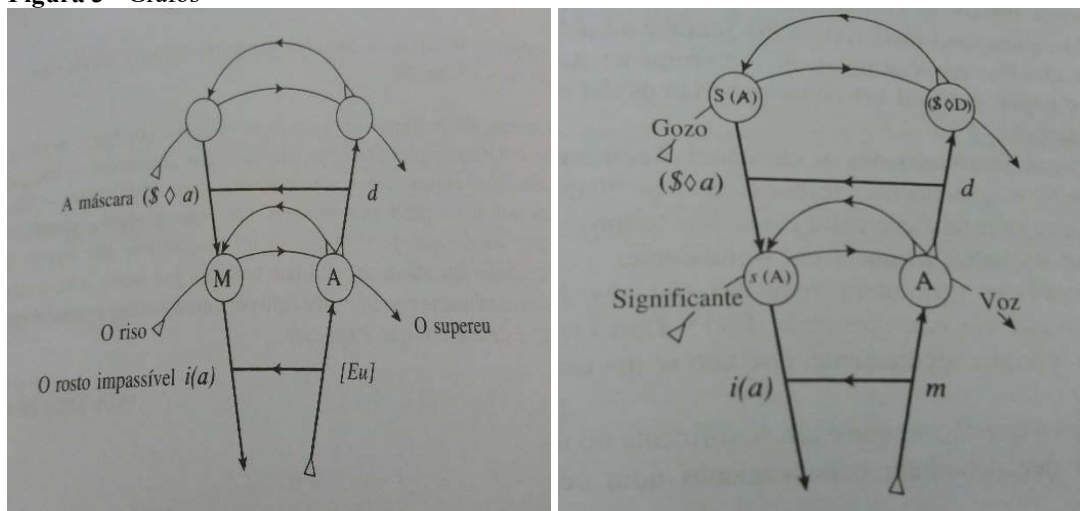
O fato de existir o significante é absolutamente essencial nisso, e o principal intermediário de sua experiência da realidade – é quase uma banalidade, uma tolice dizê-lo – é, apesar dos pesares, a voz. O ensinamento que ele [o sujeito] recebe provém-lhe, essencialmente, da fala do adulto. (Lacan, 1957-8/1999, p. 231).

Nesta vertente, a de mediadora das relações da criança com o mundo, e na sua relação ao significante, Lacan (*op. cit.*, p. 353) insere, pela primeira vez, a voz no grafo⁵⁵ ali onde havia, anteriormente, o supereu.

A este respeito, Porge (2014, p. 44) relata que no “[...] início Lacan designa o lugar do supereu, que se tornará o da voz, sobre a linha de articulação significante passando por $s(A)$ e A , depois A , em oposição ao riso, que ele situa antes de $s(A)$.”

Nas imagens abaixo vemos exemplificado o que Porge (*op. cit.*) nos destaca a respeito da substituição do supereu pela voz no grafo feita por Lacan (*op. cit.*):

Figura 3 - Grafos



Fonte: Lacan, Jacques. (1957-58/1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, p. 345; 353.

A identificação da voz à instância superegoica aproxima Lacan do pensamento freudiano de que o supereu se formaria “[...] a partir das falas ouvidas dos pais ou de seus

⁵⁵ Porge (2014) atenta para o fato de que o pronunciamento desta lição em que a localização da voz no grafo ocorre é contemporâneo ao artigo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, que permitiu a Lacan entender as formas de alucinação que acometeram o presidente Schreber, a saber, as vozes da língua fundamental e as vozes das frases interrompidas.

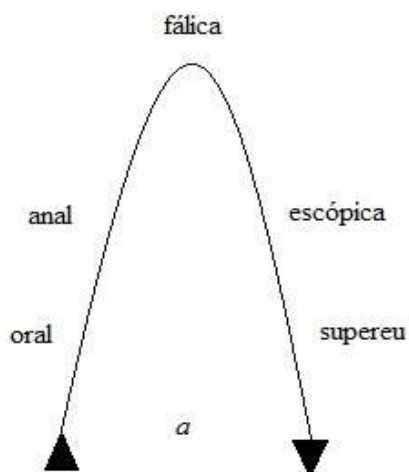
substitutos.” (Porge, 2014, p. 45). De acordo com Porge (*op. cit.*, p. 46; 47), o caráter de “discurso interrompido, parasitário”, bem como a distinção lacaniana entre os registros do real, do simbólico e do imaginário, foram acontecimentos que permitiram a “assimilação do supereu à voz”, situando-a, então, em relação ao significante (como destacamos anteriormente).

Abrindo caminho para a posterior elaboração do circuito pulsional, Lacan (1962-3/2005, p. 320), n’*O Seminário, livro 10: a angústia*, retoma a questão do status do objeto *a* de modo contrário à “concepção abrahâmica – [...] – que liga o objeto e suas mutações a fases” de desenvolvimento para propor uma “constituição circular do objeto” (ver figura abaixo), na qual a fase fálica ganha uma posição central em relação aos outros estágios do objeto.

A oposição à concepção desenvolvimentista do objeto está atrelada à ideia de uma “estrutura definida pelas intervenções da demanda e do desejo nas relações do sujeito ao Outro.” (Porge, *op. cit.*, p. 64).

O francês nos lembra do que chamou “ligação evidente” entre o supereu e a voz como objeto *a*: “indiquei-lhes que não pode haver concepção válida do supereu que se esqueça de que, por sua fase mais profunda, essa (a voz) é uma das formas de objeto *a*.” (Lacan, *op. cit.*, p. 321).

Figura 4 – *As formas dos objetos nos diferentes estágios* (reprodução)



Fonte: Lacan, Jacques. (1962-3/2005). Do anal ao ideal. In: _____. *O seminário, livro 10: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, p. 320.

Ferreira (2015, p. 125) esclarece que Lacan, “levado pela necessidade de determinar a função do desejo em todos os níveis de objeto *a*, [...] completa a ‘gama das

relações de objeto” e acrescenta à lista freudiana de objetos o olhar e a voz, “destacando que cada um é gerador e correlato de um tipo de angústia, embora nenhum deles possa se separar das repercussões que tem sobre os demais.” Porge (2014, p. 62) também destaca a relação estabelecida entre os objetos ressaltando que ela “faz parte da estrutura de cada um desses objetos desde que se respeitem suas diferenças”, e continua: “[...], eles não são equivalentes, mas não são independentes uns dos outros.”

Tal “conexão” entre os objetos diz respeito à “constância do ímpeto da pulsão” (Porge, *op. cit.*, p. 63), destacada por Lacan (1973/2003, p. 527) no texto *Televisão*: “Uma permanência que consiste apenas na instância quádrupla em que cada pulsão se sustenta, por coexistir com outras três.”

Há uma espécie de “solidariedade íntima” que une os cinco objetos listados neste seminário e que “se expressa na fundação do sujeito no Outro por intermédio do significante, e no advento de um resto em torno do qual gira o drama do desejo, [...]”. (Lacan, 1962-3/2005, p. 266-267).

O desejo, então, tem um papel importante nesta constituição circular do objeto, na qual eles formam o que Lacan posteriormente chamará de “estrutura de grupo”⁵⁶, como bem nos lembra Porge (*op. cit.*, p. 67) ao observar que a estrutura em grupo dos objetos *a* se determina em razão “das relações da demanda do sujeito ao desejo do Outro.”

Fazendo coincidir a voz no lugar do supereu, Lacan a apresenta então como um novo objeto minúsculo, a quinta forma do *a*: “Nós o conhecemos bem, acreditamos conhecê-lo bem, a pretexto de conhecermos seus dejetos, as folhas mortas, sob a forma das vozes perdidas da psicose, e seu caráter parasitário, sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu.” (*op. cit.*, p. 275). Ele continua nos alertando que o nível no qual ela se insere traz algo de novo e revela algo que não era perceptível no nível anterior (o nível escópico).

Importante ressaltar, como nos lembra Catão (2009, p. 133), que no texto *Sobre o narcisismo*: uma introdução, Freud⁵⁷, “[...] a propósito da definição de um precursor do

⁵⁶ Segundo Porge (2014, p. 66), Lacan utilizará a expressão “estrutura de grupo” no seminário 13, *O objeto da psicanálise* (ainda inédito) para falar da “[...] ‘conexão’ entre os objetos *a*: ‘nenhum elemento pode ter a função de objeto *a* se não é associável a outros objetos no que se chama uma estrutura de grupo’”. Destacamos aqui que Lacan já havia mencionado, n’*O Seminário, livro 10*, dedicado à angústia, o fato de que os objetos *a*, manifestando-se sob diversas formas (oral, anal, escópico, voz), são indissociáveis no sentido de que só se poderá caracterizá-los enquanto tal se eles exercerem a função desse objeto, qual seja, a de causa de desejo. Ainda neste seminário, o psicanalista advertiu-nos da intrínseca relação entre “a fase oral e de seu objeto com as manifestações primárias do supereu”, e da “ligação da fase anal com a escopofilia” (Lacan, 19962-3/2005, p. 321).

⁵⁷ Freud, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução, vol. XIV. In ESB – Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro: Imago.

que será o supereu”, fala do papel da voz no que concerne à formação do ideal do eu, ocasionada pela influência crítica dos pais, que, por sua vez, seria transmitida ao sujeito por intermédio da voz dos genitores. Dessa maneira, o supereu, “com suas funções de consciência moral (voz da consciência), auto-observação e formação de ideais, se caracteriza como sendo uma instância vocal por excelência.” (*ibid.*)

Cabe ressaltar ainda que Freud (1923/2011), em *O Eu e o Isso*, afirma que os resíduos verbais derivam de percepções acústicas, enfatizando a origem sensorial especial dada ao sistema pré-consciente. Apresentando o “boné auditivo” no diagrama eu-isso-supereu, o psicanalista descreve a relação entre os mundos interno e externo e sua mútua influência, tendo como mediador o Eu. O boné auditivo, localizado nesse diagrama numa borda do Eu, denota a importância do receptor acústico: “o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do *Pcp-Cs*, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície.” (p.31). Vale ressaltar, na formalização do boné auditivo, que Freud aponta a importância e a prevalência da função da audição no sistema psíquico, salientando que “A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida” (p. 25).

Evocando o trabalho de Roman Jakobson a respeito dos monólogos ocorridos no berço enquanto o bebê se encontra sozinho⁵⁸, Lacan (1962-3/2005, p. 298) nos alerta para o fato de que tais monólogos ocorreriam na Outra cena, no inconsciente, afirmando então que, neste caso: “Trata-se, [...], da constituição do *a* como resto.” Essa característica de resto se manifestaria aí principalmente pela via através da qual se pôde, à época, ter acesso aos monólogos: através de fitas gravadas. Mas isso leva o psicanalista francês a uma ponderação: “Será que isso não nos leva a considerar que desse modo nos é oferecido um caminho para apreender que, quanto ao sujeito em vias de se constituir, é exatamente de uma voz desligada de seu suporte que devemos procurar o resto?” (*ibid.*, p. 298)

Quando nos diz que é numa “voz desligada de seu suporte” que devemos procurar o resto, Lacan se refere à pessoa que sustenta a voz e que vocaliza, para em seguida afirmar a voz com função de objeto e a necessidade de ultrapassar a concepção de linguagem como vocalização de fonemas. (Vorcaro, 2017⁵⁹).

⁵⁸ Chamados também de monólogos hipnopômnicos, esses monólogos ocorreriam nos momentos anteriores ao sono, onde a criança se encontra sozinha em seu berço. Vale ressaltar que, se alguém adentra ao quarto, ou mesmo se há uma outra criança presente, esses monólogos não ocorrem.

⁵⁹ Conversa via e-mail datada dos dias 28 e 29 de setembro de 2017.

Sob a forma de resto, encontrada nesses “[...] objetos que podem ser alinhados nas prateleiras de uma biblioteca sob a forma de discos ou fitas”, então, Lacan (1962-3/2005, p. 342) nos diz que a voz se caracteriza como um objeto cedível, traço constitutivo dos objetos *a*, como ressaltamos logo no início de nosso texto ao postularmos que o objeto da pulsão se caracteriza, entre outras coisas, por ser uma parte destacada do corpo (do Outro Real e da criança) que se coloca como objeto de desejo ou de demanda, seja *do* ou *para* o Outro. Lacan (1964/2008, p. 191) pondera: “Não parece que, [...], a pulsão, [...], está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro? ”

3.4.2 A voz e o circuito pulsional: a pulsão invocante

Assim, estando inserida na psicanálise através das vozes do delírio, ainda n’*O Seminário, livro 3*, e exercendo sua função de corte, assumindo, então, a forma do *a* minúsculo n’*O Seminário, livro 6*, a voz como objeto foi abordada ainda, como ressaltamos anteriormente, também n’*O Seminário, livro 10*: A angústia, no qual Lacan propõe a constituição circular do objeto. Porém, foi somente no seminário subsequente, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que ela pôde ser tomada no circuito pulsional, como atesta Porge (2014, p. 53; 55) ao considerar este movimento como uma das “consequências do acesso da voz à função de objeto *a*”. Ele escreve: “A identificação das vozes e da voz inscreve-as, de pleno direito, no circuito da pulsão. ”

No circuito pulsional, as vozes são integradas ao “*fazer-se ouvir* e põem-no em destaque”, lembra-nos Porge (*op. cit.*, p. 60). Tal assertiva remete-nos ao que Lacan desenvolve em 1962-3 sobre a voz. Ali, este a aborda, indiretamente, explanando a respeito do que entra pelo ouvido⁶⁰.

Vimos anteriormente como Lacan, retomando passo a passo o artigo freudiano sobre as pulsões, nos revela o circuito percorrido pela pulsão que sai de um orifício-borda, tangencia o objeto *a*, para atingir, em retorno, a zona erógena de onde se originara. Neste sentido, o retorno em circuito é que se torna o alvo da pulsão, como nos lembra Lacan (1964/2008), e não sua satisfação.

O circuito pulsional estabelecido por Lacan, o qual compreende três tempos, havia sido, de certa maneira, vislumbrado por Freud em 1915, quando o psicanalista austríaco descreve as vias passiva, ativa e reflexiva das pulsões, o que o próprio Lacan (*op. cit.*, p.

⁶⁰ Cf. lição XX, “O que entra pelo ouvido”, d’*O Seminário, livro 10* – A angústia.

174) nos lembra: “Freud nos introduz [...] à pulsão numa via das mais tradicionais, fazendo uso [...] dos recursos da língua, e não hesitando em se fundar em algo que só tem pertinência a certos sistemas linguísticos, as três vias, ativas, passivas, e reflexivas.” Assim, retomamos o texto freudiano para entendermos um pouco mais a contribuição lacaniana sobre as pulsões.

Em 1915, Freud recorre aos pares de opostos sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo para exemplificar o que ele mesmo havia catalogado como destinos da pulsão, especificamente, “a reversão em seu contrário” e “o retorno em direção à própria pessoa” (2015, p. 35).

A reversão em seu contrário concerne somente as metas da pulsão e se desdobra em dois outros processos, quais sejam, “a passagem de uma pulsão da *atividade para a passividade* e a *inversão de conteúdo*” (*ibid.*, p. 35, grifos do autor). Neste sentido, a meta ativa é substituída pela passiva: atormentar – ser atormentado, contemplar – ser contemplado; já a inversão de conteúdo ficaria restrita, de acordo com Freud, à “transformação do amar em um odiar.” (*op. cit.*, p. 35). Vale notar que já aí é perceptível o estabelecimento de, pelo menos, dois tempos da pulsão.

No que diz respeito ao retorno à própria pessoa, Freud considera: “A observação analítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquista também frui da fúria contra sua pessoa e de que o exibicionista também frui do próprio desnudamento.” (*ibid.*, p. 37).

Quando Freud (1905/2016, p. 41, grifos nossos) se vale do par de opostos voyeur-exibicionista, os tempos pulsionais ficam mais evidentes:

- a) O olhar como atividade, dirigido a um objeto alheio;
- b) o abandono do objeto, o retorno da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo, e com isso a reversão para a passividade e a designação da nova meta: ser contemplado;
- c) a introdução de *um novo sujeito*, a quem *a pessoa se mostra*, no intuito de ser observada por ele.

Temos aí três tempos: um primeiro ativo, no qual a pulsão se dirige a um objeto externo; um segundo reflexivo, onde a pulsão retorna ao corpo em consequência do abandono do objeto externo; e por fim o terceiro e último tempo, tido como passivo, em que a pessoa se faz ao outro que a observa.

Situados a respeito do pensamento freudiano, destacamos a seguinte colocação de Lacan (1964/2008, p. 189): “Tudo o que Freud soletra das pulsões parciais nos mostra [...], esse movimento circular do impulso que sai através da borda erógena para a ela

retornar [...], depois de ter feito o contorno de algo que chamamos de objeto *a*.” O francês continua afirmando que é por esta via, no traçado do contorno no circuito, que o sujeito pode “atingir” a dimensão do Outro.

Retomando o exemplo que também nós citamos anteriormente, no qual Freud (1915/2016, p. 43) nos revela seu “esquema para a pulsão de olhar”, Lacan (*op. cit.*, p. 190) se dedica a esmiuçar este esquema, debruçando-se especialmente no momento que diz respeito ao prazer de se exhibir, no qual, segundo o francês, seria o momento em que “o fecho do vaivém da pulsão” se dá. A passagem a qual Lacan (*op. cit.*) se refere, e que encontramos no texto freudiano, é a seguinte: “ γ) o próprio objeto é contemplado por uma outra pessoa (prazer de mostrar/exibicionismo)” (*ibid.*, p. 43).

Segundo Lacan (*op. cit.*) nos afirma, uma modificação num dos termos deste enunciado freudiano torce o entendimento desse momento que, da maneira como formulara Freud denota uma posição passiva, e que com ele, Lacan, permite a aceção de uma posição ativa. O francês assim formula sua torção:

De fato, a articulação do fecho do vaivém da pulsão se obtém muito bem com só mudar no último enunciado um dos termos de Freud. Eu não mudo *eigenes Objekt*, o objeto propriamente dito que é mesmo de fato ao que se reduz o sujeito, eu não mudo *von fremder Person*, o outro, é claro, nem *beschaut*, mas ponho no lugar de *werden*, *machen* – o de que se trata na pulsão, é de *se fazer ver*. A atividade da pulsão se concentra nesse *se fazer*, e é reportando-se ao campo das outras pulsões que poderemos talvez ter alguma luz. (*ibid.*, p. 190).

Faz-se necessário, para melhor entendimento do que Lacan alega ter modificado e que, justamente por isso, provoca um melhor entendimento do momento descrito por Freud, faz-se necessário, então, que citemos o trecho supracitado na língua em que foi escrito, o alemão: “ γ) Eigenes Objekt von fremder Person beschaut werden (Zeigelust/Exhibition)” (Freud, *op. cit.*, p. 42).

A utilização do termo *werden*, no original em alemão, denota voz passiva. É justamente neste termo que Lacan faz sua modificação. A troca de *werden* por *machen* (donde a frase poderia ser [re]escrita: *Eigenes Objekt von fremder Person beschaut machen*) permite uma virada no entendimento dos tempos da pulsão, que nos possibilita entendê-lo como uma atividade, e não como uma passividade (advinda da gramática), pois que *machen* pode significar “fazer, propositalmente”. A mudança de *werden* para *machen* é a “passagem”, se assim podemos chamar, de uma passividade para uma

atividade, o que está implícito em “propositalmente”, intencionalmente: propositalmente se fazer ao outro⁶¹.

Daí depreendemos que aquele que é olhado não está numa posição (somente) passiva, mas também se coloca em atividade ao se fazer ver e obtém prazer com isso, o “prazer de mostrar”, como bem observa Freud (1915/2016). Isso fica patente na seguinte afirmação de Lacan (1964/2008, p. 195): “De fato, salta aos olhos que, mesmo em sua pretensa fase passiva, o exercício de uma pulsão, masoquista por exemplo, exige que o masoquista, se ousar me exprimir assim, trabalhe feito um burro. ”

Na esteira deste pensamento, Caldas (2007, p. 96) destaca que Freud, em 1915, apontara a “impossibilidade de um sujeito deixar de implicar-se na ação pulsional que o divide em face do Outro. Para se tornar passivo em determinada posição, o sujeito não pode prescindir da atividade, [...]”, ainda que esta atividade faça (a)parecer uma passividade.

Neste ponto arriscamos em dizer que, antes de um desenvolvimento mais pormenorizado da ideia por Lacan, o próprio Freud houvera estabelecido o terceiro tempo do circuito pulsional ao enfatizar a atividade do sujeito em “fazer-se” olhar, como destacamos na citação acima, “fazendo-se” objeto para um outro sujeito. Outra observação que julgamos pertinente está relacionada à questão do circuito, que se completa no retorno à zona erógena: lembramos que também Freud, antes de Lacan, fala do retorno da pulsão a uma parte do próprio corpo. Sustentamos nossa colocação com a seguinte consideração de Laznik (2004/2013, p. 62, grifo da autora): “[...] Lacan sustentou sua noção de *surgimento do sujeito da pulsão* no que Freud denomina de ‘novo sujeito’ que surge no terceiro tempo do remate pulsional, [...].”

A novidade trazida e reivindicada por Lacan (*op. cit.*, p. 190) neste texto consiste em acrescentar o “*se fazer ouvir*”, o que, segundo o francês, foi deixado de lado por Sigmund Freud. O *se fazer ouvir* porta uma diferença essencial em relação ao *se fazer ver*, uma vez que “os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar. ” Deste modo, se o *se fazer ver* nos indica, no circuito, um verdadeiro retorno para o sujeito, “o *se fazer ouvir* vai para o outro. ” (Lacan, 1964/2008, p. 190-191). Em

⁶¹ Os esclarecimentos a respeito dos termos e da língua alemã foram feitos por Luiza Bartels (em comunicação pessoal, no dia 03 de outubro de 2017), a quem agradeço.

relação às pulsões (oral, anal e escópica), o se fazer ouvir diz respeito à *pulsão invocante*⁶².

Neste contexto, acrescido aos outros dois tempos – ativo e passivo – se engendraria então o terceiro tempo do circuito pulsional, o da “retroversão”, o qual é generalizado a todas as pulsões⁶³, como bem nos lembra Porge (2014, p. 84). Este autor considera ainda:

A contagem de um terceiro tempo por Lacan, [...], é o modo de reconhecer que o ir e vir dos dois primeiros tempos não segue o traçado de um círculo, redutível a um ponto, [...], porque agora o traçado não pode ser redutível a um ponto, ele contorna um vazio a mais. (*ibid.*, p. 84).

As pulsões se originam dos orifícios corporais tomados como zonas erógenas e “estão ligados à abertura-fechamento da hiância do inconsciente”, nos diz Lacan (1964/2008, p. 195). Porém, ele mesmo havia nos chamado a atenção para o fato de que o ouvido não se pode fechar. Assim, por dizer respeito a um orifício corporal que não é possível ser fechado, a pulsão invocante possui o “privilégio de não poder se fechar.” (*ibid.*, p. 195). Ela não se fecha em circuito porque o *se fazer ouvir* se dirige ao Outro, nos lembra Porge (*op. cit.*) – retomando o que Lacan antecipara.

No percurso de sua elaboração de um Estádio de Eco⁶⁴, Porge (*op. cit.*) se questiona a respeito desta particularidade da pulsão invocante: será que a (re)montagem do esquema pulsional não seria mais válido? Há sentido em dizer que a pulsão não retorna ao sujeito, mas sim para o Outro?

Seus questionamentos o levam, ele afirma, a “[...] reconsiderar o fato – [...] – de que a pulsão invocante convoca não um, mas dois orifícios: a boca para falar, chamar, e a orelha para escutar, ouvir. Ela está imprensada entre o *oris* (oralidade) e o *auris* (‘a auricularidade’)” (*ibid.*, p. 86), o que evidencia o caráter peculiar da voz como objeto *a* que a qualifica como inapreensível, de modo que só seria possível “localizá-la” entre a boca e a orelha.

Para Porge (*op. cit.*, p. 87), a “dualidade de fontes inscreve [...] a pulsão invocante em uma problemática de divisão e de separação da relação do sujeito ao Outro.” A voz,

⁶² De acordo com Érik Porge (2014), essa expressão só aparecerá no ensino de Lacan em 1964, n’*O Seminário, livro II*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

⁶³ Na pulsão oral: comer, ser comido, se fazer comer; na pulsão anal: cagar, ser cagado e se fazer cagar; bem como, na pulsão escópica: ver, ser visto, se fazer ver.

⁶⁴ A teorização sobre o Estádio de Eco proposta por Erik Proge (2014) não se mostra como objeto de nossas considerações, devido ao tema que nos dedicamos a estudar, por isso, não a abordaremos à fundo, recorrendo ao seu trabalho como auxiliar no entendimento da pulsão invocante.

situando-se entre o dentro e o fora, “[...] engendra passagens entre um sujeito que fala e outro que ouve, [...]”. ”.

Por mais que não tenha se demorado na elaboração teórica a respeito da pulsão invocante e a duplicidade de suas fontes, Lacan ofertou as bases mínimas para que, *a posteriori*, algo pudesse ser desenvolvido. Porge (2014) nos lembra que, no seminário sobre *As psicoses*, Lacan (1955-6/1998, p. 159) havia anunciado que “[...] o ouvir e o falar são como o direito e o avesso”, e, posteriormente, no seminário sobre *Os quatro conceitos...*, enfatizou o “laço intrínseco entre o ouvir e o falar” (Porge, *op. cit.*, p. 90).

A implicação de dois orifícios forneceria o “padrão de um tecido topológico moebiano” entre eles (Porge, *op. cit.*, p. 90), visto serem, o falar e o ouvir, dois lados opostos – “o direito e o avesso”, disse Lacan (*op. cit.*, p.159).

Obedecendo aos ditos de Lacan sobre a pulsão e seu circuito, e tendo em conta sua afirmação a respeito da “torção de voz”⁶⁵, Porge (2015) propõe a torção do circuito da pulsão invocante, de modo que ela possa, passando pelo Outro, retornar ao sujeito.

Neste sentido, a respeito do fechamento do circuito da pulsão invocante que, para Lacan não seria possível, Porge pondera (2014, p. 90): “Mais que subscrever a ideia de que ela não se fecha, devido a seu retorno sobre o Outro, proponho dizer que ela se fecha Outramente. ”

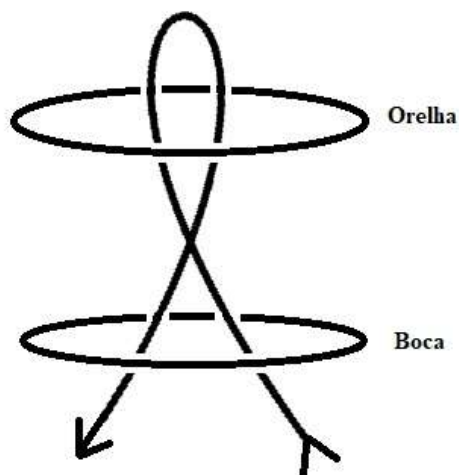
O mencionado autor escreve:

A particularidade da pulsão invocante necessita, [...], de um grafo específico, diferente daquele das outras pulsões, um grafo onde a flecha retorna na direção do sujeito, mas depois de uma *torção* no nível do Outro, que ouve, e de onde o sujeito recebe sua mensagem sob uma forma invertida. (Porge, 2015, p. 40)

Diante de suas considerações, então, Porge (2014) propõe a seguinte torção proposta no circuito da pulsão invocante:

⁶⁵ Lacan, Jacques. (1975-6/2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Figura 5 – *Circuito da pulsão invocante (reprodução)*



Fonte: Porge, Erik. (2014). *A voz de Eco*. Trad. Viviane Veras. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, p. 91.

Ao invés de um “simples” direcionamento ao Outro, de forma que ela não poderia retornar ao sujeito e não se fecharia, a pulsão invocante se torce, como acontece na banda de moebius, e é possível retornar, saindo do Outro, para o sujeito.

Seu trajeto, então, é “em duplo laço [...]. Ele se fecha sobre um vazio, [...], no qual *a* ocupa esse lugar. Um vazio que Lacan assimila ao silêncio, parceiro da voz, [...].” Nesse trajeto, pode-se verificar facilmente os três tempos da pulsão invocante, que combinam “duas séries: a série saída da boca, do falar ou chamar, e a que sai da orelha, o escutar, o ouvir.” (Porge, 2014, p. 103; 93).

Assim, ainda de acordo com Porge (*op. cit.*), estabelece-se que, no primeiro tempo temos o falar/chamar; no segundo tempo, o ser falado/chamado; e no terceiro tempo se fazer chamar/falar. Analogamente, teríamos em relação ao ouvido: um primeiro tempo de ouvir/escutar; o segundo tempo de ser ouvido/escutado; e o terceiro tempo de se fazer ouvir/escutar.

Em 2009, Bentata chamou atenção para o fato de que, até então, somente Didier-Weill⁶⁶ havia mencionado a dualidade do objeto da pulsão invocante. Ele escreve: “Apenas Didier-Weill parece ter percebido esta dualidade do objeto, quando fala do ‘circuito pulsional... que seria algo da ordem da pulsão invocante e de seu retorno em pulsão de escuta.’” (Bentata, 2009, p. 14). Há nesse fragmento trazido por Bentata uma semelhança de pensamento entre Didier-Weill e o que, anos mais tarde, elaborou Porge

⁶⁶ Didier-Weill, A. (1975-77). *Dans le Séminaire XXIV*, L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre, Leçon 3, p.41, citado por Bentata (2009).

(2014; 2015) sobre a pulsão invocante e o estágio de Eco. Ambos consideram o retorno da pulsão invocante para o sujeito, algo não elaborado por Lacan.

Na esteira deste pensamento, Bentata (2009, p. 14) argumenta que, para ele, “[...], a *escuta*, mais do que a voz, se faz objeto da pulsão invocante.” No entanto, ele a reconhece como o “objeto primitivo da pulsão”. (*op. cit.*, p. 14).

Vivès (2009, p. 330) chama atenção para a etimologia da palavra invocante, observando que “*Invocare*, em latim, remete ao apelo, ao chamamento”. Assim, ele enfatiza a questão do apelo presente na voz e, ao contrário do que nos propõe Porge (2014; 2015) com sua elaboração que leva em conta dois orifícios envolvidos na pulsão invocante, considera somente o chamar, ser chamado e se fazer chamar como componentes do circuito desta pulsão.

Ainda segundo Vivès (*op. cit.*, p. 335), quando Lacan confere à “invocação, [...], o estatuto de pulsão, [...]”, ele propõe uma “nova dialética das pulsões”: os objetos oral e anal respondem, respectivamente, a uma demanda ao Outro e uma demanda do Outro, enquanto o olhar concerne ao desejo ao Outro e a voz, ao desejo do Outro. Neste sentido, a voz proveniente do Outro manifesta todo o seu desejo, como assevera Lacan na seguinte passagem retomada por Vivès (*op. cit.*, p. 335):

O objeto *a* está diretamente implicado quando se trata da voz e isso no nível do desejo. Se o desejo do sujeito se funda como desejo do Outro, esse desejo como tal se manifesta no nível da voz. A voz não é somente o objeto causal, mas o instrumento pelo qual se manifesta o desejo do Outro. Esse termo está perfeitamente coerente e constitui, se posso dizer, o ponto culminante em relação aos dois sentidos da demanda, seja ao Outro, seja vinda do Outro. (Lacan, inédito⁶⁷).

Lembramos que Lacan (1964/2008, p. 105), n’*O Seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, já havia especificado que as pulsões oral e anal estão no nível da demanda, “do pedido”, e que as pulsões escópica e invocante estão no nível do desejo do Outro. Esta última, a invocadora, é considerada pelo francês como “a mais próxima da experiência do inconsciente.”

3.4.3 O circuito invocante

O circuito pulsional, em particular o da pulsão invocante, é de extrema valia na clínica, como nos atesta Vivès (*op. cit.*, p. 330) ao afirmar que é “essencialmente com

⁶⁷ Lacan, Jacques. (1966) *O seminário, livro 13*: o objeto da psicanálise. (Inédito).

essa pulsão que eles (analistas) trabalham no sigilo de seus consultórios. ” Neste sentido, encontramos relatos e elaborações teóricas feitas por analistas a este respeito, principalmente no que tange à constituição do sujeito conjugada à clínica com crianças autistas ou com bebês, como podemos ver nos trabalhos de Catão (2009), Laznik (2004/2013) e outros autores. Podemos também encontrar registros da pulsão invocante na clínica com adultos, tal como nos relata Vivès (2009, p. 330) ao argumentar que “[...] a dinâmica do tratamento, no que concerne à pulsão invocante, é caracterizada por uma modificação do lugar do sujeito no circuito da invocação, [...]”, ao qual o sujeito estaria submetido (ou que poderia ter falhado, como no caso dos autistas), para descobrir-se “[...] igualmente e, conseqüentemente, desejante. ”

A experiência da pulsão invocante na clínica com crianças pequenas trata da relação do sujeito-por- vir ao Outro. Catão (*op. cit.*), assim como Vivès (*op. cit.*), também prioriza a questão do chamamento (ligado à boca como zona erógena), apesar de, na descrição que faz dos tempos da pulsão – primeiramente de maneira geral e, em seguida, da pulsão invocante –, estar presente também a questão do ouvir (relacionada ao ouvido enquanto orifício de borda) – o que aproxima sua abordagem daquela feita por Porge (2014; 2015).

A mencionada autora expõe os três tempos do circuito pulsional, correspondente a todas as pulsões, relacionando-os a faixas etárias, desta maneira, para ela, o primeiro tempo do circuito estaria compreendido entre 0 (zero) e 6 (seis meses), e “é caracterizado [...] pelo chamamento do Outro e pela resposta do recém-nascido a esse chamado. ” (Catão, *op. cit.*, p. 122).

O segundo tempo estaria compreendido entre os 6 (seis) e os 18 (dezoito) meses, e guarda a peculiaridade de uma “interrupção da pulsão”. A autora sustenta seu argumento respaldada na afirmação de Didier-Weill⁶⁸ de que esta interrupção seria ocasionada pela “descoberta, pelo sujeito, do furo real da privação materna”. (Catão, *op. cit.*, p. 123).

Ainda na esteira do pensamento de Didier-Weill, Catão (*op. cit.*, p. 124, grifos da autora) descreve o terceiro tempo do circuito como aquele no qual a pulsão seria “novamente posta em jogo” pelo Outro. O fechamento do circuito, assim, “*tempo do fazer-se ao Outro* – [...] consolida a operação do recalque originário e a fundação do inconsciente. ”

⁶⁸ Didier-Weill, A. (1997). *Os Três Tempos da Lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ao especificar o circuito da pulsão invocante, a autora escreve: “[...] o primeiro tempo é o de *ouvir*”, no qual a voz do Outro teria a “função de chamamento”. (Catão, 2009, p. 125, grifo da autora)

Já o segundo tempo, possível somente se há um “enlaçamento do Outro”, é o de “*se ouvir*”. Nele, escreve a autora: “O grito do *infans* retorna da mãe sob a forma de uma demanda, ou seja, nos termos de Lacan: a mensagem retorna do Outro sob forma invertida.” (*ibid.*, p. 125).

O terceiro e último tempo “é o de *se fazer ouvir*”, no qual um novo sujeito aparece. Esse sujeito é, ao mesmo tempo, o grande Outro e o pequeno outro: “[...] o Outro real encarnado pela mãe passa a ser o novo sujeito da pulsão.” (*ibid.*, p. 125).

Assim, a pulsão invocante e seu circuito têm início, para a autora, “quando o Outro materno ouve o grito do recém-nascido como um apelo.” A escuta materna transforma o grito do neonato em um chamado (direcionado a ela, à mãe), de modo que “[...] o chamamento está primeiro do lado do Outro.” (*ibid.*, pp. 138; 168).

Ou seja, o grito do neonato é transformado em chamado pelo Outro primordial que supõe naquele pequeno ser um sujeito. É somente por considerar seu bebê um sujeito que a mãe (Outro primordial) lhe convoca a partilhar de um gozo na relação que se esboça ali. “No entanto”, escreve Catão (*op. cit.*, p. 168), “não basta ser chamado”. Para que haja continuidade na instauração do circuito pulsional relativo à voz, o recém-nascido precisa atender a esta invocação também com um chamado e, principalmente, *se fazer chamar* pelo Outro. “Mas, ” nos alerta a autora, “para chamar é preciso voz, isto é, investimento libidinal da voz”, e é do Outro primordial que, primeiramente, provém a voz.

Qual seria, então, a resposta possível que o neonato poderia dar ao chamamento primordial que o Outro lhe dirige? De acordo com a mencionada autora (*op. cit.*, p. 169), a resposta se relaciona à formulação de uma questão que testemunharia o “efeito da *alienação simbólica*” – possível de ser percebida somente após o percurso completo do circuito pulsional, uma questão que convoca o Outro a manifestar seu desejo, a saber: *Che vuoi?*⁶⁹ (*Que quer você?*).

Essa pergunta, esse apelo ao Outro, é trabalhada por Lacan n’*O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*, onde ele esclarece de maneira inequívoca o que acontece nesse nível na relação que se estabelece entre o *infans* e seu Outro:

⁶⁹ Questão trabalhada por Lacan (1958-9/2016) em seu sexto seminário, *O desejo e sua interpretação*, enquanto da elaboração do grafo do desejo.

O Outro em questão é aquele que pode dar ao sujeito a resposta, a resposta a seu apelo. Vemos esse Outro, a quem fundamentalmente ele (o sujeito) dirige sua pergunta, aparecer em *O diabo enamorado* de Cazotte como o bramido da forma terrificante que representa o aparecimento do supereu, em resposta àquele que o evocou [...]: *Che vuoi? Que quer você?* A pergunta sobre o que ele quer é feita ao Outro. É feita dali onde o sujeito tem seu primeiro encontro com o desejo, o desejo como algo que é, primeiro, o desejo do Outro. (Lacan, 1958-9/2016, p. 23-24).

Em conferência no Instituto Outrarte, em agosto de 2016, Jean Michel Vivès relatou a experiência pela qual passara ele e sua estagiária durante o atendimento de uma criança autista, no qual as intervenções feitas pelos psicanalistas com a criança deveriam ser feitas com o auxílio de um robô⁷⁰.

O francês relata a dificuldade do endereçamento direto às crianças autistas que ocorre na clínica que, desde o início, fora destacado por Asperger em seus textos. Neste sentido, ao nos dirigirmos a uma criança autista, deveríamos nos posicionar “um pouco de lado”, não frontalmente, mas sim perifericamente. (Vivès, 2016).

No entanto, sua experiência clínica com o robô lhe permitiu observar que se, ao nos dirigirmos a estas crianças, utilizarmos uma “voz monocórdia, uma voz monotônica”, haveria uma possibilidade maior de o clínico *se fazer escutar* por elas. (Vivès, 2016).

A hipótese aventada por Vivès (2016) se deu após o seguinte acontecimento: sua estagiária – com o auxílio de um programa de computador que permitia que qualquer coisa que fosse digitada no teclado do computador o robô pronunciaria – digitou uma questão, uma pergunta, a qual o robô pronunciou e a criança respondeu. O francês frisa: “Ela (a criança) responde *ao* robô.” Então, apesar de ser uma questão feita por uma pessoa – o que, segundo Vivès (2016), a criança sabia –, a interação só é possível pela mediação do robô.

É interessante pensar, a partir das assertivas de Vivès (2016), que, enquanto o neurótico, por exemplo, necessita do Outro para mediar sua relação com a Linguagem, o autista necessita de um objeto para mediar sua relação com um Outro, pois, sua relação com a linguagem, como afirmou Bernardino (2017⁷¹), pode se dar sem o auxílio do Outro, porque, para a criança autista, o Outro não existe.

A partir daí o que se coloca para o psicanalista é a seguinte questão: “Quais são as qualidades da voz do robô que fazem com que a criança autista seja capaz de dialogar

⁷⁰ Jornada com Jean-Michel Vivès – “Autismo: a voz e a clínica”. Comunicação proferida a 19 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J63dOIK4SEU>>

⁷¹ Ocupação Psicanálise: interrogações sobre a diferenciação entre autismos e psicoses. Comunicação proferida em 18 de abril de 2016 no Instituto Gerar. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=S6uRZzFB9MI&t=4566s>>

com ela, uma vez que ela fecha os ouvidos quando confrontada com a voz humana? ” (Vivès, 2016).

Em resposta a esse questionamento, Vivès (2016) formula a hipótese de que a “voz maquina”, aquela produzida pelo robô, é uma voz *sem sujeito*, e, evocando a passagem d’*O Seminário, livro 6*, na qual Lacan (*op. cit.*) enuncia que a voz faz intervir no discurso o peso real do sujeito, ele afirma que a criança autista – ao tapar os ouvidos quando confrontada com a voz humana – resiste ao peso real do sujeito do discurso, ela resiste ao que se faz presente na voz humana, mas que estaria ausente na “voz maquina” do robô.

O que é retirado, esvaziado na voz maquina é o que há de mais singular na voz: o timbre. (Vivès, 2016).

Assim, para Vivès (2016), o timbre da voz humana permite à criança autista perceber o sujeito que se dirige a ela, porque ele revela a dimensão real da posição subjetiva do sujeito. É justamente contra essa dimensão subjetiva, segundo o psicanalista, que a criança autista se defende, pois, o encontro do dito com o dizer, evidenciada na subjetividade, é problemática para a criança autista. Assim, o robô, com sua voz maquina, permite se dirigir à criança com o desencontro das dimensões do dito (enunciado) e do dizer (enunciação).

Neste ponto, formulamos um problema/hipótese: a posição subjetiva detectada pela criança autista diz respeito ao desejo que o Outro sujeito direciona a ela ao utilizar sua voz?

Lembramos, com Lacan (1966, inédito⁷² citado por Catão, 2009), que o desejo do Outro, como tal, se manifesta na voz:

Quando se trata da voz, o objeto *a* está diretamente implicado, e isto ao nível do desejo. Se o desejo do sujeito se funda como desejo do Outro, este desejo como tal se manifesta ao nível da voz. A voz não é somente o objeto causal (objeto *a* causa de desejo), mas o instrumento onde se manifesta o desejo do Outro.

Por fim, lembramos o que Maleval (2017, p. 103) escreve a respeito da concepção do Outro como um “objeto sonoro”⁷³ pelo sujeito autista e sua relação com o desejo:

⁷² Lacan, J. (1966). *Seminário 13: o objeto da psicanálise*, aula de 01 de junho de 1966. (Inédito)

⁷³ A noção de “Outro como objeto sonoro” é trazida por Maleval no livro *O autista e sua voz* e diz respeito ao fato de que a criança autista, em virtude de sua relação ao objeto vocal, relaciona-se ao Outro de modo a tê-lo como algo/alguém apartado da dimensão enunciativa, visto que não suporta o peso do sujeito denunciado por esse objeto. O autor relata, por exemplo, que, mesmo quando a criança autista fala, ela fala sem dizer, pois, sua fala está desconectada de sentido ou de sua expressão enquanto sujeito do enunciado;

“Conceber o Outro como um objeto sonoro, e não como um sujeito expressivo, constitui uma das maneiras autísticas de se proteger das manifestações do seu desejo. ” Isso acontece porque, ainda segundo o autor (*Ibid.*), há, nos autistas, uma imensa dificuldade em tomar uma posição de enunciação, visto que a linguagem não é investida pelo gozo vocal. Assim, ela é vivenciada como um objeto sonoro, tal como o próprio sujeito – que não compreende que a palavra serve para comunicação e expressão de sentimentos, de forma que ele fala, mas não diz – e os outros.

ele justifica, assim, a fala lacaniana de que os autistas são verborrágicos, de modo que essa verborreia parece ter como função “sufocar e conter uma voz cuja manifestação ele [o autista] teme. ” (Maleval, 2017, p. 96). Ou seja, como a sonoridade não se vincula ao objeto vocal – como vimos –, é possível à criança autista relacionar-se aos outros, fazendo deles (bem como a si mesma) uma apreensão objetual. “[...]: o autista”, continua Maleval (2017, p. 98), “encontra-se situado como o sujeito que recusa que o objeto do gozo vocal seja posto em funcionamento”. Essa assertiva bem exemplifica a expressão *Outro sonoro* utilizada pelo autor, posto que evidencia que é somente pela via do sonoro, à qual escapa a dimensão enunciativa e retira o gozo de circulação, que o sujeito autista pode relacionar-se ao Outro.

4 O MANHÊS SE DISTINGUE DA VOZ

Diante de todo o exposto nos capítulos 1 e 2, percebemos que, de todas as características do manhês, a que mais chama atenção, aquela que mais é estudada talvez seja a entonação, a modulação dessa fala dirigida ao *infans*. As características prosódicas, mensuráveis, verificáveis, evidenciam o caráter melódico, musical do manhês, bem como denunciam sua categórica distinção, como defendem alguns autores, daquilo que Lacan revelou ser a voz tal como ela é tomada como objeto pela Psicanálise. Como bem nos lembra Miller (1994/2013): a voz, como objeto *a*, em nada pertence ao registro do sonoro.

Heloísa Caldas (2007, p. 93) nos auxilia no entendimento desta distinção, teórica mesmo, e de modo determinante situa esta questão que, de certa forma, segundo ela, reduziria a voz na perspectiva psicanalítica: “[...], não podemos reduzir a questão da voz à mera análise das entonações e das modulações permitidas por seu substrato sonoro que produzem efeitos na dicção. Esse caráter prosódico não conceitua a voz como objeto *a*, [...]”. A autora continua sua assertiva argumentando, então, que a voz enquanto objeto se articula sobre o fônico, mas é necessário que “nesse material se produza um vazio.”

Valendo-se das considerações de Lacan e Miller sobre a voz, Jean-Claude Maleval (2017, p. 285; 286), também atesta a questão da não-identificação entre voz e som ao afirmar que “ela (a voz) não é identificável nem à entonação nem à voz materna.” O francês vai além, asseverando que “[...] melodia, cantiga e música apagam a voz, [...].” Neste sentido, seria fácil entender, para este autor, o interesse que os autistas demonstram pela música. Se se angustiam diante do gozo proporcionado pelo objeto vocal que denuncia o desejo do Outro, deleitam-se com o apagamento dessas dimensões presentes na enunciação.

Vale lembrar que “[...] a voz não é o orgânico, apesar de ela se sustentar sobre a função orgânica da respiração.” (Caldas, *op. cit.*, p. 90). Lacan já havia nos alertado a este respeito quando ponderou que “nada se inscreve num corte da respiração”. O francês continua:

A respiração é ritmo, a respiração é pulsação, a respiração é alternância vital, ela não é nada que permita, no plano imaginário, simbolizar precisamente aquilo de que se trata, a saber, o intervalo, o corte.

Isso não significa, contudo, que nada do que passa pelo orifício respiratório possa, enquanto tal, ser escandido, pois, precisamente, é por esse mesmo orifício que se produz a emissão da voz. Ora, a emissão da voz é, ela sim, algo que se corta, que se escande. (1958-9/2016, p. 411).

Sob esta perspectiva, então, a voz “[...] emerge do material sonoro, à medida que sofre uma operação de corte, isto é, quando algo cria um intervalo e estabelece uma diferença que permite a seriação. ”. Assim, ela “se marca sobre a função orgânica, contínua, da respiração [...]”. (Caldas, 2007, p. 91).

Considerando o que há da relação da voz com o sonoro, Vivès (2016)⁷⁴ pondera que as concepções elaboradas por Marie-France Casterède e Marie-Christine Laznik, especialmente com o manhês, dizem respeito ao envelope imaginário da voz (dimensão imaginária da voz), o que contrasta com o pensamento de Lacan sobre a voz, qual seja, que a voz não se encontra aí, nesta dimensão imaginária, porque não é correlata ao som, mas ao silêncio.

As dimensões melódica e rítmica são importantes, mas, se ligando a estas dimensões, há, de acordo com Vivès (2016), um fracasso no que diz respeito à especificidade da voz enquanto objeto *a*. Ele diz:

É claro que a dimensão melódica da voz materna é importante; é claro que o que Allain-Didier Weill fala sobre a questão rítmica da voz é essencial, porque a dimensão do ritmo na voz materna é o que permite introduzir a ausência na presença. Ou seja, a articulação moebiana não entre a ausência ou a presença, numa oposição binária, mas a necessidade de se poder pensar a ausência na presença. E é isso que o Alain Didier-Weill mostra de uma maneira interessante. Mas não é nesse ponto que Lacan vai mostrar a voz como objeto pequeno *a*. (Vivès, 2016).

Ante este argumento é que Vivès (2016) considera que abordar essas dimensões não diz respeito a abordar o que Lacan formulou como a voz enquanto objeto *a*. “Essas dimensões”, rítmica e melódica, diz ele, “são imaginarizações da voz. Imaginarizações necessárias, no sentido de que não conseguimos captar o real, mas, [...], temos a necessidade de tentar pensá-lo”. Ou seja, as características melódicas e rítmicas – portanto, imaginárias – da voz nos permitem pensar a voz em sua dimensão real.

Na esteira deste pensamento, Vorcaro (2016)⁷⁵ argumenta que tratar das dimensões real e imaginária da voz, concomitantemente, é extremamente importante, e aponta a possibilidade de abordar a voz a partir de um terceiro ponto, a saber, o simbólico – pois que é a dimensão Simbólica que “articula e posiciona o sujeito e seus outros” (Vorcaro & Catão, 2015, p. 50).

⁷⁴ *Jornada com Jean-Michel Vivès – Manhã*: palestra proferida no Instituto Outarte (UNICAMP) em 19 de agosto de 2016, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J63dOIK4SEU&t=1821s>.

⁷⁵ *Jornada com Jean-Michel Vivès – Manhã*, 19 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J63dOIK4SEU&t=1821s>.

Dissertando sobre a questão das dimensões da voz, Catão (2009, p. 173) recorreu à topologia do nó borromeano, primeiramente concebida por Lacan no *Seminário 22: RSI* (ainda inédito), em que o francês expõe “suas formulações sobre as relações de troca entre os registros da experiência humana no psiquismo: Real, Simbólico e Imaginário”. A característica articulação dos três registros – possibilitada pelo Imaginário, em virtude de sua relação com o corpo –, deixa um espaço vazio em seu centro, onde Lacan situou o objeto pequeno *a*. Situando-se, então, como objeto *a*, entre as três dimensões, a voz, para a autora, pode ser pensada também como tendo três dimensões. Neste sentido, continua Catão (2009, p. 174): “Sua vestimenta, o som, dimensão imaginária, enoda os três registros.”

Encontramos no texto de Hervè Bentata (2009) uma preciosa elaboração a respeito das três dimensões da voz, às quais o autor, valendo-se do mito de Ulisses e seu encontro com as sereias, descrito por Homero em *Odisseia*⁷⁶, relaciona três expressões gregas utilizadas para descrever a voz daqueles seres míticos equivalendo-as aos três registros psíquicos representados no nó borromeano de Lacan. As expressões utilizadas por Bentata (*op. cit.*) são: *phthoggos*, *op's*, *aoïde*.

A primeira expressão, *phthoggos*, “designa o canto enquanto grito, pode ser apenas um puro som, [...]; traz em si algo de inarticulado e é associado à morte.” (*ibid.*, p. 15).

Op's, ao contrário de *phthoggos* (grito, puro som inarticulado), “[...] faz sempre referência aproximada à palavra, beira a sedução; ‘neste termo predomina o sentido físico com uma forte conotação de harmonia, frequentemente associada a uma voz de mulher...’”. (*ibid.*, p. 15).

Já *aoïde*, refere-se ao “conteúdo”, como o francês destaca: não é a voz, mas “o próprio hino”, e está associado a um “*saber* prometido, a uma transmissão simbólica.” (*Ibid.*, p. 15, grifos do autor).

A partir daí, para Bentata (*op. cit.*), *phthoggos*, *op's* e *aoïde*, correspondem, respectivamente, às dimensões real, imaginária e simbólica da voz.

Na dimensão real (*phthoggos*),

[...], a voz se desdobra como órgão de sedução que promete um gozo sem limites. Mas, além do afeto e do gozo que o grito pode provocar, é preciso acrescentar sua função de apelo imperativo que dirige à presença do Outro. O grito das Sereias subjuga os marinheiros, atraindo-os a elas, inexoravelmente. (*ibid.*, p. 16).

⁷⁶ Homero. (2013). *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. 2 ed. São Paulo: Cultrix.

O autor lembra o que acontece na relação mãe-bebê: a mãe não resiste aos gritos que o bebê emite, como se estes gritos tivessem nela um efeito imperativo. “Neste caso”, observa, “os bebês estão na posição de Sereias...” (Bentata, 2009, p 16).

Vale ressaltar que a dimensão real da voz não é duradoura, uma vez que, “com o apelo, a dimensão simbólica da voz já está totalmente presente [...]” (*ibid.*, p. 16).

A expressão grega *aoïde* denota, nesta correlação à teoria psicanalítica, o conteúdo significante. *Aoïde* é o saber prometido a Ulisses pelas Sereias e foi equiparada por Bentata (*op. cit.*) à dimensão Simbólica da voz. De acordo com o autor, o saber prometido concerne ao “Nome”⁷⁷ e à “Origem”, pois: “[...], é com essa experiência frente ao canto das Sereias que Ulisses se nomeia, vai tornar-se o *narrador de sua história* e abre-se diante dele o caminho de retorno a Ítaca, à sua origem.” (*Ibid.*, p. 17, grifos do autor). Neste sentido, a nomeação é tomada como “efeito de subjetivação que passa pela voz do Outro” (Idem), o que, destacamos, corresponde à formulação lacaniana na qual o sujeito se constitui no campo do Outro.

À voz da palavra (*op's*), a voz cantada, harmoniosa e sedutora, coincidiu-se a dimensão imaginária. O *op's* se refere a uma voz ancestral que remete ao “início de tudo, antes do desmame, um tempo onde nada ainda estava perdido”, afirma o autor. (*ibid.*, p. 16).

Este ponto da construção de Bentata (*op. cit.*) se mostra em consonância com o que Vivès (2016) articula a respeito da dimensão imaginária da voz e que, de acordo com o pensamento deste, corresponderia à dimensão da voz comumente relacionada ao manhês.⁷⁸

A mãe, ele afirma, “fornece sua voz ao bebê desde o nascimento e, em sua loucura materna, ela lhe fala em um dialeto próprio”, o manhês. Com esse “dialeto” as mães fazem “sobressaltar e desfalecer os bebês que as escutam. Sendo assim, funciona como uma espécie de canto das Sereias: atrai de maneira irresistível os bebês a seu alcance.” (Bentata, *op. cit.*, p. 16; 17).

O autor destaca a fascinação que toma o bebê que é capturado, atraído pela voz de sua mãe, e assim, cai de amores por ela. A fala lenta, que escande o enunciado, própria

⁷⁷ Faz-se necessário esclarecer que, até o momento, Ulisses houvera permanecido “anônimo”, sem se nomear, dizendo “eu me chamo Ninguém”, quando perguntado sobre seu nome. (Bentata, 2009).

⁷⁸ Cf. a afirmação de Vivès (2016), f. 78, que destacamos.

do manhês, funcionaria como algo que prepara o bebê para o posterior processo de separação:

[...], sua fala lenta, destacando as palavras, funciona como uma linha perfurada numa folha de papel. Basta segui-la e, depois, destacá-la: isto já prepara o bebê para o corte do significante e, daí, separá-lo dela, de sua mãe.

Assim, através do *op's*, a voz da sereia evoca esse encantamento de outrora da voz materna, quando o significante da presença da mãe equivalia à manifestação de sua voz. A voz do grande Outro materno sucedia ao grito de chamada. E um se fundia ao outro como no canto das Sereias. (Bentata, 2009, p. 17).

Assim, nesta perspectiva, o manhês corresponderia às três dimensões características da voz das Sereias no texto grego e da voz como objeto *a*: de um lado, o grito do bebê, *phthoggos* (Real); do outro, a resposta *op's* (Imaginária) e *aoïde* (Simbólica) que a mãe produz, “ou seja, *Che vuoi?* Que quer você, meu querido?” (*ibid.*, p. 17).

Utilizando da história de Ulisses e seu encontro com as Sereias, o caminho tomado pelo autor é o de estabelecer o encontro do sujeito com o objeto voz e seu consequente fechamento em circuito (Ulisses assume o papel do sujeito em constituição e sua viagem se torna o circuito pulsional), implicando-a na constituição subjetiva, de modo a considerá-la, neste processo, a partir de suas três dimensões.

O encontro com as Sereias surge, de acordo com Bentata (*op. cit.*, p. 18), “[...] como um momento de balança, subjetivamente determinante [...]”. Nesta perspectiva, considerando a experiência desse encontro com a voz um momento “estruturalmente inaugural” (*ibid.*, p. 19), o autor esclarece que isto é o que possibilitará que ocorram as “etapas seguintes” da constituição subjetiva – oral, anal e edipiana.

Na mesma direção que segue Bentata (*op. cit.*), lembramos a afirmação de Lacan (1964/2008, p. 105) de que a pulsão invocante “[...], é a mais próxima da experiência do inconsciente.”

Desta maneira, para o supracitado autor, a experiência de Ulisses se assemelha à do *infans* “que, para se nomear, se subjetivar, deve, imperativamente, transpor a difícil etapa da montagem pulsional da Voz” (Bentata, *op. cit.*, p. 19), coisa que seria extremamente difícil para a criança autista.

Catão (2009, p. 174) nos testemunha sua prática clínica:

O trabalho clínico com autista demonstra o quanto essas três dimensões estão interligadas, pois permite observar um caminho semelhante ao que o bebê percorre desde o nascimento, a saber: do grito [...] inarticulado aos pedaços de palavra, há que se fazer uma passagem pelo encantamento melódico, travessia que implica deixar cair a materialidade sonora.

A tomada do circuito pulsional como constitutivo do sujeito é assinalada por vários autores da Psicanálise em suas elaborações teóricas, precipitadas pela prática clínica, a respeito do autismo como, por exemplo, Laznik (2011), Catão (2009), Vorcaro e Catão (2015), Vivès (2009) e outros tantos.

“No começo há invocação”, nos lembram Vorcaro e Catão (*op. cit.*), que, enfatizando a importância da dimensão simbólica na constituição subjetiva, destacam a seguinte fala de Lacan (1954-5/1985, p. 323): “Logo que existe no ser humano esse ritmo de oposição, escandido pelo primeiro vagido e por seu cessamento, algo revela-se, que é operatório na ordem simbólica.”⁷⁹

Esta ordem simbólica da qual nos fala o francês, vale lembrar mais uma vez que ela existe desde sempre e que o bebê, mesmo antes de seu nascimento, já se encontra nela inserido, havendo de se situar, no processo de constituição subjetiva, na cadeia significante, num discurso já dito. (Vorcaro & Catão, 2015).

Da experiência inaugural provocada pelo encontro com a voz do Outro e que permite as etapas de subjetivação posteriores, da qual bem nos fala Bentata (2009), depreendemos, com Vorcaro e Catão (*op. cit.*, p. 55), que “invocação e endereçamento já estão presentes no bebê recém-nascido, embora ele ainda não tenha feito da voz um objeto da pulsão”, desse modo, tanto a constituição do objeto pulsional quanto a constituição do sujeito se dão ao mesmo tempo: “nenhum dos dois é dado de saída, com o nascimento do bebê.”

No jogo de invocação e endereçamento, presentes desde os primórdios, o campo simbólico pode vigorar e o *infans* é capaz de começar a organizar seu funcionamento pulsional. Esse jogo é *jogado*, se assim o podemos dizer, “pelos dois parceiros do laço – o bebê e seu Outro cuidador – em um movimento que é via de mão dupla.” (*ibid.*, p. 57).

⁷⁹ Ressaltamos a fala de Caldas (2007) a respeito da seriação provocada pelo corte da voz (cf. f. 78), uma vez que parece soar consonante com a afirmação de Lacan de que é o corte operado no primeiro vagido, no grito, som puro, *phthoggos*, corte operado pelo Outro Primordial, que alicerçará a “matriz simbolizante”, sobre a qual nos fala Vorcaro (2002), oferecendo bases mínimas para o funcionamento da matriz simbólica.

Destacamos, com Laznik, Maestro, Muratori e Parlato-Oliveira (2005), Laznik (2011⁸⁰), Trevarthen (2005)⁸¹ e Barros e Cavalcante (2011), que o papel ativo do bebê no laço ao seu Outro cuidador tem uma relevância significativa, uma vez que, durante muito tempo, o papel do bebê foi desconsiderado por diversas teorias, que o pensavam incapaz de qualquer realização.

Vale, entretanto, ressaltar que a consideração da atividade do bebê depende do reconhecimento e da reafirmação do cuidador por meio das respostas que, ao mesmo tempo, doam sentido à atividade do bebê e enquadram-na na sua rede simbólico-imaginária-real.

Vorcaro (2017) nos esclarece que, tomadas fora de contextualização precisa, as afirmações feitas a respeito das competências e realizações precoces do neonato podem ser confundidas com atos intencionais, confusão que poderia ser evitada pela diferenciação necessária entre comunicação e ordem simbólica que, inadvertidamente, alguns autores deixam de fazer, de modo a “[...] localizar as diferentes dimensões que distinguem as comunicações inatas e a rede simbólica.” (p. 39).

Para a psicanalista, seria mais prudente chamarmos “reflexos”⁸² as competências inatas do neonato e sua atividade, pois o termo “circunscreve uma condição real insabida que, entretanto, vigorará inicialmente para sustentar o laço social sem pressupor, [...], um Eu dotado de intencionalidade, [...].” (Vorcaro, *op. cit.*, p. 47).

Com Freud, ela nos lembra que as manifestações do recém-nascido são uma via de descarga que convoca ao laço social. Neste sentido,

[...], além de manifestar o estado de desorganização neurológica do neonato – [...] – os reflexos presentes do início da vida do bebê fariam uma função de promoção de uma interação comunicativa necessária à sustentação do laço com a alteridade. Ao ler, balizar e responder aos reflexos como manifestações de um sujeito, o semelhante encontraria um meio propício para sustentar a antecipação de um sujeito que ainda está por vir, posicionando o neonato na trama simbólica que regula os laços sociais, em um lugar em que pode referenciar-se. (*ibid.*, p. 48).

Estando o *infans* localizado na rede simbólica a partir da qual pode se referenciar, rede esta possibilitada pelo jogo de “*mútuos invocação*”, do qual bem nos falam Vorcaro

⁸⁰ Laznik, Marie Christine. (2011). *Rumo à fala: três crianças autistas em psicanálise*. Procópio Abreu (Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 249p.

⁸¹ Trevarthen, C. First things first: infants make good use of the sympathetic rhythm of imitation, without reason or language. *Journal of Child Psychotherapy*, 31 (1), pp. 91-112, citado por Vorcaro e Catão, (2015).

⁸² Em oposição à utilização da palavra “pulsão” proposta por Colwyn Trevarthen (2011), em texto intitulado *Desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano de vida*, no qual o autor defende a presença de pulsões ativas intrínsecas à condição humana e que sincronizariam diferentes tipos de engajamento no ser humano (a saber, as pulsões trofotrópica, ergotrófica e comunicativa).

e Catão (2015, p. 57), no qual “[...] um chamamento é endereçado pelos dois parceiros do laço” (op. cit.), a organização do funcionamento pulsional se inicia em seu corpo, o circuito da pulsão invocante se estabelece e a constituição do sujeito será possível, tal como salientou Bentata (2009).

Nesta perspectiva, salientamos que, se por um lado o manhês vinha sendo pensado somente sob o ponto de vista da dimensão imaginária da voz – devido ao fato de suas características melódicas estarem no centro das teorizações –, por outro, ao admitirmos que a voz, enquanto objeto, deve ser pensada como sendo constituída pelas dimensões real, simbólica e imaginária, pôde-se, com Bentata (2009, p. 17), pensar (psicanaliticamente) o manhês como correspondendo “às três características próprias do canto das Sereias”, ou seja, à voz. Na esteira deste pensamento, citamos a afirmação feita por Catão (2009) de que a dimensão sonora da voz seria a responsável pelo enodamento dos três registros.

Assim, parafraseando Ferreira (2015), nos perguntamos: seria possível uma aliança entre a dimensão sonora e a voz?

4.1 Distintos, o manhês co-incide com a voz

Desde o início das elaborações teóricas a respeito da voz, ela vem sendo tomada como estritamente distinta do som. No entanto, alguns autores (vimos acima Bentata, *op. cit.*), dando continuidade ao legado de Lacan e partindo da assunção de que a voz enquanto objeto *a* não só pode como deve ser pensada a partir dos três registros psíquicos – Real, Simbólico e Imaginário – se incumbiram da tarefa de articular sonoridade e voz. Para nós isso se mostra de extremo valor teórico, pois que nos permite pensar o manhês não somente como um envelope imaginário da voz e, neste caso, em oposição ao objeto mais singular da teoria lacaniana, mas como portador das três dimensões da voz – o que o habilitaria a ser pensado como voz.

À luz do que fizera Miller (1994-5/2005; 1994/2013) ao estabelecer a esquizo entre olho e olhar (ou visão e olhar) – na qual propõe haver uma disjunção entre a função do órgão (visão) e a função psíquica (o olhar, onde o desejo do sujeito está inscrito) –, Catão (2009) salientou a materialidade incorpórea da voz e, lembrando aquela disjunção para fazer equivaler o pensamento à voz como objeto *a* – “[...] a voz, como objeto *a*, não se confunde com o som, portando, assim, a dimensão do inaudito” (p. 135) –, ela se

questiona se haveria uma relação entre voz e som, propondo haver um “jogo dialético entre voz e som” (p. 136).

A referida autora escreve:

O ritmo da melopeia materna escande o real do som, estabelecendo os primórdios de uma alternância que dará início ao funcionamento significante no futuro ser falante. A transformação de um mero som e voz resulta de uma série de operações sutis, presentes desde muito precocemente no bebê. Em termos freudianos, trata-se das operações de *Bejahung/Ausstossung*, primeiras afirmação e expulsão, respectivamente, ou, nos termos lacanianos as operações de alienação/separação. (Catão, *op. cit.*, p. 136).

No intuito de propor uma aliança entre voz e sonoridade, Ferreira (2015, p. 126) argumenta que isso somente seria possível caso admitíssemos uma dimensão sonora da voz e a presumíssemos “[...] como forma e não como substância.” Para tanto, a autora analisa, acompanhando o percurso feito por Lacan (1962-3/2005) n’*O Seminário, livro 10*, o artigo *The Shofar (The Ram’s Horn)*, de Theodor Reik (1946/1962)⁸³ – no qual o psicanalista trabalha a questão da origem da música e que serviu a Lacan para “anunciar o objeto vocal” (Ferreira, *op. cit.*, p. 126).

“Vimos-nos confundidos pela assertiva de Lacan ‘não é na fonetização que se sustenta o objeto voz’” e, como consequência disso, fomos levados a considerar sonoridade e voz como incompatíveis. Porém, a psicanalista argumenta que tal posição “não se harmoniza com o restante do desenvolvimento laciano”, principalmente no que tange à ideia de que quando algo “passa” do sistema da fonetização para o sistema de emissão, “emerge a dimensão vocal”. (*ibid.*, p. 136). Ela se baseia nas afirmações lacanianas, por sua vez apoiadas na linguística, de que emissão (e vocalização) e fonetização se diferem do seguinte modo: enquanto a fonetização compreenderia “[...] um sistema de oposições, com o que ele introduz de possibilidades de substituição e deslocamento, metáforas e metonímias” (Lacan, *op. cit.*, p. 273), emissão e vocalização introduziriam o que é propriamente da dimensão vocal.

Assim sendo, ainda de acordo com Ferreira (*op. cit.*), se, a princípio, com a afirmação de que a fonetização não sustenta a voz como objeto, voz e sonoridade figuravam em posições opostas, num segundo momento, ao introduzir a questão da vocalização e da emissão no ponto de emergência desse objeto, é justamente a dimensão sonora que se destaca.

⁸³ Reik, T. (1946/1962). *The Shofar (The Ram’s Horn)*. In *Ritual – Four Psychoanalytic Studies*. New York: Grove Press. Recuperado em 10 de novembro de 2017 de <https://pt.scribd.com/doc/32076731/Theodor-Reik-the-Shofar#download>.

Isto posto, a autora argumenta que sua hipótese se fundamenta no “[...] fato de a sonoridade [...] na dimensão vocal estar igualmente submetida às leis estruturais da linguagem”, e em conclusão à sua articulação pondera: “[...] voz e sonoridade não são incompatíveis. Do contrário, seria inteiramente incongruente pensar a paranoia como ‘a voz que sonoriza’.” (Ferreira, *op. cit.*, p. 136).

O manhês (ou o *falar babyish*, como Lacan o nomeou), ainda de acordo com a psicanalista, serve também como algo que reforça a ideia de que é possível haver uma aliança entre voz e som. Com Jakobson e Lacan, ela argumenta que a criança – em seus monólogos no berço –, tal como o adulto, “fala sem saber o que diz”, neste sentido, é coerente dizer que o que sobressai na fala “é essencialmente a dimensão vocal” – que revela a “*forma* do corpo sonoro (e não sua substância)⁸⁴”. (Ferreira, 2015, p. 137, grifos da autora). No berço, continua, quando a criança “atravessa a atividade do balbucio, os sons produzidos assumem valor fenomênico, ou seja, uma *forma* que pode ser identificada pelo ouvinte como um som da linguagem convencional, [...]”. (*ibid.*, p. 137). O atravessamento da atividade do balbucio corresponde, aí, à passagem de algo do sistema de fonetização para a dimensão vocal.

4.2 Visões divergentes sobre um mesmo relato de caso

Esses bebês que, nas atividades quotidianas de banho, amamentação, não olhavam para o pai que dele se ocupava, podiam, de uma só vez, não apenas olhar, mas também se pôr a responder, entrando numa verdadeira ‘protoconversa’. Um exemplo surpreendente encontra-se no filme do pequeno ‘Marco’. Esse bebê, então com dois meses e meio, que pode manter uma perfeita indiferença em relação ao mundo que o cerca, mostra-se repentinamente capaz de olhar a sua mãe e de responder a ela, gorjeando, quando esta lhe cantarola uma cantiga. A sua interação sustentada dura quase três minutos. Esse fragmento de filme – [...] – suscitou reações vivas por parte de colegas em diversos países do mundo. Como aceitar a ideia de que um bebê igual a esse pudesse virar autista? [...] Mas, em praticamente todo o resto desse filme caseiro, o estado de fechamento desse bebê é facilmente detectável.

A passagem que destacamos acima, citada por Maleval no livro *O autista e sua voz* (2017, pp. 286-287), diz respeito a um estudo realizado por M-C Laznik, B. Touati e F. Joly e relata o momento em que um bebê, posteriormente diagnosticado com autismo, interagiu com seus familiares enquanto ouvia a voz de sua mãe, que lhe cantava uma cantiga.

⁸⁴ Ferreira (2015, p. 137) explica essa “*forma* de corpo sonoro” como aquilo que pode ser identificado pelo ouvinte como um “som da língua convencional”.

A partir de suas pesquisas, Laznik formula a hipótese de que o manhês é capaz de chamar a atenção do bebê e engajá-lo no gozo do Outro primordial, ou seja, em seu campo pulsional. Ela relata:

Os bebês que se tornaram autistas nos levam a pensar que o recém-nascido só olharia para sua mãe – o Outro primordial de sua vida – quando ele fizesse a experiência desta prosódia na voz materna. Esta prosódia lhe possibilitaria identificar sua presença como o objeto causa de um gozo deste Outro Primordial. Ele [o bebê] vai procurar o rosto que corresponde a esta voz particular. E ele procurará também fazer-se objeto desse olhar, no qual ele lerá que ele é o objeto causa dessa surpresa e dessa alegria que a prosódia da voz e os traços do rosto materno refletem. (Laznik, 2004/2013, p. 82).

Em sua clínica, a psicanalista francesa trabalha com a hipótese do manhês construindo um laço entre bebê e Outro agindo numa possível “prevenção”⁸⁵ às síndromes autísticas ou mesmo sua cura, partindo da ideia da intervenção precoce (ou “a tempo”)⁸⁶. Para ela, o manhês possui um poder “quase absoluto” de invocação, devido às suas características – que fizeram-no ser comparado ao canto das Sereias⁸⁷ –, fator que contribuiria para a alienação do *infans* ao desejo do Outro.

Desta passagem, Maleval (2017) chega a uma conclusão oposta à que chegou a francesa: se essa criança, posteriormente diagnosticada com autismo, se interessou pela relação ao Outro não foi porque o manhês é um facilitador desse enlace, mas, justamente o contrário: é por apagar a dimensão do gozo vocal com suas características melódicas, que a criança pôde se interessar pelo que era dito, e não pela relação ao Outro – porque os autistas não suportam o desejo e o gozo veiculados pela voz, mas conseguem lidar com

⁸⁵ A este respeito, ver também, entre outros, os trabalhos de:

Jerusalinsky, A. (2017). Psicanálise com bebês: prevenção versus medicalização – A Lei 13.438 aprovada no Brasil em maio de 2017 e suas articulações com o IRDI (Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil). In Parlato-Oliveira, E., Cohen, D. (Orgs.). *O bebê e o outro: seu entorno e suas interações*. São Paulo: Instituto Langage, pp. 249 – 260;

Jerusalinsky, J. (2016/2017). Clínica com bebês: intervenção nos primórdios da constituição. In *Laço mãe-bebê – intervenções e cuidados*. Silvana Rabello; Marina Bialer (Orgs.). São Paulo: Primavera Editorial, pp. 51 – 72;

Kupfer et al. (2009). Valor Preditivo de Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*, v. 6, n. 1, p. 48-68, maio. Recuperado em 26 de agosto de 2017 de http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/latin_american/v6_n1/valor_preditivo_de_indicadores_clinicos_de_risco_para_o_desenvolvimento_infantil.pdf; (2003) Pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos para a detecção precoce de riscos para o desenvolvimento infantil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano VI, n. 2, pp. 7 – 25. Recuperado em 27 de agosto de 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000200007.

⁸⁶ A intervenção precoce (ou “a tempo”) consiste em intervir “no momento exato” (Vorcara e Ferreira, 2017, p. 102) da constituição psíquica, oferecendo bases mínimas para que as estruturas que suportam o funcionamento do inconsciente se instalem e o surgimento do sujeito seja possível (Chorne e Mariotto, 2012).

⁸⁷ Bentata (2009), Laznik (2004/2013).

as dimensões sonoras, melódicas, musicais da fala, porquanto estas estão desinvestidas da enunciação, ou seja, da presença subjetiva escancarada pelo objeto voz. Ele pondera que o manhês comporta um “descentramento da enunciação” ocasionado pela protoconversa – ou seja, falar no lugar do bebê, pelo bebê. Neste sentido, o bebê não compreenderia o sentido do que lhe é dito, “mas, quando é autista, percebe na entonação do ‘falar do bebê’ que a voz do locutor se ausentou e que aquele que fala não afirma, ali, a sua presença enunciativa. É por isso que o motherese não o angustia.” (Maleval, *op. cit.*, p. 288).

A psicanalista francesa faz coincidir o objeto voz com a prosódia do manhês, por isso a visão díspar em relação à de J-C. Maleval. Entretanto, o psicanalista ressalta o importante aspecto da fala materna encontrar-se, nessas condições, desprovida de enunciação própria, pois fala o que supõe ser o que a criança falaria, fala em nome da criança, como uma isca para, aí, físgar a criança da deriva em que está mergulhada, no mar do fluxo vital, para introduzi-la, amarrando-a em solo simbólico. A voz seria aí o que se mantém perdido nos intervalos entre os significantes pronunciados pela fala materna, real da voz que conjuga criança e mãe, organismo e campo simbólico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, se as elaborações lacanianas a respeito do *objeto a* voz foram escassas, elas foram, no entanto, capitais. A partir do entendimento do objeto *a* sob a forma do corte real, na extensão simbólico-imaginária que produz a cena do mundo, foi possível pensar e entender a voz como pertencente a esta “categoria” de objeto e inseri-la numa exclusiva lista.

As formulações de Lacan permitiram aos psicanalistas que o sucederam pensar a voz como distinta da fala e do som – “[...], a voz no sentido dado por Lacan, não somente não é fala, como em nada é o falar” (Miller, 1994/2013, p. 7) –, como não relacionada à entonação – “[...] a linguística da entonação nada tem a ver com a voz lacianiana que não é entonação, já que sua posição é essencialmente fora do sentido” (*Ibidem*, p. 7), e disjunta de qualquer intenção de sentido – : “A voz é tudo aquilo que, do significante, não concorre para o efeito de significação” (*Ibid.*, p. 7).

Vimos seguir este caminho, além de Miller, também Heloísa Caldas – cuja contribuição teórica nos permite entender que a voz, ainda que disjunta de qualquer aspecto sonoro, tem seu suporte na função orgânica da respiração que imprime o corte significante (fato entrevisto por Lacan). A respiração, assim, opera o corte que fabrica o intervalo, o vazio de onde a voz emerge em meio ao material sonoro.

Tendo em vista esta e tantas outras asserções que destacamos aqui, julgamos prudente levar em consideração o que caracteriza o manhês: se, por um lado, fica evidente que são suas características mensuráveis que nos saltam aos ouvidos, tais como a prosódia, deixando embevecidos os bebês que nelas se deixam enveredar, por outro, é sua escansão, sua marca de vazio que propicia o encantamento do *infans*, na medida em que a presença da ausência franqueia a distinção de segmentos, convocando no *infans* a pressa em articulá-los numa concatenação que lhes confere seguimento. Essa lacuna oferecida pelo discurso do Outro fisga o laço, é justamente onde, no Outro, algo do *infans* pode alocar-se, fazendo da voz o objeto específico do qual se ocupa a Psicanálise: em torno do vazio.

Neste sentido, retomamos os estudos publicados por Laznik e Parlato-Oliveira (2010) que nos mostram as imagens de fragmentos de fala (cf. f. 20, fig. 01 deste trabalho) referentes à fala manhês, em que é possível notar espaços vazios, para os quais as autoras chamam a atenção dos leitores, identificando ali, nestes espaços vazios, o que o torna

diferente de uma fala dirigida a adultos, e que, pensamos, pode bem deixar emergir a voz propriamente dita.

Vale também ressaltar o fato de que no manhês, como na voz – que em nada tem a ver com o sentido –, não importa o sentido das palavras faladas ao bebê. Para este, a significação que orienta o discurso dessas palavras será dado *a posteriori*, depois de terem ressoado em seu corpo, a partir da amarração entre as escansões e a lógica significante, na produção da significação, feita pelo próprio sujeito.

Estas considerações não nos autorizam fazer a afirmação de que o manhês é voz, afinal, suas principais características se opõem àquelas que, a princípio, distinguem a voz como objeto *a*, como apontaram Vivès (2016) – ao considerar que o manhês corresponde ao envelope imaginário da voz –, e Maleval (2017) – ao ponderar que a voz não é identificável à entonação ou à fala materna, e que “melodia, cantiga e música apagam a voz”. Podemos apenas concluir que o manhês – enquanto discurso privado que o agente da função materna vocaliza convocando o bebê ao campo simbólico – opera com o objeto voz, que se mantém constricto nos intervalos significantes da fala a ele dirigida. Ressalta-se, ainda, que este objeto voz só pode ser alvo de elucubração do bebê na modalização em que este escuta e escande a fala, e não naquela que foi emitida ou mesmo registrada por terceiros.

Em consonância a este entendimento, encontramos as ponderações de Bentata (2009) e Ferreira (2015), outrora destacadas aqui. Cada um a seu modo, estes autores nos auxiliam no entendimento de que é possível pensar que a vocalização manhês e o objeto voz partilham incidências comuns, pois articulam seus efeitos distintos sobre o agente materno e sobre a criança, de modo que não é contraditório concebê-los conjuntamente.

Nesta perspectiva, salientamos que, se por um lado o manhês vinha sendo tomado somente sob o ponto de vista da dimensão imaginária da voz – devido ao fato de suas características melódicas estarem no centro das teorizações –, por outro, admitimos que o objeto pulsional voz é constituído pelas interpenetrações entre as dimensões Real, Simbólico e Imaginário, como Bentata (*op. cit.*) nos ensinou a considerar o manhês, que circunscreve a voz, enquanto objeto *a*, nas três características do canto das Sereias. Afinal, esses registros do dizer – ou *dit-mansions* lacanianas (casas do dizer) – localizam o habitat em que o ser falante transita.

Com a afirmação laciana de que voz e sonoridade não são incompatíveis (cf. f. 86 do presente trabalho), Ferreira (*op. cit.*) adverte que o manhês faz aliança entre

sonoridade e voz: estas não se dissociam, pois apenas na continuidade sonora a escansão da voz pode se distinguir.

De nosso lado, cabe considerar que o campo pelo qual enveredamos se mostra ainda muito frutífero teoricamente, permitindo aos psicanalistas que a ele se dedicam o exercício da articulação e rearticulação teórica a partir do que a prática clínica apresentar e, conseqüentemente, demandar.

Assim, nosso estudo não é uma peça que apresenta e esgota todas as possibilidades de entendimento acerca da voz e do manhês, mas sim um intento de contribuição à teoria e à prática psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Aristóteles. (2010). *Sobre a Alma*. In _____. (Obras completas, vol. III, tomo I). Recuperado em 17 de junho de 2017 de <https://portalconservador.com/livros/Aristoteles-Sobre-a-Alma.pdf>.
- Barros, A. T. M. de C., Cavalcante, M. C. B. (2011). Manhês: qualidade vocal e deslocamento na dialogia mãe-bebê. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 7, Curitiba. Anais.... Recuperado em 27 de setembro de 2016, de http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Andressa_Barros.PDF
- Bechara, Evanildo. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bentata, Hervè. (2009). O canto de sereia: Considerações a respeito de uma incorporação frequente da voz materna. *Reverso*, 31(57), 13-20. Recuperado em 17 de outubro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Berges, J., Balbo, G. (2002). *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo*. Trad. Ângela Vorcaro, Nina Virgínia de Araújo Leite, Viviane Veras. Porto Alegre: CMC Editora.
- Caldas, Heloísa. (2007). *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Catão, Inês. (2010). A voz na clínica psicanalítica com os que não falam: diagnóstico e intervenção precoce. In: Barbosa, Denise Carvalho; Parlato-Oliveira, Erika (Orgs.). *Psicanálise e clínica com bebês: sintoma, tratamento e interdisciplinaridade*. (pp. 112-124). São Paulo: Instituto Langage.
- Catão, Inês. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 240p.
- Cavalcante, Marianne Carvalho Bezerra. (2001). Melodias maternas – um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: Camarotti, M. C. (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. (pp. 79 – 95). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chorne, K., Mariotto, R. M. M. (2012). O atendimento clínico do laço mãe-bebê – relato de um caso. In Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F., Mariotto, R. M.

M. (Orgs.). *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância*. (pp. 227 – 242). São Paulo: Escuta/FAPESP.

Coutinho Jorge, Marco Antônio. (2015). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 192p.

_____. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 288p.

Ferenczi, Sándor. (1933/1992). Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In: *Psicanálise IV*. (pp. 97 – 106). (Álvaro Cabral, Trad.). (Obras Completas de Sándor Ferenczi, vol. 4). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Ferguson, Charles A. (1964). Baby talk in six languages. In: *The Ethnography of Communication*, Volume 66, Issue 6_PART2. December, pages 103–114
Recuperado em 20 de julho de 2017 de
http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1964.66.suppl_3.02a00060/epdf

Fernald, A., Simon, T. (1984). Expanded Intonation Contours in Mothers' Speech to Newborns. *Developmental Psychology*, vol. 20, nº 1, 104-113. Recuperado em 21 de setembro de 2016, de <http://www-psych.stanford.edu/~babylab/pdfs/Fernald%26Simon%201984.pdf>.

Fernald, Anne. (1992). Human Maternal Vocalizations to Infants as Biologically Relevant Signals: An Evolutionary Perspective. In: *The Adapted Mind*. Evolutionary Psychology and the Generation of Culture. Edited by Jerome H. Barkow, Leda Cosmides, John Tooby. Oxford University Press, Inc., 391 – 428. Recuperado em 22 de setembro de 2016, de <https://web.stanford.edu/group/langlearninglab/cgi-bin/publications/Fernald.AdaptedMind.1992.pdf>.

Fernald, Anne. (1989). Intonation and Communicative Intent in Mothers' Speech to Infants: Is the Melody the Message? *Child Development*, vol. 60, nº 6, dec., 1497-1510. Recuperado em 22 de setembro de 2016, de <http://infantlab.fiu.edu/articles/fernalda%201989.pdf>.

Ferreira, Severina Maria Oliveira. (1990). *A interação mãe-bebê – os primeiros passos*. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras e Linguística da UFPE para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Recife, 380p.)

- Ferreira, Sílvia. (1997). A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: Wanderley, Daniele de B. (Org.) *Palavras em torno do berço*. (pp. 77 – 88). Salvador: Álgama.
- Ferreira, Severina Sílvia. (2001). Por que falar ao bebê se ele não entende? In: Camarotti, Maria do Carmo (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. (pp. 97 – 104). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, Severina Sílvia. (2011). O manhês e o impossível da língua. In: Laznik, M. C.; Cohen, D. (Org.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. (pp. 243 – 251). (Érika Parlato-Oliveira; Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly; Gabriela Araújo; Sirley Alves da Silva Carvalho, Trad.). São Paulo: Instituto Langage.
- Ferreira, Severina Sílvia. (2015). Voz e sonoridade: uma aliança. In: Maliska, Maurício Eugênio (Org.). *A voz na psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura*. (p. 125 – 139). Curitiba: Juruá.
- Freud, Sigmund. (1925/2011). A negação. In: *O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos*. (p. 249 – 255). (Paulo César de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obras Completas; vol. 16).
- Freud, Sigmund. (1915/2015). *As pulsões e seus destinos*. (Pedro Heliodoro Tavares, trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; vol. 2).
- Freud, Sigmund. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos*. (Paulo César de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13 – 72. (Obras Completas, volume 6).
- Fink, Bruce. (1998). *O sujeito lacaniano – entre a linguagem e o gozo*. (Maria de Lourdes Duarte Sette, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Garcia-Roza, Luiz Alfredo. (2009). *Freud e o inconsciente*. (24 ed.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 236p.
- Gayotto, Helena Lucia. (2005). Dinâmicas de movimento da voz. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 17(3): 401-410, dezembro. Recuperado em 23 de setembro de 2016, de <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/11735/8458>

Gratier, Maya. (2011). As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: Laznik, M. C.; Cohen, D. (Org.) *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. (pp. 79–84). (Érika Parlato-Oliveira; Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly; Gabriela Araújo; Sirley Alves da Silva Carvalho, Trad.). São Paulo: Instituto Langage.

Lacan, J. (1954-5/1985). A análise objetiva. In _____. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (pp. 321 – 324). (M. C. Laznik Penot, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1955-56/1988). Do não-senso, e da estrutura de Deus. In: _____. *O seminário, livro 3: as psicoses*. (pp. 137 – 150). (Aluísio Menezes, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1955-56/1988). Do significante no real, e do milagre no uivo. In: _____. *O Seminário, livro 3: as psicoses*. (pp. 151-165). (Aluísio Menezes, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1956-7/1995). As três formas da falta de objeto. In: _____. *O Seminário, livro 4: as relações de objeto*. (pp. 24 – 39). (Dulce Duque Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1957-58/1999). Da imagem ao significante no prazer e na realidade. In: _____. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (pp. 221 – 240). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1957-58/1999). O que entra pelo ouvido. In: _____. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (pp. 291 – 303). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1957-58/1999). O significante, a barra e o falo. In: _____. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (pp. 347 – 364). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1958-9/2016). Construção do grafo. In: _____. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (pp. 11 – 33). (Claudia Berliner, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques. (1958-59/2016). A fantasia fundamental. In: _____. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (pp. 383 – 400). (Claudia Berliner, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1958-9/2016). A forma do corte. In: _____. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (pp. 401 – 418). (Claudia Berliner, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1958-9/2016). Corte e fantasia. In: _____. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (pp. 419 – 435). (Claudia Berliner, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1961-2). *O Seminário, livro 9: A identificação*. (Inédito).

_____. (1962-63/2005). A voz de Javé. In: _____. *O Seminário, livro 10: a angústia*. (pp. 266 – 279). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1962-63/2005). O que entra pelo ouvido. In: _____. *O Seminário livro 10: a angústia*. (pp. 291 – 303). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1962-63/2005). Do anal ao ideal. In: _____. *O Seminário, livro 10: a angústia*. (pp. 320 – 336). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1962-63/2005). De um círculo irreductível ao ponto. In: _____. *O Seminário, livro 10: a angústia*. (pp. 337 – 351). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1964/2008). A linha e a luz. In: _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (pp. 93 – 105). (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1964/2008). Desmontagem da pulsão. In: _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (pp. 159 – 170). (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1964/2008). A pulsão parcial e seu circuito. In: _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (pp. 171 – 182). (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques. (1964/2008). Do amor à libido. In: _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (pp. 183 – 195). (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

- _____. (1966/1998a). Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. *Escritos*. (pp. 238 – 324). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1966/1998b). A coisa freudiana ou Sentido do retorno à Freud em psicanálise. In: _____. *Escritos*. (pp. 402 – 437). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. Radiofonia. (1970/2003). In _____. *Outros Escritos*. (p. 400 – 447). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1973/2003). Televisão. In: _____. *Outros Escritos*. (p. 508 – 543). (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laznik, Marie-Christine; Parlato-Oliveira, Érika. (2010). Em busca da melodia. *Mente e Cérebro*, Brasília, n. 2, 57-61.
- Laznik, Marie Christine. (2011). Linguagem e comunicação do bebê de zero a três meses. In: Laznik, M. C.; Cohen, D. (Org.) *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. (pp. 93–99). (Érika Parlato-Oliveira; Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly; Gabriela Araújo; Sirley Alves da Silva Carvalho, trad.). São Paulo: Instituto Langage.
- _____. (2004/2013). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. In: Daniele de Brito Wanderley (Org.) *A voz da sereia*. (pp. 69 – 87). (Cláudia Mascarenhas Fernandes Rohenkol, trad.). Salvador: Álgama. (Coleção Calças Curtas).
- _____. (2004/2013). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional – Quando a alienação faz falta. In: _____. *A voz da Sereia*. (pp. 49 – 68). (Cláudia Mascarenhas Fernandes Rohenkol, trad.). Salvador: Ágalma. (Coleção de Calças Curtas).
- Laznik, M. C., Maestro, S., Muratori, F., & Parlato, E. (2005). Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. In: *Colóquio franco-brasileiro sobre a clínica com bebês*, 1, Paris. Recuperado em 14 de maio de 2016, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000072005000100004&lng=en&nrm=abn
- Lucero, Ariana. (2015). *Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações sobre o objeto a em Lacan*. (Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas

Gerais). Recuperado em 1º de agosto de 2017 de [http://www.fafich.ufmg.br/ppgpsicologia/attachments/article/276/Tese%20Ariana%20Lucero%20vf%20\(lan%C3%A7ada\).pdf](http://www.fafich.ufmg.br/ppgpsicologia/attachments/article/276/Tese%20Ariana%20Lucero%20vf%20(lan%C3%A7ada).pdf)

Maliska, Maurício Eugênio. (2008a). *A voz e o ritmo nas suas relações com o inconsciente*. (Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina). Recuperado em 17 de junho de 2017 de <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp138381.pdf>

_____. (2008b). Saussure e a voz. *ReVEL*. Edição especial, n. 2. ISSN 1678-8931. Recuperado em 18 de junho de 2017 de http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_voz.pdf

Maliska, Maurício Eugênio, Souza, Pedro de. Apresentação. (2017). In: Maliska, Maurício Eugênio, Souza, Pedro de (Orgs.) *Abordagens da voz a partir da análise de discurso e da psicanálise*. (pp. 7 – 13). Campinas: Pontes Editores.

Maleval, Jean-Claude. (2017). *O autista e sua voz*. (Paulo Sérgio de Souza Jr., trad.) São Paulo: Blucher.

Mendes, Conrado Moreira. (2014). Algumas abordagens para o estudo da voz. *Texto livre, linguagem e tecnologia*, vol. 07, núm. 01, pp. 129 –140. Recuperado em 17 de junho de 2017 de <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/viewFile/6088/5264>.

Miller, J-A. (1994-5/2005). *Silet – os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. 334p.

Miller, Jacques-Alain. (1994/2013). Jacques Lacan e a voz. *Opção Lacaniana online*. (Lourenço Astua de Moraes, Renata Ceccheti, trad.). Ano 4, nº 11, julho. Recuperado em 18 de abril de 2014 de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf

_____. (2014). Apresentação do Seminário 6: o desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana online*. (Vera Avellar Ribeiro, trad.). Ano 5, nº 14, julho. Recuperado em 13 de agosto de 2017 de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_14/Apresentacao_do_seminario_6.pdf

Nasio, J-D. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 171p.

- Nasio, J-D. (2011). *Os olhos de Laura – somos todos loucos em algum recanto de nossas vidas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 167p.
- Pierotti, M. M. de S., Levy, L., Zornig, S. A.-J. (2010). O manhês: costurando laços. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 15, n. 2, dezembro. Recuperado em 27 de junho de 2016, de http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200009&lng=en&nrm=iso
- Pinker, Steven. (1994/1995). *The language instinct: how the mind creates language*. New York: Morrow and Co., 483p.
- Piovezani, Carlos, Salazar, Philippe-Joseph. (2016). A voz humana na era das redes sociais. *Cadernos de Estudos Linguísticos – (58.1)*, Campinas, pp. 167-178 - jan. / abril. Recuperado em 19 de junho de 2017 de <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/5030/5370>
- Porge, Erik. (2014). *A voz de Eco*. (Viviane Veras, trad.). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.
- Porge, Erik. (2015). As vozes, a voz. In: Maliska, Maurício Eugênio (Org.). *A voz na psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura*. (pp. 21 – 45). Curitiba: Juruá.
- Quinet, Antônio. (2000/2016). A estrutura significante e a pulsão. In: _____. *A descoberta do inconsciente – do desejo ao sintoma*. (pp. 37 – 62). Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 82p.
- Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (Vera Ribeiro, Lucy Magalhães, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 874p.
- Stahlschmidt, Ana Paula Melchior. (2002). *A canção do desejo – Da voz materna ao brincar com sons, a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito*. (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Doutora em Educação. Rio Grande do Sul, 320p.). Recuperado em 15 de maio de 2016 <http://hdl.handle.net/10183/77968>

Stahlschmidt, Ana Paula Melchior. (2001). Dos sons à palavra: um ensaio sobre a musicalidade da relação mãe-bebê. In: CAMAROTTI, M. C. (Org). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. (pp. 105 – 115). São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2008). *A canção do desejo: a música na relação pais-bebê*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Saint-Georges, C, Chetouani, M, Cassel, R, Apicella, F, Mahdhaoui, A, Muratori, F, Laznik, M-C et al. (2013). Motherese in Interaction: At the Cross-Road of Emotion and Cognition? (A Systematic Review). *PLoS ONE*, v. 8, n. 10, oct., p. 1-17. Recuperado em 20 de setembro de 2016, de <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0078103>.

Snow, Catherine Elizabeth. (1977). Mothers' speech research: from input to interaction. In: *Talking to Children – language input & acquisition*. (pp. 31 – 49). Edited by Catherine E. Snow & Charles A. Ferguson. Cambridge University Press.

Tabith Júnior, Alfredo. (1981). *Foniatría: disfonias, fissuras labiopalatais, paralisia cerebral*. 2ed. São Paulo: Cortez, autores associados.

Trevarthen, C., Aitken, K. (2001). Infant Intersubjectivity: Research, Theory, and Clinical Applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42 (1): 3-48. Recuperado em 09 de setembro de 2016, de https://www.researchgate.net/publication/12124855_Infant_Intersubjectivity_Research_Theory_and_Clinical_Applications?enrichId=rgreq-3e6bc177ae918a796e641ec0a3fcddc5-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzEyMTI0ODU1O0FT0jE0Njc1MTQ5NTM0ODIyNEAxNDExOTk5NjkxNzc0&el=1_x_2.

Trevarthen, Colwyn. (2011). Desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano de vida. In: Laznik, Marie Christine; Cohen, David. *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. (pp. 117 – 126). (Érika Parlato-Oliveira; Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly; Gabriela Araújo; Sirley Alves da Silva Carvalho, trad.). São Paulo: Instituto Langage.

Vivès, Jean-Michel. (2012). *A voz na clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa / Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro.

Vivès, Jean Michel. (2009). Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 2, pp. 329-341, junho de 2009. Recuperado em 13 de maio de 2016 de

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200007

- Vorcaro, Â., Catão, I. (2015). Invocação e endereçamento: sobre a sustentação teórica de uma práxis com o *infans*. In: Maliska, M. E. (Org.). *A voz na psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura*. (pp. 47 – 62). Curitiba: Juruá.
- Vorcaro, A., Ferreira, T. (2017). *O tratamento psicanalítico de crianças autistas: diálogos com múltiplas experiências*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Vorcaro, A. (2017). Sobre o instintivo e o pulsional no recém-nascido. In Rabello, S., Bialer, M. (Orgs.). *Laço mãe-bebê: intervenções e cuidados*. (pp. 37 – 49). São Paulo: Primavera Editorial.
- Vorcaro, A. M. R. (No prelo). Um refrão surdo ressoa no corpo. In: Brugarelli, C. G (Org.). *Padecer do significante, a questão do sujeito*. Campinas: Mercado de letras.